



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
E CONTEMPORANEIDADE (PPGEduC)**

WÂNIA DIAS DA CRUZ

**JUVENTUDES CONECTADAS: AS MARCAS DO LETRAMENTO  
POLÍTICO DOS JOVENS NO FACEBOOK**

Salvador - BA  
2020

**WÂNIA DIAS DA CRUZ**

**JUVENTUDES CONECTADAS: AS MARCAS DO LETRAMENTO  
POLÍTICO DOS JOVENS NO FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC, da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus I, como requisito para obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa IV: Educação, Currículo e Processos Tecnológicos

Orientadora: Profa. Dra. Obdália Santana Ferraz Silva

Salvador - BA  
2020

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB  
Dados fornecidos pelo autor

C957j

Cruz, Wânia Dias da

JUVENTUDES CONECTADAS: AS MARCAS DO LETRAMENTO  
POLÍTICO DOS JOVENS NO FACEBOOK / Wânia Dias da Cruz.--  
Salvador, 2020.

156 fls.

Orientador(a): Obdália Santana Ferraz Silva.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da  
Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em  
Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Câmpus I. 2020.

1.Letramento Político nas Redes Sociais. 2.Redes Sociais da  
Internet. 3.Juventudes.

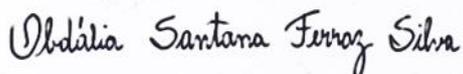
CDD: 370

## FOLHA DE APROVAÇÃO

### JUVENTUDES CONECTADAS: AS MARCAS DO LETRAMENTO POLÍTICO DOS JOVENS NO FACEBOOK

WÂNIA DIAS DA CRUZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 11 de maio de 2020, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



**Profa. Dra. Obdália Santana Ferraz Silva**  
**Universidade do Estado da Bahia - UNEB**  
**Doutorado em Educação**  
**Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil**



**Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto**  
**Universidade Federal da Bahia - UFBA**  
**Doutorado em Educação**  
**Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil**



**Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro**  
**Universidade do Estado da Bahia - UNEB**  
**Doutorado em Educação**  
**Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil**

À Elen, Enzo e Vó Íria  
pela leveza e alento do amor cotidiano,  
que me fortaleceu em dias difíceis  
e inspirou dias felizes.  
À Bêda pela dedicação, carinho e paciência.  
Obrigada por aceitar trilhar esse caminho comigo.

## AGRADECIMENTOS

Escrever agradecimentos é sempre um risco ao ato falho. A quem agradecer? Quem citar? Como demonstrar reconhecimento pelo apoio? Os sentimentos são diversos e, nem sempre, conseguimos expressá-los da maneira como gostaríamos ou como o outro espera que façamos.

Para além disso, não acredito que o caminho da gratidão seja apenas a exaltação do esforço individual. Trata-se, sobretudo, do reconhecimento da importância do agir coletivo e de tudo o que conquistamos quando atuamos juntos.

Cada pessoa que cruzou a minha vida, cada encontro de amigos, cada almoço em família, cada conversa de corredor com conhecidos, ou mesmo desconhecidos, cada despretenhoso abraço em um dia difícil, foram importantes para este processo de escrita.

Assim como defendo neste estudo, acredito absolutamente que aprendemos com o outro, a todo o momento, em diferentes espaços, a partir de diferentes experiências, tipos e níveis de interação.

Esses escritos nascem da rede de solidariedade que construímos ao nos conectarmos uns com os outros, compondo um círculo virtuoso de produção coletiva de saberes fundamentais para a nossa própria evolução.

Esta pesquisa é, portanto, resultado de uma intensa troca de ideias e de afetos, o que me permite dizer que sua autoria é também assinada pelas incríveis relações tecidas no cotidiano, nas emoções, na leitura das letras e do mundo.

Assim foi o meu percurso, costurando ideias, conceitos, teorias, a partir de diferentes e valiosas experiências oportunizadas pelo coletivo humano. Ninguém caminha sozinho, mesmo que, às vezes, pareça que sim. Lado a lado nos fortalecemos e juntos nosso potencial é infinito.

De todos para todos, muito obrigada!

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 01:</b> Pesquisa por descritores, com recorte temporal entre 2014 e 2018	21
<b>TABELA 02:</b> Trabalhos que dialogam com este estudo	22
<b>TABELA 03:</b> Definição das etapas de pesquisa	72
<b>TABELA 04:</b> Caracterização dos sujeitos de pesquisa	81
<b>TABELA 05:</b> Fases da entrevista semiestruturada	84
<b>TABELA 06:</b> Definição das categorias de análise	92

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01:</b> Fragmento do questionário online	76
<b>FIGURA 02:</b> Resultado de pesquisa RSI preferida entre jovens	77
<b>FIGURA 03:</b> Resultado de pesquisa RSI com mais informações sobre política	77
<b>FIGURA 04:</b> RSI com maior número de usuários ativos mensais no mundo	78
<b>FIGURA 05:</b> Trecho de resposta de Zuzu ao questionário	80
<b>FIGURA 06:</b> Trecho de resposta de Pagu ao questionário	80
<b>FIGURA 07:</b> Reprodução de postagem: bombardeio dos EUA ao Irã	101
<b>FIGURA 08:</b> Reprodução de postagem: influência da religião no governo	103
<b>FIGURA 09:</b> Reprodução de postagem: democracia e eleições CASP	105
<b>FIGURA 10:</b> Reprodução de postagem: democracia e eleições 2018	106
<b>FIGURA 11:</b> Reprodução de postagem: democracia e votação	106
<b>FIGURA 12:</b> Reprodução de postagem: flexibilização do porte de armas	109
<b>FIGURA 13:</b> Reprodução de postagem: atentado contra Bolsonaro	110
<b>FIGURA 14:</b> Reprodução de postagem: <i>fake news</i>	117
<b>FIGURA 15:</b> Reprodução de postagem: mobilização Reforma da Previdência	122
<b>FIGURA 16:</b> Reprodução de postagem: filiação ao partido político	124
<b>FIGURA 17:</b> Reprodução de postagem: resultado das eleições 2018	131

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1 Memórias do percurso formativo e implicações de pesquisa	12
1.2 Ressignificando o já dito	21
<b>2 UBIQUIDADE E MIXAGENS: AS EDUCAÇÃO DA CONTEMPORANEIDADE</b>	<b>31</b>
2.1 Do relógio mecânico à internet: desencaixe do tempo e do espaço e as relações sociais	33
2.2 Quem sabe, sabe! (?)	37
2.3 Redes Sociais na Internet e a Educação informal: o aprender no cotidiano	41
<b>3 JUVENTUDES E LETRAMENTO POLÍTICO NAS REDES SOCIAIS</b>	<b>48</b>
3.1 A condição da juventude na contemporaneidade	51
3.2 Letramentos e os horizontes do ensinar e do aprender	53
3.2.1 Letramentos e suas concepções	56
3.2.2 Letramento político: definição e contexto	59
3.4 Redes Sociais na Internet como esfera pública: do entretenimento ao letramento político	61
<b>4 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b>	<b>67</b>
4.1 Abordagem e método de pesquisa	67
4.1.1 Corpos virtuais: as representações do eu no ciberespaço	73
4.1.1.1 Expressões corporais no ciberespaço	52
4.2 Dispositivos, <i>locus</i> e sujeitos da pesquisa	76
4.2.1 Definição do <i>locus</i> da pesquisa	77
4.2.2 Definição dos sujeitos da pesquisa	79
4.3 Dispositivo de construção e análise de dados	82
<b>5 PARA COMPREENDER O FENÔMENO: ANÁLISE DO CORPUS</b>	<b>87</b>
5.1 Unitarização: caos e desordem	88
5.2 Categorização: agrupando sentidos	90
5.3 Interpretação: uma tempestade de luz	94
<b>6 TEORIZANDO OS “NÓS”: COM A PALAVRA, OS SUJEITOS DA EXPERIÊNCIA</b>	<b>96</b>
6.1 Juventudes, sociabilidades no Facebook e construção do conhecimento	96
6.2 Juventudes, Letramento Político no Facebook e Manutenção da Democracia	112

<b>6.3 “Obsolescência” da Educação Formal e a (des)apropriação do letramento político construído pelas juventudes no Facebook</b>	<b>126</b>
<b>7 O CAMINHAR NÃO SE ENCERRA AQUI, POIS O NOVO SEMPRE VEM</b>	<b>135</b>
<b>8 REFERÊNCIAS</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICE A</b>	<b>147</b>
<b>APÊNDICE B</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICE C</b>	<b>150</b>
<b>APÊNDICE D</b>	<b>152</b>
<b>APÊNDICE E</b>	<b>154</b>

## RESUMO

O presente estudo pretende promover reflexões sobre como os debates no Facebook potencializam a construção do letramento político das juventudes. Nessa perspectiva, busca-se conhecer as formas de sociabilidades e interação das juventudes nessa rede social, identificar marcas discursivas que revelem o letramento político dos jovens, além de investigar como os sujeitos percebem a apropriação que a escola faz do letramento político construído pelos jovens nas redes. Nessa caminhada, esta pesquisa visa fomentar discussões sobre o letramento político revelado pelos jovens, no Facebook, refletindo sobre as perspectivas sociais contemporâneas que emergem das tecnologias digitais conectadas, a partir das teorias de Lévy (2000); Castells (2013), Pariser (2012); A discussão teórica desta pesquisa se dará a partir das seguintes categorias de análise: Redes Sociais na Internet (RECUERO, 2009); Juventudes (PAIS, 1990; DAYRELL, 2007; CARRANO, 2012); Letramento Político (COSSON, 2015). Definiu-se como loci de pesquisa o Facebook e como caminho metodológico a pesquisa de campo qualitativa, analítica e descritiva, inspirada nos princípios da netnografia (KOZINETS, 2014) e da etnografia (GEERTZ, 2001) e, para análise e interpretação dos dados, utilizou-se a Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016). Os resultados desta pesquisa expressam que o Facebook apresenta características que são compatíveis com a construção do letramento político das juventudes. Clarificou-se que o ativismo e a prática política nessa rede social potencializam o letramento político dos sujeitos somados aos modos tradicionais de participação política, destacando a mixagem de aprendizagens e de espaços pedagógicos como fundamental para a construção do letramento político das juventudes. Nada acontece de forma isolada. É necessária uma atuação coletiva de todos os agentes de letramento.

**Palavras-chave:** Juventudes. Redes Sociais na Internet. Letramento Político nas redes sociais.

## ABSTRACT

This study aims to promote reflections on how the debates on Facebook enhance the construction of political literacy among youth. In this perspective, we seek to know the forms of sociability and interaction of youths in this social network, identify discursive marks that reveal the political literacy of young people, in addition to investigating how the subjects perceive the appropriation that the school makes of the political literacy built by young people in networks. In this way, this research aims to foster discussions about the political literacy revealed by young people, on Facebook, reflecting on the contemporary social perspectives that emerge from the connected digital technologies, based on the theories of Lévy (2000); Castells (2013), Pariser (2012); The theoretical discussion of this research will take place from the following analysis categories: Social Networks on the Internet (RECUERO, 2009); Youth (PAIS, 1990; DAYRELL, 2007; CARRANO, 2012); Political Literacy (COSSON, 2015). Facebook was defined as a research loci and qualitative, analytical and descriptive field research was inspired by the principles of netnography (KOZINETS, 2014) and ethnography (GEERTZ, 2001) and, for data analysis and interpretation, Discursive Textual Analysis (MORAES; GALIAZZI, 2016) was used. The results of this research express that Facebook has characteristics that are compatible with the construction of political literacy of youth. It was clarified that activism and political practice in this social network potentiate the political literacy of the subjects added to the traditional modes of political participation, highlighting the mix of learning and pedagogical spaces as fundamental for the construction of political literacy of youth. Nothing happens in isolation. Collective action by all literacy agents is required.

Keywords: Youth. Social Networks on the Internet. Political Literacy on social networks.

## INTRODUÇÃO

A descrição de um processo pessoal de construção dos desejos e implicações de uma pesquisa é transversal ao próprio pesquisador, perpassa sua subjetividade e particularidades próprias do ser humano. São relatos que emergem do cotidiano, das relações pessoais, das experiências e, por isso, peço licença para escrever em primeira pessoa nesse momento de relatoria dos caminhos que me trouxeram até aqui.

### 1.1 Memórias do percurso formativo e implicações de pesquisa

No final de 2015, durante uma conversa com um jovem de 17 anos, estudante do Ensino Médio, sobre a grave crise política no Brasil, me surpreendi com sua resposta. Ao indagá-lo sobre seu posicionamento político, ele respondeu: “Essa é uma discussão sem fim, prefiro não achar nada. Prefiro não participar disso”.

Saí da conversa pensativa, reflexiva. Como é possível que ele realmente acredite que pode não fazer parte dessa discussão? Vou além: como é possível que, inserido nesse universo digital, bombardeado por informações de todos os lados, ele ainda se coloque nessa posição apolítica? Lembrei-me imediatamente de Gramsci. Na segunda década do século XX, Antônio Gramsci escreveu o texto “Os Indiferentes”, do livro “Convite à Leitura de Gramsci”, no qual fala exatamente sobre a passividade e inércia de muitas pessoas: “Como Friederich Hebbel acredito que ‘viver significa tomar partido’. Não podem existir os apenas homens, estranhos à cidade. Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão e partidário” (GRAMSCI, 1917, grifo do autor)<sup>1</sup>.

Essa é justamente a minha inquietação. Como é possível viver sem tomar partido? Será que essa é, de fato, uma escolha ou seria uma condição? Será que esses jovens compreendem os códigos políticos de forma a conseguir interagir com eles? Será que é a ignorância que os afasta da participação?

A história revela que, em diversos momentos políticos importantes do Brasil, o protagonismo juvenil foi decisivo e culminou em grandes transformações políticas, sociais e culturais; como durante a Ditadura Militar (1964-1985), momento em que os jovens atuaram diretamente na luta pela retomada da democracia no país. As juventudes

---

<sup>1</sup> Trecho do texto Os Indiferentes, do livro “Convite à Leitura de Gramsci”, retirado do site Marxists disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1917/02/11.htm>, acesso em 8 abr. 2019

vinculavam-se a partidos políticos e organizações estudantis porque acreditavam em ideologias abrangentes, confiavam na transformação a partir da luta pelo bem-estar coletivo. Mas o que mudou?

Para o filósofo francês Lipovetsky (2018)<sup>2</sup>, estamos vivendo um tempo em que os cidadãos não se mobilizam mais estimulados por grandes ideologias, mas sim por questões pontuais, pessoais. O que nos move está relacionado ao que julgamos importante para nossas vidas, nosso engajamento tornou-se mais pragmático e individualizado.

Para Castells (2013)<sup>3</sup>, os movimentos sociais surgem de um sentimento de injustiça, de luta contra a desigualdade, contra a opressão. Para lutar por uma causa era necessário institucionalizar-se em organizações formais, com líderes e programas. É nesse ponto que a mudança se estabelece. Hoje, não existem mais líderes, nem ideologias dominantes, mobilizações se constroem por ocasião, a partir de uma demanda de momento, comum a um determinado grupo.

A internet e as redes móveis permitem que as pessoas se organizem concretamente, mas não de forma permanente e sim em redes que surgem desse processo de indignação e de vontade de luta. E não há líderes porque não é necessário, o movimento vai se ajustando, as pessoas vão debatendo, vão se organizando. [...]a rede se transforma no sujeito coletivo de mobilização (CASTELLS, 2013).

Os movimentos sociais continuam existindo, assim como as mobilizações e os partidos políticos, mas, com o ciberespaço<sup>4</sup>, o debate político se ampliou, ganhando novas dimensões e possibilidades. O que acompanhamos agora é uma mixagem das realidades dos espaços tradicionais e das redes.

Talvez, falte ao jovem de 17 anos citado no começo deste texto a energia de mobilização, justamente pelo desgaste dos partidos políticos, frente à desonestidade e

---

<sup>2</sup> Excerto da Conferência intitulada “Cidadania política, pluralismo e democracia na era hipermoderna”, proferida por Gilles Lipovetsky, em 17 de setembro de 2018, através do projeto Fronteiras do Pensamento, em Salvador – Bahia. Mais informações disponíveis em: <https://www.frenteiras.com/salvador/conferencia/gilles-lipovetsky>. Acesso em 05 abr. 2019.

<sup>3</sup> Entrevista de Manuel Castells concedida ao site Fronteiras do Pensamento, em 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=60&v=0L9c2h0TTL0](https://www.youtube.com/watch?time_continue=60&v=0L9c2h0TTL0). Acesso em 14 jan. 2019.

<sup>4</sup> O termo ciberespaço “[...] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.17).

corrupção; contudo, o seu (re)encontro com a vida política será, com maior frequência, nas redes sociais na internet.

No período de 2017 a 2018, realizei a pesquisa exploratória, no Facebook. Os discursos dos jovens nesse espaço revelaram vozes ativas, argumentativas, uma percepção madura de coletividade, de pertencimento e de responsabilização social.

Nesse sentido, as RSI podem ser compreendidas, então, não apenas um espaço de entretenimento, mas uma esfera pública no debate de questões políticas, onde grupos de jovens opinam, manifestam-se, participam, constroem seu próprio discurso. Poderá tornar-se, desse modo, espaço de letramento social, crítico, e, sobretudo, político. Partindo desse princípio, esta pesquisa traz a seguinte questão de investigação: como os debates no Facebook potencializam o letramento político das juventudes?

Para responder a esse questionamento, trilhei um caminho orientado pelos seguintes objetivos:

- Geral: Compreender como os debates no Facebook potencializam o letramento político das juventudes.
- Objetivos específicos:
  - a) Conhecer as formas de sociabilidade e interação das juventudes no Facebook, tomando-o como outro espaço de educação informal para o letramento político;
  - b) Identificar nos debates dos jovens, construídos no Facebook, marcas discursivas que revelem o letramento político;
  - c) Investigar como os sujeitos percebem a apropriação, pela educação formal, do letramento político que eles constroem no Facebook.

Para responder à questão de pesquisa, bem como para atingir os objetivos propostos optei por desenvolver uma pesquisa qualitativa, analítica, descritiva, netnográfica (KOZINETTS, 2014) e etnográfica (GEERTZ, 2001), em razão de seus pressupostos se alinharem com a proposta de um estudo que pretende, a partir das comunicações mediadas pelas redes sociais na internet, chegar à compreensão e à representação de um fenômeno cultural, que tem o jovem como protagonista de seu aprendizado, como produtor ativo do conhecimento político.

Os princípios netnográficos foram utilizados no primeiro momento desta pesquisa para subsidiar a construção do questionário que embasou a definição dos sujeitos e *locus* deste estudo. Já a etnografia serviu de base metodológica para realização das entrevistas semiestruturadas.

Como pudemos acompanhar, em 2013, a juventude ganhou as ruas no Movimento Passe Livre, um protesto que se iniciou por conta do aumento do preço das passagens de ônibus, em São Paulo, e depois se ampliou, através das redes sociais, para todo o Brasil, ao cobrar também mudanças estruturais na política nacional. Hoje, todo e qualquer ato político, protestos e denúncias roubam a cena e ganham o mundo através das redes sociais, que repercutem textos, vídeos e fotografias produzidas por cidadãos comuns, em tempo real.

Para Castells (2013), existe uma razão muito clara para a mudança na postura política juvenil: a construção do pensamento, que está intimamente ligada ao universo de comunicação em que vivemos. A juventude contemporânea vive a cultura digital, que condiciona o pensamento e os processos de comunicabilidade. “A juventude é capaz de autocomunicar-se, a juventude é capaz de autoinformar-se porque os jovens assumiram os novos instrumentos tecnológicos” (CASTELLS, 2013).

Depois de beber dessas fontes e de compreender o novo lugar da política e da participação dos jovens na sociedade, a partir das tecnologias digitais, minhas inquietações não apenas aumentaram, mas se justificaram. Comecei a acompanhar as redes sociais para observar a condição da participação política da juventude nesse espaço. Foi quando, em outubro de 2016, conheci a secundarista Ana Júlia Ribeiro<sup>5</sup>, em uma postagem compartilhada no Facebook, com seu discurso na Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP), na ocasião das ocupações das escolas e universidades do país contra a Reforma do Ensino Médio e o Projeto Escola sem Partido, movimento que ficou conhecido como Primavera Secundarista.

A jovem discursou por mais de 10 minutos sobre a legitimidade do movimento estudantil, destacando o potencial pedagógico de espaços informais de ensino e aprendizagem: “Uma semana de ocupação nas escolas nos deu mais conhecimento sobre política e cidadania do que todo o tempo que ficamos sentados, enfileirados em aulas padrão” (RIBEIRO, 2016)<sup>6</sup>.

Ana Júlia chamou atenção para as possibilidades formativas oportunizadas pelo movimento estudantil e, ao mesmo tempo, teceu críticas sobre o atual sistema escolar. O posicionamento da jovem nos remete a um questionamento? Por que os caminhos para a

---

<sup>5</sup> Ana Júlia Ribeiro é também sujeito desta pesquisa, mas, no momento em que eu trouxe os discursos dela para análise e interpretação, ela será identificada por pseudônimo.

<sup>6</sup> Trecho do Discurso de Ana Júlia Ribeiro proferido em 2016, na Assembleia Legislativa do Paraná, na ocasião das ocupações das escolas secundaristas em todo o Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oY7DMbZ8B9Y>, acesso em 10 mai. 2019.

construção do conhecimento político estariam mais bem traçados fora da sala de aula? Em sua fala, Ana Júlia impressionou pela apropriação crítica que fez do tema, demonstrando, para além do conhecimento político, uma habilidade de interagir politicamente. Em que espaços esses saberes foram constituídos?

O vídeo do discurso rodou o mundo através das redes sociais, fortalecendo e ampliando as ações do movimento estudantil em todo o país, com repercussão mundial. Em 24 horas, os principais veículos de comunicação do mundo já haviam divulgado a notícia. Milhões de *posts*, compartilhamentos e comentários tomaram conta das redes. Rapidamente, o tema ganhou popularidade e alcançou o *TrendingTopic* (tópico em tendência) no *Twitter*. O mundo, conectado, aplaudiu o discurso empoderado da jovem de apenas 16 anos que, como tantas outras e outros, deixou o lugar de espectadora, para se tornar sujeito ativo no cenário político brasileiro, envolvendo-se, opinando, participando de páginas de coletivos, organizações estudantis.

Assim, percebe-se nas Redes Sociais na Internet (RSI) um promissor polo de letramento político, um espaço que oportuniza não só o acesso dos jovens a informações e dados, mas, também permite que, munidos dessas informações, se relacionem, discutam, intercambiem ideias. Sob essa ótica, presenciamos as redes sociais se transformarem em mais que espaços de entretenimento e interação. Tornaram-se uma esfera pública (HABERMAS, 2003), no debate de questões políticas, um espaço formativo. E a relação dos jovens com esse novo lugar é orgânica e acelerada.

Há algumas décadas, acompanhamos as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TIC) reconfigurarem as experiências de vida, inaugurando novas práticas sociais, culturais e educacionais. O mundo digital ampliou os horizontes de acesso à informação e tornou a rede uma gigantesca biblioteca, reduzindo a distância entre o sujeito e o conhecimento a um clique. Hoje, a informação é produzida e consumida quase ao mesmo tempo e reverberada de forma global e acelerada, apresentando-nos uma perspectiva de transparência jamais vista. Nesse contexto, o jovem brasileiro tem construído um sentimento de pertencimento, de responsabilidade social e política, encontrando nas Redes Sociais o acesso à informação que tem oportunizado um movimento dialético profícuo para construção do letramento político. É nesse novo espaço que os jovens se aproximam e, estimulados por interesses afins, formam coletivos, tecem discursos e criam novas formas de participação política, deixando o lugar de simples espectadores para se tornarem sujeitos ativos, no cenário político brasileiro.

Por outro lado, é importante considerar, as tecnologias digitais também abriram outra porta, que não apenas a das incríveis possibilidades de construção do conhecimento coletivo. Elas criaram um ambiente propício para a propagação, em grande escala, das famosas *fake news* (ou notícias falsas, em livre tradução), desencadeando um processo de desinformação desenfreada. Essa distribuição deliberada de informações falsas tem, em geral, finalidades financeiras ou políticas, e se constroem a partir da modelagem da opinião pública, fazendo com que os fatos tenham menos influência sobre as pessoas do que os apelos às emoções e às crenças pessoais. Dessa forma, o leitor as consome sem confirmar a veracidade de seu conteúdo.

O termo *fake news* ganhou fama em 2016, durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos. Na época, conteúdos falsos sobre a candidata Hillary Clinton foram compartilhados de forma intensa pelos eleitores de Donald Trump. O mesmo ocorreu no Brasil, nas eleições de 2018.

Em ambos os casos, o poder viral das *fake news* foi decisivo para o resultado do pleito, mostrando-nos o gigantesco potencial manipulador da desinformação. Assim, percebe-se uma relação antagônica na livre circulação de informação no ciberespaço, como aponta Moretzsohn (2017, p. 295):

Procuró sustentar que a ideologia da assim chamada “era da informação” induz ao aprofundamento da alienação pelo excesso de oferta, ao mesmo tempo em que a propalada “horizontalidade”, que supostamente daria a todos o mesmo poder de voz e de influência, além de conduzir à mistificação que encobre as relações de poder, escancara as portas para a disseminação das chamadas “fake news”, instaurando um ambiente de absoluta insegurança informativa, com previsíveis consequências desastrosas.

Nessa perspectiva, é importante refletir sobre como as juventudes podem letrar-se politicamente em um ambiente de livre circulação de informações falsas. Seria o ciberespaço ou, mais precisamente, o Facebook, um espaço de ativismo político, como vimos com o discurso da jovem Ana Júlia, ou de dispersão política? Mesmo destacando o valor das redes para a coletividade, para as sociabilidades e para as novas e importantes formas de construção colaborativa do conhecimento, é importante reconhecer que nesses espaços conectados existe também o que Castells (2004) chama de Individualismo em Rede, que “constitui um modelo social, não uma coleção de indivíduos isolados. Os indivíduos constroem as suas redes, on-line e off-line, sobre a base dos seus interesses, valores, afinidades e projetos.” (2004, p.161).

Trata-se de uma conexão seletiva, na qual o usuário é que define com quem irá construir os seus laços sociais, favorecendo a criação de grupos específicos com convicções pessoais semelhantes. No Facebook, por exemplo, o usuário determina os perfis que irá seguir, quem serão as pessoas que farão parte de sua rede de contatos, quem estará autorizado a acessar suas postagens. Dessa forma, mesmo permitindo a criação de comunidades virtuais, as redes podem colocar o usuário imerso no que Pariser (2012) chama de filtros-bolha. Trata-se da personalização da experiência de navegação a partir da seleção, via algoritmos, do que se vê, se ouve e se faz na rede.

À medida que os usuários deixam seus rastros na internet, os algoritmos que regem as grandes plataformas (Facebook, Google, Amazon, por exemplo), constroem bancos de dados sobre as aparentes preferências de cada pessoa, que serão utilizadas nas próximas buscas. É um processo cíclico, no qual os algoritmos “criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar seguir” (PARISER, 2012, p. 14). De acordo com o autor, os filtros, a princípio, entendem as pessoas, no que diz respeito ao que elas gostam, e passam a oferecer um conteúdo personalizado, que vai sendo aperfeiçoado em cada navegação ou busca. Por exemplo, ao analisar os indicadores de cliques registrados em cada busca, a Google perfila os usuários e personaliza o resultado das buscas. Assim, se duas pessoas, com opiniões divergentes sobre a pena de morte, fizerem uma busca sobre o assunto, os resultados serão substancialmente opostos, a depender das pesquisas realizadas anteriormente. Ou seja, na perspectiva de Pariser (2012), as nossas experiências de vida nas redes podem ser apenas um simulacro criado a partir de pseudoliberalidades de acesso e de construção da informação, estreitando as nossas percepções do mundo e condicionando o nosso olhar.

Essa distorção é uma das dificuldades geradas pelos filtros personalizados. Tal qual uma lente, a bolha dos filtros transforma, inevitavelmente, o mundo que vivenciamos, determinando o que podemos e o que não podemos ver. Ela interfere na inter-relação ente nossos processos mentais e o ambiente externo. Em certos casos, pode atuar como uma lente de aumento, sendo muito útil quando queremos expandir a nossa visão sobre uma área específica do conhecimento, já que eles nos permitem acessar uma infinidade de informações sobre determinado tema, nos trazendo um substancial aprofundamento sobre o assunto. No entanto, os filtros personalizados podem, ao mesmo tempo, limitar a variedade de coisas às quais somos expostos, afetando o modo como pensamos e aprendemos (PARISER, 2012, p. 77).

O Facebook, assim como outras plataformas, gigantes da tecnologia, monetizaram os dados pessoais de seus usuários e os transformaram em sua maior fonte de lucro. O fenômeno dos filtros-bolha e de monetização dos dados nos remete ao famoso e escandaloso caso da Cambridge Analytica (CA)<sup>7</sup>, uma empresa privada que combinava mineração e análise de dados com comunicação estratégica para o processo eleitoral. Atribui-se a vitória de Donald Trump, nas eleições presidenciais de 2016, por exemplo, às ações da empresa, que foi acusada de violar informações de 50 milhões de usuários do Facebook, supostamente, sem o conhecimento da rede social.

A CA analisou esses usuários, com base em seus dados pessoais, e iniciou uma onda de manipulação direcionada, com ações personalizadas que incluíam *posts* insistentes e sistemáticos com informações alinhadas aos interesses de cada usuário, influenciando-os a escolher um dos partidos. Em grande medida, essas informações direcionadas eram falsas, criadas de modo a agitar emocionalmente o receptor.

É nesse complexo pano de fundo, onde a livre informação pode informar ou desinformar, que essa pesquisa pretende se debruçar. Talvez os jovens estejam imersos em bolhas, vivenciando um letramento político reverso. Ou, talvez, a percepção clara sobre esse contexto de manipulação provoque-os a assumir a autoria de seu percurso formativo, construindo o seu letramento político por uma necessidade de participação consciente e crítica, que oportunize a busca pela veracidade dos fatos e quebre a supremacia das *fake news*. De uma forma ou de outra, percebi que duas frentes de pesquisa estavam se formando e que elas se imbricavam de forma peculiar. No universo da cultura digital, percebem-se mudanças não apenas no acesso ao conhecimento do campo político e nas formas de participação política dos jovens, mas também nas diferentes formas de educar, na relação dos jovens com os processos de ensino e aprendizagem.

Este estudo considera os jovens como atores centrais no processo de construção de novos saberes, nos espaços formais e não formais de educação, e as RSI como espaços de educação informal para o letramento político, abrindo um novo leque de discussões sobre as diversas formas de se produzir conhecimento na contemporaneidade. O conceito de contemporaneidade utilizado neste trabalho é

---

<sup>7</sup> A Cambridge Analytica foi criada em 2013 como parte da Strategic Communication Laboratories Group (SCL) e atuou como um serviço de análise de dados para fins comerciais ou políticos. A sede ficava em Londres, mas a empresa possuía escritórios nos Estados Unidos (Nova York e Washington), Malásia e Brasil. Em maio de 2018 anunciou o fim de suas operações.

baseado na concepção de Agamben (2009). O autor afirma que para ser contemporâneo é necessário um olhar renovado diante das relações entre os tempos. Ou seja, é o desconforto da inadequação ao tempo presente, provocado por vestígios de experiências do passado - que nos constituem enquanto sujeito histórico - que nos torna contemporâneos. Assim, contemporâneo é aquele que mantém o olhar fixo em seu tempo não para enxergar o que está posto, iluminado, mas para ver na escuridão um lado inédito da história. É o olhar distanciado do tempo presente que permite a sua compreensão. Agamben (2009, p. 59) afirma que

[...] a contemporaneidade [...] é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.

Nessa perspectiva, a realização desta pesquisa se justifica por três fatores que se correlacionam: a) a necessidade de problematização acerca do novo lugar da educação na contemporaneidade; b) a urgência de se compreender como os jovens têm construído seu letramento político, mediados pelas interações nas Redes Sociais na Internet; c) a importância de se analisar as Redes Sociais na Internet como *locus* de pesquisa e de reflexão sobre o aprendizado coletivo e colaborativo no processo de construção do letramento político.

A relevância acadêmica deste estudo deriva da necessidade de se compreender e de se refletir sobre os novos espaços de aprendizagem, com vistas ao letramento político, para além das tradicionais salas de aula.

A escolha do Facebook como *locus* de pesquisa foi sustentada por estatísticas relacionadas ao número de usuários ativos na rede e também por um questionário virtual aberto, respondido por 145 jovens brasileiros de 14 a 24 anos, cujos resultados apontaram o Facebook como a RSI preferida para produzir e veicular informações e dados sobre o campo político.

O referido questionário foi utilizado para definir os cinco sujeitos desta pesquisa, a partir de uma análise das respostas dos participantes, com base na proposta temática e no perfil pré-definido por mim, de modo a atender aos objetivos propostos e à questão de pesquisa, como será detalhado posteriormente no capítulo metodológico.

É importante ressaltar que esta pesquisa foi apreciada e avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e aprovada com número de parecer 3.691.877. Todos os jovens participantes preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICES C e D).

## 1.2 Resignificando o já dito

Com o objetivo de compreender o cenário atual das pesquisas em Educação, problematizar a temática e delinear o objetivo desta investigação, foi realizada uma revisão de literatura no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sobre tema proposto, em um recorte temporal entre 2014 – 2018, para levantamento dos estudos que dialogam e poderão contribuir com este estudo.

A pesquisa foi realizada em abril de 2019, considerando a área de conhecimento Educação e utilizando como descritores: Letramento Político; Letramento Político e Redes Sociais; Letramento Político e Juventudes; Letramento Político, Juventudes e Redes Sociais; e Letramento Político, Juventudes e Redes Sociais na Internet. Os resultados obtidos encontram-se na tabela seguinte:

**Tabela 1:** Pesquisa por descritores, com recorte temporal entre 2014 e 2018.

<b>Descritores Pesquisados</b>	<b>Número de dissertações mestrado acadêmico</b>	<b>Número de dissertações mestrado profissional</b>	<b>Número de Teses</b>	<b>Total</b>
<b>Letramento Político</b>	2	0	1	3
<b>Letramento Político e Redes Sociais</b>	127	175	86	388
<b>Letramento Político e Juventudes</b>	138	7	57	202
<b>Letramento Político, Juventudes e Redes Sociais</b>	282	189	151	622

<b>Letramento Político, Juventudes e Redes Sociais na Internet</b>	143	9	60	212
--	-----	---	----	-----

**Fonte:** Elaboração própria, a partir de pesquisas no banco de dados da Capes

Como se pode constatar, há 212 estudos acerca do letramento político, Juventudes e Redes Sociais na Internet. Porém, após uma análise do material catalogado, notei que nem todos os estudos se relacionam com o recorte temático desta pesquisa, que diz respeito à discussão sobre como os debates nas Redes Sociais na Internet potencializam o letramento político das juventudes. Assim, elenca-se, a seguir, apenas os estudos que dialogam com a presente pesquisa:

**Tabela 2:** Trabalhos que dialogam com este estudo, defendidos entre 2014 e 2018

<b>Título do estudo</b>	<b>Tipo de estudo e autor</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Instituição</b>
Relações Dialógicas no Processo de Educomunicação: Análise em uma Rede Social na Internet	Dissertação Danilo Fonseca da Silva	2015	Universidade Federal de Uberlândia
Letramento político no legislativo: a experiência do programa Estágio-Visita	Tese Rildo José Cosson Mota	2015	Universidade Federal de Minas Gerais
Juventude contemporânea e novas relações espaço/temporais: concepções dos estudantes do ensino médio sobre conhecimento e aprendizagem	Dissertação Roberta Aparecida Uceda	2018	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Dinâmicas de uma juventude conectada: a mediação dos dispositivos móveis nos processos de aprender-ensinar	Tese Helenice Mirabelli Cassino Ferreira	2014	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
#CurrículoEmConexãoComA cibercultura: a sociabilidade ciborgue e as juventudes no ensino médio	Dissertação Alice Gonçalves Ferreira	2017a	Universidade Federal de Minas Gerais

Juventudes secundaristas, educação, cultura e política: o fenômeno das ocupações de 2016 em Porto Alegre/RS	Dissertação Sofia Rodrigues Ferreira	2017b	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
O uso do facebook e suas interfaces com o processo ensino-aprendizagem em uma escola mineira de ensino médio	Dissertação Cristiane Uebe Ribeiro	2017	Uniersidade Federal São João del-Rei
Novas sociabilidades e protagonismo juvenis: a escola vista no ciberespaço	Dissertação Kelly Ramos de Souza Bittencourt	2014	Universidade Católica de Brasília
Multiletramentos mediados pelo computador em sala de aula: a perspectiva das culturas juvenis em fluxo	Tese Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante	2014	Universidade Federal do Ceará
Youtube, juventude e escola em conexão: a produção da aprendizagem ciborgue	Dissertação Marco Polo Oliveira Da Silva	2016	Universidade Federal de Minas Gerais

**Fonte:** Elaboração própria, a partir da pesquisa no banco de dados da CAPES/Plataforma Sucupira 2018.

Das pesquisas disponibilizadas pela CAPES, foram selecionadas dez, conforme Tabela 2, que mais dialogam com o objeto deste estudo. A dissertação de Silva (2015), *Relações Dialógicas no Processo de Educomunicação: Análise em uma Rede Social na Internet*, buscou investigar e analisar conceitos sobre processo dialógico e educomunicação em um projeto educativo; verificar e analisar as possíveis contribuições do Facebook, como rede social na internet, no processo formativo; observar as manifestações dos sujeitos envolvidos e as possibilidades de construção crítica e coletiva de conhecimento; e contribuir com o campo de conhecimentos numa área em que os estudos ainda mostram-se bastante incipientes. Como aporte teórico sobre educomunicação, Silva destacou Soares (2011) e Schaun (2002), e, a respeito de interações e diálogos em redes sociais na internet, utilizou Recuero (2011 e 2012) e Primo (2011). Os procedimentos metodológicos foram contemplados sob a ótica da netnografia, embasados, essencialmente, em Kozinets (2014). As análises demonstraram ampla efervescência dialógica, tanto nos ambientes virtuais quanto

físicos, que viabilizou a construção conjunta do conhecimento, ultrapassando as fronteiras de tempo e espaço acadêmicos e provocando novos olhares desses sujeitos para eles mesmos e para a realidade social experimentada.

Cosson (2015), em sua pesquisa, *Letramento político no legislativo: a experiência do programa Estágio-Visita*, nos apresenta um estudo analítico do programa de educação para a democracia Estágio-Visita de Curta Duração, que é promovido pelo Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados, uma das escolas que compõe o sistema de educação legislativa do Brasil. O objetivo da análise foi verificar como se efetiva formalmente o letramento político em uma atividade educacional de uma escola do legislativo, uma vez que essas atividades procuram atender à função institucional do parlamento de promover e fortalecer a democracia no País. Seu campo teórico perpassa o letramento político em Crick (1978, 1998) e Cosson (2008, 2009, 2010, 2011) e democracia em Dewey (1939). O caminho metodológico é baseado na avaliação em Parlett e Hamilton (1972). Os resultados revelaram que o programa se insere em um horizonte limitado de letramento político, privilegia uma visão formal de democracia, enfatiza o conhecimento tradicional sobre o legislativo e adota uma perspectiva transmissiva de ensino, entre outras características, que fazem do Estágio-Visita um programa essencialmente escolar.

A investigação de Uceda (2018), *Juventude contemporânea e novas relações espaço/temporais: concepções dos estudantes do ensino médio sobre conhecimento e aprendizagem*, analisa a complexidade das juventudes contemporâneas, em suas novas relações com o tempo e espaço, com o conhecimento e com a aprendizagem, na perspectiva de motivar a reflexão e a busca por pressupostos que favoreçam a reinvenção das práticas pedagógicas no Ensino Médio. Para tanto, no seu referencial teórico, essa dissertação apresenta uma discussão sobre a Contemporaneidade e seus desafios, aprofunda os estudos sobre o perfil do jovem de Ensino Médio, discute o conceito de juventude(s) a partir das pedagogias culturais e dos processos de mediação e apresenta algumas provocações sobre os processos de escolarização que devem ser (re)pensados a partir de suas continuidades, descontinuidades e rupturas. Entre os principais autores estudados destacam-se: Bauman (2001), Castells (1999), Pais (2006). A empiria foi construída a partir de dois instrumentos de pesquisa: questionário e grupo focal, que propiciaram uma aproximação e escuta dos jovens de Ensino Médio. As considerações finais acenam para a construção de pressupostos norteadores que possibilitem a (re)invenção das práticas pedagógicas no Ensino Médio

do Colégio Medianeira (*locus* da pesquisa), trazendo elementos e referenciais que podem ser desdobrados no cotidiano escolar a partir de ações da equipe diretiva e do corpo docente da escola.

A pesquisa de Ferreira (2014), *Dinâmicas de uma juventude conectada: a mediação dos dispositivos móveis nos processos de aprender-ensinar*, buscou conhecer de que modo os usos dos dispositivos móveis e ubíquos podem mediar a superação do desencontro entre as práticas juvenis e a cultura escolar, entendendo que esse desencontro tem se traduzido por tensões que ampliam-se ainda mais com o crescente uso de celulares e smartphones por jovens estudantes, dentro e fora das salas de aula. A complexidade das questões relativas à interseção entre educação, comunicação, juventudes, redes sociais, foi examinada com base nas contribuições teóricas de Santaella (2010, 2011, 2013), Lemos (2007, 2009, 2010, 2013), Lévy (1993, 2000), Carrano (2000) e Dayrell (2003, 2007), entre outras. A pesquisa - realizada através de oficinas – baseou-se nos conceitos bakhtinianos de alteridade, dialogismo e exotopia, que orientaram o encaminhamento metodológico do estudo. Os resultados apontam para a pertinência de se considerar os usos dos referidos artefatos como mediadores de práticas pedagógicas mais concernentes com as práticas culturais dos sujeitos contemporâneos.

Ferreira (2017a), em seu estudo *#CurrículoEmConexãoComAcibercultura: a sociabilidade ciborgue e as juventudes no ensino médio*, destaca que os sujeitos da contemporaneidade estão hiperconectados à rede, no ciberespaço. Nesse sentido, a autora se debruçou sobre a atuação da cibercultura na produção do currículo vivido em uma turma de ensino médio de uma escola pública. Para desenvolver a pesquisa, utilizou como metodologia a etnografia educacional. Como principais referências teóricas destacam-se Daryell (2001, 2007, 2009); Lévy (1996, 1999), Paraíso (2004, 2009, 2014), além de conceitos foucaultianos (1972, 1986, 1993, 2013) que auxiliaram no trabalho analítico. Como resultado, notou-se que a conexão estabelecida entre os sujeitos e as tecnologias digitais nessa teia cibercultural também produzem sentido para a escola e para os conteúdos curriculares, visto que os jovens interagem uns com os outros de modo analógico e digital constituído por afetos, modos de brincar e viver as relações sociais e culturais.

O estudo de Ferreira (2017b), *Juventudes secundaristas, educação, cultura e política: o fenômeno das ocupações de 2016 em Porto Alegre/RS*, consiste em uma reflexão acerca do fenômeno das ocupações escolares realizadas pelas juventudes

secundaristas da cidade de Porto Alegre, bem como a busca de compreender os efeitos que o fenômeno pode ter gerado na realidade escolar das escolas ocupadas. Para fundamentar a compreensão do fenômeno, utilizou-se como aporte teórico Dayrell e Carrano (2014), Pais (1993), Santos (2007), e Bauman (2005). A importância de espaços de sociabilidade, o exercício da negociação e do reconhecimento das diferenças no território escolar como demandas juvenis são alguns dos elementos de análise e reflexão nesta pesquisa, que demonstrou que o despertar político que as ocupações provocaram não pode ser mensurado. Trata-se de um grande marco para essa geração, que se descobre habitando e administrando sua escola, selecionando eventos culturais e atividades formativas para compor a agenda escolar, e negociando com 118 representações políticas a votação ou não de projetos de lei que dizem respeito às suas realidades escolares.

A investigação de Uebe (2017), *O uso do facebook e suas interfaces com o processo ensino-aprendizagem em uma escola mineira de ensino médio*, consiste em uma pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural, fundamentada na teoria enunciativa da linguagem de Mikhail Bakhtin. Com base nos pressupostos teóricos desse autor, buscou-se compreender os sentidos construídos por professores e alunos do Ensino Médio de uma escola estadual mineira em relação ao uso do Facebook e suas interfaces com o processo ensino e aprendizagem. A metodologia desta pesquisa consiste em entrevistas dialógicas coletivas e individuais e grupos focais. O percurso analítico foi desenvolvido tendo como base a sistemática das Categorias de Codificação orientada por Bogdan e Biklen (1994). A análise dos dados permitiu compreender a contribuição dos grupos do Facebook como um espaço propício ao processo ensino-aprendizagem. Entretanto, a pouca interação entre professores e alunos foi entendida como um fator negativo, no que se refere à relação de interação entre eles, bem como no sentido de se favorecer um maior redimensionamento do tempo e espaço de aprendizagem fora do ambiente escolar.

Intitulada *Novas sociabilidades e protagonismo juvenis: a escola vista no ciberespaço*, a pesquisa de Bitencourt (2014) estuda os espaços de opinião, manifestação, representatividade e participação vivenciados por adolescentes e jovens na internet, para se posicionarem sobre as instituições nas quais estudam. Foi analisado como as juventudes contemporâneas se relacionam com as TIC e quais os canais de comunicação e interatividade são utilizados por elas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que fez uso da netnografia como arcabouço

metodológico para atender a realidades específicas de uma análise voltada para comunidades instaladas no ciberespaço. O referencial teórico baseou-se em Arendt (1997, 2002, 2008), Bauman (2001, 2004, 2011), Bourdieu (2003), Castells (2009, 2010), Sibília (2010, 2012), entre outros. Os resultados revelaram que a internet possibilita às juventudes experiências de protagonismo ao se consolidar como um lugar legítimo para sua expressão. Cientes desse cenário, adolescentes e jovens usam cada vez mais o ciberespaço como espaço público do agir coletivo.

O estudo de Cavalcante (2014), *Multiletramentos mediados pelo computador em sala de aula: a perspectiva das culturas juvenis em fluxo*, com caráter multirreferencial (ARDOINO, 1995), procura auscultar as constelações de experiências que se compõem como eventos de multiletramentos na escola, quando as culturas juvenis lidam com as tecnologias digitais e comunicacionais para investigar como o uso do laptop, no contexto da escola, favorece as experiências de multiletramentos dos jovens. Foram tomados como unidades de análise eventos de multiletramentos envolvendo situações de leitura, escrita e produção fotográfica. O quadro teórico traz como principais vertentes a Pedagogia dos Multiletramentos (NEW LONDON GROUP, 1996; COPE; KALANTZIS, 2009; ROJO 2012; 2013) e das Culturas Juvenis (PAIS, 2003). A análise dos “eventos de multiletramentos” apontou, entre outras coisas, para a importância de se reconhecer que novas formas de aprender são possibilitadas pelo uso do computador na sala de aula, com suporte das dimensões da “aprendizagem contextualizada” e da “prática transformadora” propostas pela Pedagogia dos Multiletramentos; que o computador na sala de aula precisa ser encarado mais como prática social do que como tecnologia.

Silva (2016), em sua investigação *Youtube, juventude e escola em conexão: a produção da aprendizagem ciborgue*, pesquisa como as videoaulas no YouTube alteram as formas de aprendizagem dos conteúdos curriculares pela juventude ciborgue. Para construir possíveis entendimentos sobre o problema proposto, utilizou-se como metodologia, de modo articulado, elementos da netnografia, em canais do YouTube que disponibilizam videoaulas sobre conteúdos curriculares. Como aporte teórico destacou-se Candau (2014); Castells (2000), Daryell (2005, 2007), Hall (1997) e Lemos (2002; 2004). Foi possível perceber com esta pesquisa que o uso do YouTube, por parte dos/as alunos/as, no percurso educacional, se insere em um processo de mudança cultural que permeia as atitudes e comportamentos de uma juventude

ciborgue. Tais mudanças podem alterar de maneira significativa as relações entre as culturas juvenis, a cultura escolar e a aprendizagem.

Esses estudos serão de grande valia para a discussão teórico-metodológica desta pesquisa e farão parte do arcabouço teórico, fundamentando discussões que serão feitas com vistas a uma possível resposta para a pergunta que gerou a necessidade de imersão nos campos teórico e empírico.

Os referidos estudos trazem discussões sobre o conceito de letramento (SOARES, 2016) e, em relação ao contexto do uso de dispositivos móveis e ubíquos, na mediação da superação do desencontro entre as práticas juvenis e a cultura escolar, fala-se ainda sobre o conceito de multiletramentos (THE NEW LONDON GROUP, 1996). No bojo dessas discussões, as pesquisas elencadas destacam as contribuições das redes sociais da internet no processo formativo dos jovens, viabilizando a construção coletiva do conhecimento. Tais trabalhos apontam para o potencial pedagógico desses espaços, cuja possibilidade de livre interação entre os sujeitos permite que eles construam saberes de forma crítica, criativa e desterritorializada.

Nessa perspectiva, Castells (2015)<sup>8</sup> afirma que o mundo da aprendizagem dos jovens e dos estudantes divide-se cada vez mais em duas partes: “a escola para que tenham acesso a um diploma, e a internet com grupos informais para aprender de verdade”. O autor afirma que existe uma dissonância cognitiva entre os jovens, que são da cultura digital, e a escola, que ainda segue na cultura analógica. “Essa dicotomia continuará até que haja uma reforma profunda da escola, mas reformar a escola profundamente representa a mudança mais fundamental da história, porque as escolas seguem funcionando exatamente como na idade média, sem internet, sem interatividade” (CASTELLS, 2015).

As pesquisas destacam ainda que os jovens interagem entre si de forma analógica e digital. Não houve, portanto, a migração de um espaço para o outro nas relações sociais, assim como não houve nas relações pedagógicas. Existe sim, uma soma dos modos de ser e de estar na contemporaneidade, uma mixagem. A educação, no contexto da cibercultura, assume um lugar híbrido e diverso, deixando de ser um conceito finito, fechado. Na contemporaneidade, fazem-se educações. Surge, assim, uma comunidade de aprendizes autônomos, que constroem seu próprio percurso formativo, a partir da apropriação crítica e sociocultural das características próprias ao

---

<sup>8</sup> Entrevista com o pesquisador Manuel Castells, publicada em 12 de janeiro de 2015. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=J4UUM2E\\_yFo](https://www.youtube.com/watch?v=J4UUM2E_yFo). Acesso em 23 de setembro de 2019.

ciberespaço, em um cíclico e contínuo processo de aprender e ensinar. Couto (2012)<sup>9</sup> nos diz que a “questão agora é que não se pode mais fazer educações sem a circulação sideral dos saberes disponíveis democraticamente para todos. Compartilhar saberes é o segredo extraordinário da nossa época. Na cibercultura, não se faz mais educações sem redes sociais digitais dinâmicas, sem fluxo de conhecimentos”. Assim, o fluxo de conhecimento é a base para as educações, e ele acontece no ciberespaço, *locus* onde é possível criar e incentivar a cultura da colaboração e do compartilhamento.

Outro ponto importante abordado pelas pesquisas diz respeito à complexidade das juventudes contemporâneas. Para compreender como o jovem aprende é preciso antes conhecê-lo, é preciso saber quem ele é e como é ser jovem na contemporaneidade. Nesse sentido, os trabalhos elencados traçam discussões sobre as concepções de construção da subjetividade juvenil e sobre as influências das transformações culturais na constituição desses sujeitos diversos e plurais. Esses aspectos se relacionam com o perfil do jovem aprendente, no contexto da cibercultura, aspecto basilar para a investigação desenvolvida nesta pesquisa.

Somam-se ainda a minha investigação trabalhos que oportunizam debates sobre as experiências de protagonismo das juventudes em espaços informais de ensino e aprendizagem, principalmente no que se refere à construção do conhecimento político.

Percebe-se, desse modo, que muito já foi dito sobre as novas práticas de ensino e aprendizagem, inerentes à contemporaneidade, sobre o uso pedagógico das RSI e sobre o protagonismo dos jovens na condução do seu percurso formativo, mediados pelas RSI. Tais tessituras são de extrema importância para os estudos sobre a educação na contemporaneidade, contudo, ainda há muito o que se dizer e minha pesquisa se enquadra no âmbito dos estudos que visam ampliar esta discussão.

Entende-se, assim, as RSI como grandes responsáveis por sociabilidades inéditas para as juventudes e como espaço público do agir coletivo, onde, a partir de práticas diversas de interação, os jovens constroem saberes de forma coletiva e colaborativa. Para Castells (2015), a internet, assim como a escola, tem se constituído no mundo de aprendizagem dos jovens, como espaços complementares para a efetivação de práticas de letramento político. Nessa perspectiva, esta pesquisa se debruça sobre o potencial pedagógico do Facebook na construção do letramento

---

<sup>9</sup> Entrevista com o pesquisador Edvaldo Couto, publicada em setembro de 2012 pelo Instituto NET Claro Embratel. Disponível em <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/educacao-e-redes-sociais-cada-vez-mais-conectadas/>. Acesso em 20 abr. 2019.

político, buscando investigar o protagonismo das juventudes sobre o seu processo de apropriação das práticas sociais e culturais relacionadas ao exercício da política. Dessa forma, busca contribuir com os avanços das discussões sobre o tema, justificando, assim, sua relevância empírica e social.

Nos próximos capítulos apresento as três categorias teóricas que alicerçam esta pesquisa: Juventudes, Redes Sociais na Internet e Letramento Político, iniciando o caminhar com reflexões sobre o educar na contemporaneidade.

## 2 UBIQUIDADE E MIXAGENS: AS EDUCAÇÃO DA CONTEMPORANEIDADE

“Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa. Todo o saber está na humanidade” (LÉVY, 1998, p. 29). Começo este capítulo com essa afirmação porque ela muito nos diz sobre o lugar do saber na contemporaneidade. O autor defende que cada indivíduo é dotado de inteligência, acumulada a partir de suas experiências pessoais, e que esses saberes adquiridos ao longo da vida, somados a outros, originam um conhecimento coletivo. Ninguém é nulo nesse contexto, por isso a inteligência individual deve ser valorizada. É necessário encontrar o contexto onde aquele saber, aquele conhecimento pode ser considerado importante, o que só é possível a partir da mobilização efetiva de competências, em tempo real. Como define o conceito de Inteligência Coletiva de Lévy: [...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências (LÉVY, 1998, p. 28).

Martino (2014, p. 31) afirma que “a inteligência coletiva parte do princípio da reciprocidade – o conhecimento de um indivíduo poderá sempre ser útil pra outra pessoa”, as interações no ciberespaço são importantes, na medida em que desterritorializam os saberes e mudam a lógica de acesso à informação e a construção do conhecimento.

Há algumas décadas, acompanhamos o mundo digital inserir a humanidade em um novo contexto, reconfigurando as experiências de vida, alterando o modelo de comunicação e de interação humana que conhecemos e estabelecendo novas práticas culturais, sociais, educacionais.

Nesse contexto, a escola e o professor deixaram de ser a representação absoluta do saber, inaugurando um novo fazer pedagógico, que oportuniza ao aluno o protagonismo do seu aprendizado. Hoje, os estudantes não só têm acesso irrestrito às informações, como também as produzem, as compartilham, debatem entre si, refletem e constroem o próprio discurso. Essa realidade digital ampliou os horizontes de acesso à informação, tornando a rede uma gigantesca biblioteca, reduzindo para um clique a distância entre o sujeito e o conhecimento.

Libâneo (1999), através do conceito de educação informal, afirma que o aprender é cotidiano e acontece também fora dos ambientes formais de ensino e aprendizagem, através de ações e influências exercidas pelo meio. Ribeiro (2009)

afirma que a escola não é a única agência de letramento, outros espaços também têm essa função, como a família, a comunidade, a igreja, ou mesmo o ciberespaço. Esse caminho reflexivo nos remete a um questionamento: qual o lugar do conhecimento? Existe um? Freire (1996), em “A Pedagogia da Autonomia”, afirma que ensinar é criar possibilidades para a produção e construção do conhecimento; e, sabemos, isso pode ser feito em uma sala de aula tradicional, embaixo de uma árvore ou, quem sabe, nas redes sociais na internet.

Entretanto, por mais que esse aspecto democrático das Redes Sociais na Internet represente um grande salto para a construção do conhecimento na contemporaneidade, ele também abriu espaço para a construção, disseminação e consumo de informações falsas. A popularização de termos como *fake news* e *desinformação* tem colocado em voga uma crescente preocupação com a veracidade do conteúdo acessado, que tem, em grande medida, manipulado a opinião pública de forma sistemática.

Castells (2019)<sup>10</sup> afirma que estamos vivendo a “era da informação desinformada”. Segundo o autor, “Nosso mundo da informação é baseado nas redes sociais, e nas redes sociais há de tudo”. Temos acesso a mais informação do que nunca, mas uma capacidade rarefeita de entendê-la, interpretá-la criticamente, porque isso depende da educação e a nossa ainda remonta ao século XIX, não nos orienta para essa nova realidade. “As escolas seguem funcionando exatamente como era na Idade Média, sem internet, sem interatividade” (CASTELLS, 2015).<sup>11</sup>

Como, então, falar sobre aprendizado em um espaço bombardeado por *fake news* a todo o momento? Lévy (1998, p. 25) nos diz que é preciso construir aparatos que nos permitam transitar criticamente por esse fluxo informacional, tornando a “informação navegável, para que cada um possa orientar-se e reconhecer os outros em função desses interesses, competências, projetos, meios, identidades, recíprocos no novo espaço”

Então, entendemos as Redes Sociais, em especial o Facebook, *locus* desta pesquisa, como um espaço propício para a construção do conhecimento de forma coletiva e globalizada. Compreendemos esse espaço como importante e contemporâneo para a educação informal, no contexto da cultura digital. Contudo, nesse lugar de livre construção e propagação de conteúdo, também circulam informações falsas, que

---

<sup>10</sup> Entrevista com o pesquisador Manuel Castells, publicada em 17 de julho de 2019, no Portal O GLoBo. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/voces-estao-vivendo-um-novo-tipo-de-ditadura-diz-sociologo-manuel-castells-23812733>. Acesso em 23 de setembro de 2019

<sup>11</sup> Entrevista com o pesquisador Manuel Castells, publicada em 12 de janeiro de 2015. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=J4UUM2E\\_yFo](https://www.youtube.com/watch?v=J4UUM2E_yFo). Acesso em 23 de setembro de 2019.

embaraçam o processo de construção do conhecimento. Como, então, flunar e construir saberes legítimos? Como aprender a filtrar as informações disponíveis nesse espaço, de modo que a construção do letramento político seja não apenas viável, mas orgânica? Como as juventudes podem letrar-se para a vida na cultura digital, se convivem, ao mesmo tempo, com a obsolescência da educação contemporânea?

A aprendizagem, na maior parte das escolas e universidades, é obsoleta porque insistem em reproduzir uma pedagogia baseada na transmissão de informações. Mas não necessitamos de transmissão de informações porque ela está em toda a internet [...] O que precisamos são critérios para buscá-la e para combiná-las nos projetos intelectuais, pessoais e profissionais que cada um tem. E essa capacidade de dar poder intelectual que a escola tem que transmitir (CASTELLS, 2014).<sup>12</sup>

Nesse caminhar, para compreendermos o panorama da construção de conhecimento no ciberespaço – que, por um lado, abre portas relevantes para a construção coletiva do saber, com base na valorização dos saberes individuais conectados, e por outro, cria um cenário de desinformação com graves consequências para a sociedade, com impactos, inclusive, sobre a Democracia –, começarei refletindo sobre os processos civilizatórios que agiram/agem na constituição do sujeito histórico.

## **2.1 Do relógio mecânico à Internet: desencaixe do tempo e espaço e as relações sociais**

A relação entre tempo e espaço no mundo pré-moderno era diferente da modernidade. O cálculo de tempo que constituía a base da vida cotidiana sempre vinculou o tempo e o lugar, e era impreciso e variável. Não se podia dizer a hora do dia sem marcadores socioespaciais. O quando era conectado ao onde e identificado por ocorrências naturais regulares, ou seja, a temporalidade estava ligada às ocorrências da localidade. Assim, as sociedades pré-modernas eram marcadas por encontros face a face. As relações dependiam de práticas localizadas, da presença física, mantendo a solidez das identidades sociais e das tradições.

Os vínculos, criados e fortalecidos a partir do olho no olho, das rotinas, do cotidiano, se davam entre pessoas de um mesmo grupo social; as fronteiras geográficas e sociais coincidiam, as conexões interpessoais aconteciam dentro do mesmo espaço. A

---

<sup>12</sup>Entrevista com o pesquisador Manuel Castells, publicada em 7 de Abril de 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eb0cNrE3I5g>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

educação e seus processos seguiam essa mesma lógica: sistema escolar tradicionalista, estratificado, com cadeiras enfileiradas, professor como detentor absoluto do saber e os alunos como receptáculos a serem preenchidos. Um modelo tecnicista de educação, que, ainda hoje, baliza os currículos e as práticas pedagógicas.

A invenção do relógio mecânico, no século XVIII, foi um importante marco responsável por estabelecer significativas transformações sociais. Com essa tecnologia, houve a separação entre o tempo e o espaço, o que desencadeou um dinâmico ritmo de mudanças na sociedade, interferindo diretamente na construção histórica da modernidade.

O espaço nas sociedades pré-modernas se confundia com a localidade das práticas sociais. Mas, como resultado das viagens exploratórias que marcaram os séculos XIV e XV em diante, do progressivo processo de mapeamento de regiões remotas do globo e da construção de medidas padronizadas de distâncias, a dimensão do espaço passou a depender cada vez menos da referência à localidade (MONT'ALVÃO; NEUBERT; SOUZA, 2011, p. 191).

A partir da distribuição dessa tecnologia para todo o globo, ocorreram radicais transformações no senso de organização social, que não mais respeitava as fronteiras impostas pelas distâncias. É o que Antony Giddens chama de desencaixe do tempo e espaço. Para o autor, trata-se do “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p. 29). Enquanto nas sociedades pré-modernas a presença estava vinculada a um tempo e espaço intrinsecamente relacionados, nas sociedades modernas rompe-se esse cordão umbilical, mudando os contextos de presença.

A partir do século XX, com a evolução dos meios de comunicação, como o telégrafo, o telefone, a televisão, o rádio, e com a supressão das distâncias através da evolução dos meios de transporte cada vez mais rápidos, as relações sociais ganharam novos ares, deixando de se limitar apenas a um território ou comunidade específica. As conexões ultrapassaram as fronteiras geográficas e possibilitaram vínculos com múltiplos grupos.

No final do século XX, com as conexões sem fio e os dispositivos móveis como smartphones e tablets, as relações se desprendem dos grupos sociais. A conexão entre lugares é substituída pela conexão entre pessoas. Ou seja, não é mais necessário ir para um lugar quando se quer falar com alguém. É possível acessar a pessoa diretamente, sem a mediação de um espaço físico.

Para Jenkins (2009), a nova cultura do conhecimento surge ao mesmo tempo em que nossos vínculos com antigas formas de comunidade social estão se desfazendo. Emergem novas formas de comunidades que

[...] são definidas por afiliações voluntárias, temporárias e táticas, e reafirmadas através de investimentos emocionais e empreendimentos intelectuais comuns. Um membro pode mudar de um grupo ao outro, à medida que mudam seus interesses, e podem pertencer a mais de uma comunidade ao mesmo tempo. As comunidades, entretanto, são mantidas por meio da produção mútua e troca recíproca de conhecimento (JENKINS, 2009, p. 57).

É nessa perspectiva que o olhar sobre a educação se amplia e novos fazeres pedagógicos despontam como potenciais possibilidades formativas. Desvinculam-se os saberes dos espaços tradicionais de ensino e aprendizagem, a partir da compreensão de que o conhecimento não está restrito apenas a *loci* institucionalizados, está em toda parte e pode ser construído também a partir da interação entre diferentes sujeitos virtualmente conectados.

Para Couto (2014), três verbos sintetizam a vida na cibercultura avançada: participar, colaborar e compartilhar. Segundo o autor, os sujeitos conectados não criam apenas redes e afinidades, mas canais contínuos de solidariedade, “pois acessar uma rede significa acessar uns aos outros” (COUTO, 2014, p. 53).

[...] onde antes só era possível ser espectador, agora é possível agregar valores por meio da participação. Participar quer dizer se colocar como agente, narrar, publicar, falar e intercambiar uns com os outros, em público, mas quer dizer, sobremaneira, colaborar e aceitar colaboração, fazer em conjunto, encontrar soluções por meio de parcerias (COUTO, 2014, p. 53).

Retomando o título deste capítulo, qual seria, então, o lugar da educação na contemporaneidade? Na contramão das teorias que enquadram a construção do conhecimento em padrões hierárquicos impostos por uma elite intelectual detentora do saber, Lévy (1998) afirma que o conhecimento está em todo lugar e em cada um de nós, e que o ciberespaço é o espaço móvel de interação entre conhecimento e conhecedores de coletivos inteligentes desterritorializados. Para o autor, possuímos saberes essenciais ao desenvolvimento da humanidade, por isso a inteligência individual precisa ser valorizada, reconhecida e mobilizada globalmente, em tempo real. Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social.

[...] quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos (LÉVY, 1998, p. 30).

É nessa perspectiva que Lévy (1998) nos apresenta a evolução da humanidade dividida em quatro espaços antropológicos: Terra, Território, Mercadorias e Saber. Cada um desses espaços, segundo o autor, representa um período específico de desenvolvimento da humanidade e traz consigo conhecimentos vivos que oportunizaram a evolução.

O Espaço do Saber, que vivenciamos hoje, para Lévy (1998), representa um novo horizonte para a civilização. Ele é forjado a partir de três características definidoras: **Velocidade** da evolução dos saberes; **Massa** de pessoas convocadas a aprender e produzir novos saberes; e **Ferramentas**<sup>13</sup> (as do ciberespaço) que podem fazer surgir novos conhecimentos. Jamais a evolução das ciências e das técnicas foi tão veloz e com tantas conseqüências diretas para a nossa vida cotidiana. Assim, tornou-se impossível reservar o conhecimento a classes de especialistas. É o conjunto do coletivo humano que se adapta, aprende, inventa e constrói saberes.

Possuímos mecanismos diversos de acesso às informações, somos bombardeados por tempestades informacionais. É a dispersividade discursiva, como nomeou Marcuschi (2005), a que estamos submetidos cotidianamente. Contudo, dispõe-se de um reduzido número de mecanismos que auxiliem o trânsito crítico dos sujeitos por esse fluxo.

Constituir o Espaço do Saber seria, em especial, dotar-se dos instrumentos institucionais, técnicos e conceituais para tornar a informação navegável, para que cada um possa orientar-se e reconhecer os outros em função desses interesses, competências, projetos, meios, identidades, recíprocos no novo espaço (LÉVY, 1998, p. 25).

Somente assim, afirma o autor, será possível a construção de laços sociais que permitam a construção de coletivos inteligentes, onde as potencialidades sociais e cognitivas de cada um de nós possam ser desenvolvidas. Percebe-se, dessa forma, a necessidade de educar contextualizadamente, a partir da valorização do humano, “fonte das outras riquezas, critério e portador vivo de todo valor” (LÉVY, 1998, p. 47). É

---

<sup>13</sup> Neste estudo, preferimos nos referir a “interfaces” que através de aparatos tecnológicos, possibilitam o processo de produção colaborativa e de interação entre os indivíduos, no ciberespaço.

necessário educar não para a replicação de informações pré-moldadas por práticas educativas tecnicistas, mas sim educar com vistas à apropriação crítica desse conhecimento, de modo que os sujeitos possam interagir com a informação dando a ela sentido e significado.

A leitura, aqui, ganha uma dimensão muito maior daquela que já estamos acostumados a associar às letras e, no máximo, aos números. Se antes já era desejável não ficar nessas duas dimensões do ler, agora é mandatório ampliar essa percepção da leitura. Uma leitura do mundo que inclua a leitura das imagens que circulam de forma frenética pelas redes e pelas ruas; a leitura do corpo cada vez mais preso a gadgets eletrônicos; a leitura dos códigos de programação dos computadores; e, a leitura do ambiente (PRETTO, 2017, p. 5-6).

A educação, então, começa a se estabelecer sobre uma nova concepção de ensino e aprendizagem, uma concepção dialógica, onde todos ensinam e todos aprendem, a partir da valorização dos saberes individuais, sejam eles tácitos, sejam explícitos. Aprender na era do conhecimento não se reduz a simples apropriação dos saberes acumulados pela humanidade. “O aprendizado ocorre de todas as formas, no decorrer da vida, na permanente conectividade entre os indivíduos. Todos os processos, vitais e cognitivos, convergem na constituição de um ser que se auto-organiza” (TRINDADE, 2010, p. 19).

## **2.2 Quem sabe, sabe! (?)**

Muito embora se fale, incansavelmente, sobre as inúmeras possibilidades educacionais e formativas que emergem da Internet e suas Redes Sociais, é importante destacar “o outro lado da moeda”. Com a possibilidade de qualquer indivíduo ser consumidor e produtor de conteúdo, ser receptor e também emissor, o volume de informação que circula na rede aumentou de forma incalculável. Por um lado, isso é excitante, porque estamos navegando em um mar de autonomia e protagonismo. Podemos ser senhores do nosso percurso formativo e, mais que isso, podemos, igualmente, construir conhecimento e difundi-lo. Nunca sentimos a democracia tão orgânica, tão presente em nossas vidas; afinal, podemos falar, em um canal aberto mundialmente, sobre tudo o que pensamos, o que sentimos, o que desejamos para nós e para o mundo. A rede virou um megafone para os movimentos sociais que, com o ciberespaço, ganharam força e ampliaram sua capilaridade, resultando em novas linhas

de ação e de intervenção. Por exemplo, o discurso da jovem Ana Júlia só pôde repercutir mundialmente porque hoje estamos conectados em rede.

De início, eram poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram redes de milhares, depois ganharam apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança [...] ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais, de pessoas reais, na experiência humana real que fora reivindicada (CASTELLS, 2013, p. 9).

Na abertura do livro “Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet”, Castells (2013, p. 9) inicia o texto escrevendo em letras maiúsculas: “NINGUÉM ESPERAVA”. Nas primeiras linhas que se seguem, é possível compreender o espanto do autor com o movimento das redes conectadas, o que justifica o uso da expressão e a escolha da grafia. Afinal, de fato, ninguém esperava que o mundo, antes submerso em cinismo político, aflições econômicas, vazios culturais e desesperança, subitamente, conseguisse assumir tanta força e protagonismo, derrubando ditaduras, expondo políticos corruptos, denunciando governos, graças às tecnologias digitais conectadas, que permitiram às pessoas se agruparem por interesses em comum e dessem início a mobilizações diversas, locais e globais.

Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas, que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se (CASTELLS, 2013, p. 9).

Em um passo seguinte, a experiência humana, em sua constante metamorfose, nos conduziu a outro momento. A autonomia e o protagonismo na produção e compartilhamento de conteúdo que desencadearam um movimento de positivas e expressivas transformações na sociedade, de repente, tomou outro rumo. Imergimos na realidade das *fake news*, dos algoritmos, da mercantilização dos nossos dados pessoais. E, mais uma vez, NINGUÉM ESPERAVA! Presidentes foram eleitos a partir da manipulação sistemática de dados pessoais em nossas próprias redes sociais. Essa realidade nos leva a outro patamar de compreensão e interpretação sobre a construção e difusão do conhecimento, em especial, o político, nesse espaço. Estamos conscientes do que fazemos na rede? Esse *locus* é, de fato, propício para o letramento político ou, na verdade, estamos experimentando um letramento reverso, que nos despolitiza?

Um ponto importante a ser lembrado aqui é sobre a liberdade na Internet. Pretto (2018, p. 276)<sup>14</sup> destaca que a Internet nasceu para ser livre. Seus criadores como Tim Bernes-Lee e muitos outros pioneiros da computação, “deixaram livre e sem patenteamento, todas as descobertas estruturantes daquilo que viria ser a internet, como um bem da humanidade para a humanidade”.

No entanto, assistimos, hoje, à formação de grandes conglomerados multinacionais que dominam o mercado publicitário, a infraestrutura tecnológica e os meios de produção simbólica planetária, concentrados em poucos grandes grupos midiáticos. No campo da Web, acontece o mesmo com os gigantes de tecnologias, grupo conhecido pelo acrônimo GAFA - Google, Amazon, Facebook e Apple (PRETTO, 2018, p. 276). Esse espaço, criado para ser de todos,

[...] está sendo apropriado, cerceado, por estas grandes empresas de tal forma que hoje temos a internet como sendo verdadeiros Jardins Murados. Temos a sensação de que somos livres para navegar, mas, na verdade, somos induzidos por estas grandes empresas e ficamos presos dentro de bolhas criadas pelos seus algoritmos.

É o que Pariser (2012) chama de filtros-bolha. Os algoritmos proporcionam uma personalização da experiência de navegação, a partir da seleção do que se vê, do que se ouve e do que se faz na rede. Para o autor, as nossas experiências na internet podem ser apenas uma simulação construída a partir de uma falsa sensação de liberdade de acesso e de construção da informação, conduzindo as nossas percepções de mundo e condicionando o nosso olhar, as nossas escolhas.

Nesse contexto de leitura hipermidiática, alguns vão se tornando leitores críticos, perdem a ingenuidade diante dos textos lidos, compreendem e interpretam o que lhe é apresentado; mas muitos, ainda, exercitam a reprodução mecânica da informação. “Como é uma mídia nova, [não há] aquilo que já estávamos um pouquinho habituados a fazer – identificar quando um jornal era mais de esquerda, mais de direita, de qualidade, de não qualidade, panfletário, vagabundo” (PRETTO, 2019). Leituras, no contexto atual, exigem do leitor interpretar os efeitos que podem gerar o conteúdo veiculado no ciberespaço, este entendido como um sistema do caos devido à imprevisibilidade do ambiente (LÉVY, 2000). Trata-se de um espaço sobre o qual ainda não se conhece completamente, cheio de desafios e incertezas, tanto na sua práxis, quanto em suas formulações filosóficas e teóricas. Um espaço aberto, virtual, fluido, navegável. E, por

---

<sup>14</sup> Entrevista com o pesquisador Nelson Pretto à Revista Educação em Foco. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/issue/view/843>. Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

isso, cheio de possibilidades, para o bem e para o mal, inclusive no que se refere à construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, retornamos ao Espaço do Saber (LÉVY, 1998) e à aceleração do processo evolutivo da humanidade. O mundo mudou, o ser humano mudou. As tecnologias digitais passaram a estruturar a nossa vida e provocaram grandes transformações no indivíduo e na sociedade. Contudo, a partir da compreensão de Lévy sobre o Espaço do Saber, enquanto projeto para construirmos conhecimento, e diante desse nevoeiro informacional, é necessário a criar meios que auxiliem os sujeitos a navegar, ou seja, a ler criticamente as informações acessadas, interpretá-las. E a inteligência é o nosso “fio de vantagem” (BURKE; ORNTEIN, 1998). Ela representa a identidade social de cada um de nós, por isso precisa ser incessantemente valorizada e mobilizada em uma dimensão global.

A história da cultura humana, como retrata Burke e Orntein (1998), nos apresenta a evolução da humanidade a partir de conhecimentos específicos. Para os autores, somos os fazedores de machados, criamos instrumentos que transformam o mundo. Somos, a partir da nossa inteligência individual conectada a tantas outras, responsáveis por nossa própria evolução.

Os machados de pedra concederam à humanidade o fio de vantagem, com instrumentos que iriam libertar para sempre os seus usuários do lento desenvolvimento dos processos naturais. Segundo Burke e Orntein (1998, p. 31), [...] à medida que os fazedores de machados mudavam o mundo e nos mudavam com seus instrumentos, alteravam também radicalmente nossa percepção desse mesmo mundo.

Nós, os fazedores de machados, jamais paramos. Seguimos criando tecnologias cada vez mais elaboradas, dando origem a mudanças nas estruturas sociais e no próprio ser humano. A nossa história é a história da projeção desses instrumentos, das técnicas para solucionar demandas da sociedade.

Na era do conhecimento é imperativo que valorizemos e reconheçamos o outro em sua inteligência. “Quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuímos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos” (Lévy, 1998, p. 30). Nesse sentido, é necessário tecer reflexões acerca da educação na contemporaneidade, de modo a prestigiar os saberes individuais, basilares para a construção do conhecimento e, conseqüentemente, para a evolução da humanidade.

Couto (2012)<sup>15</sup> nos diz que a “educação é tudo o que fazemos quando produzimos e compartilhamos saberes”, e existem muitas formas de fazer isso; existem muitas educações, que só são possíveis, graças às novas tecnologias que surgem a partir do nosso processo evolutivo. Criamos e somos criados, em um movimento cíclico e veloz de desenvolvimento. “E, assim, a humanidade segue evoluindo, buscando novas formas de sermos nós, o povo” (CASTELLS, 2013, p. 9) e, conseqüentemente, de tecer educações. Nesse ínterim, entendendo o Facebook como um espaço contemporâneo de construção coletiva do saber, torna-se necessário propor reflexões sobre o potencial pedagógico dessa RSI para a educação informal.

### 2.3 Redes Sociais na Internet e a educação informal: o aprender no cotidiano

Debruço-me aqui sobre a educação em espaço não escolar, tomando as Redes Sociais na Internet como potencial *locus* de ensino e aprendizagem. Contudo, faz-se necessário detalhar os significados desse conceito e identificar as principais diferenças entre a educação formal, a educação informal e a educação não-formal.

Maria da Glória Gohn (2006, *grifo nosso*)<sup>16</sup> afirma que

[...] a **educação formal** é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a **informal** como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a **educação não-formal** é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.

Nesta pesquisa, entendemos que a educação fora dos ambientes institucionalizados compreende características tanto da educação informal quanto da educação não-formal apresentadas por Gohn. Aprender durante o “processo de socialização” e aprender “no mundo da vida” representam, neste estudo, um mesmo significado no que tange à educação a partir da valorização das vivências, das

<sup>15</sup> Excerto de Entrevista com o pesquisador Edvaldo Couto ao Portal Claro Embratel. Disponível em <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/educacao-e-redes-sociais-cada-vez-mais-conectadas/>. Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

<sup>16</sup> GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social.. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 1., 2006. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 01 de abril de 2019.

experiências, do conhecimento tácito, da inteligência individual. A diferença entre esses dois conceitos, para Gohn (2010), estaria na educação herdada (informal) e na educação adquirida (não formal).

A educação não formal, ao contrário não é herdada, é adquirida. Ela capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimentos sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar é construído como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades dos que participam (GOHN, 2010, p.19).

Embora se trate de uma distinção bem demarcada, entendo que é impossível dissociar tais características, colocando-as em conceitos opostos. O que é herdado tem influência sobre o que é adquirido e vice-versa. Sendo assim, o que a autora pontua como distinção demarcatória de conceito, é compreendido, nesta pesquisa, como predicados complementares, o que é evidenciado em Libâneo (1999, p.31).

a **Educação Informal** corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas. A **Educação Não Formal** seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. A **Educação Formal** compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática.

Libâneo (1999), ao trazer uma abordagem mais ampla sobre a educação em espaços não escolares, condensa o significado de educação informal e educação não formal, apontados por Gohn em um só, Educação informal, unindo o saber herdado e o saber adquirido. É nessa perspectiva que tomo as Redes Sociais na Internet como um potencial espaço para a educação informal.

Compreendendo que o conhecimento está em toda a parte e em todos nós, e que estamos interligados virtualmente e em tempo real, seria possível afirmar que as Redes Sociais na Internet, são importantes *loci* formativos contemporâneos? Para Couto (2012), as RSI fazem parte de tudo aquilo que hoje estruturam a nossa vida cultural e pessoal, elas organizam a nossa vida e falam daquilo que nós somos. Nesse sentido,

podemos considerá-las como ambientes propícios para a educação por estabelecer laços importantes entre as pessoas.

São as pessoas conectadas, compartilhando experiências, criando coletivamente soluções para os problemas cotidianos, que são agentes educacionais ativos. Ou seja, a escola não é mais a sala de aula apenas, ela é todo e qualquer lugar ou ambiente de rede onde as pessoas produzem umas com as outras e aprendem o prazer de compartilhar o que descobre. E a educação não se faz mais apenas na sala de aula, a educação é tudo o que fazemos quando produzimos e compartilhamos saberes (COUTO, 2012).

Nessa perspectiva, entendendo que educar é compartilhar saberes, é possível afirmar que as Redes Sociais na Internet democratizam o acesso ao conhecimento, na medida em que oportunizam a participação, a troca, a colaboração, em especial ao que se refere aos saberes do campo político que, como pudemos acompanhar atualmente, tem pautado diversos debates nas redes e estimulado a participação política das juventudes.

Carrano (2012, p. 95) afirma que “[...] as redes sociais da internet e o denominado ciberativismo são novas e pouco são exploradas as fronteiras para o desenvolvimento de estudos que possam captar os sentidos da participação juvenil contemporânea”. As RSI suscitaram novas formas de participação e interação, entre os jovens, como passeatas online, transmissão ao vivo de debates, fórum de discussão em tempo real. Hoje, basta um celular conectado para que se inicie um ato político. As juventudes se apropriaram desse espaço e o transformaram em um palanque com microfone aberto, reconfigurando seu engajamento político.

O mundo virtual ampliou o leque de opções para que os jovens se comuniquem, formem sua criticidade, construam seus discursos, militem. Esse fenômeno só pode ser compreendido a partir de reflexões acerca da construção coletiva do saber. E, tomando as Redes Sociais na Internet como agência de letramento, é possível estabelecer um campo reflexivo que perpassa a construção do conhecimento político a partir da interação entre jovens conectados, da troca e da construção de coletivos inteligentes. Para Queiroz (2017, p. 3), as RSI não são apenas suportes de descrição, mas também de construção e reconstrução da realidade.

Quando alguém atua por meio de uma dessas redes [sociais na internet], não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social.

De acordo com a autora, a revolução digital se deu com a passagem das mídias de massa (TV, rádio, imprensa e cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação, na Internet. Nas redes, a circulação de informações e dados não obedece à hierarquia da árvore (um para todos) e sim à multiplicidade de um rizoma (todos para todos), ou seja, na contemporaneidade todos produzem e consomem conteúdo.

Destaque na comunicação política, a mídia livre, que se refere à mídia alternativa, formada por veículos não comprometidos com a grande imprensa, tem sido fonte de informação e o grande polo de interação e incentivo ao debate político, principalmente entre os jovens. Segundo Leal Filho (2008)<sup>17</sup>, mídia livre representa atualmente, o “quinto poder”.

Sobre a mídia, com seus enormes interesses políticos e econômicos, não há nenhum controle. Daí a necessidade de criarmos instituições sociais capazes de exercer esse papel que seria um quinto poder. A mídia alternativa, especialmente alguns sites da internet, já exerce esse papel.

Entre os principais veículos da mídia alternativa, está a Mídia Ninja<sup>18</sup>, nascida e fortalecida no seio das RSI, um exemplo, entre tantos outros, que expõe um protagonismo juvenil com mediação tecnológica jamais visto na comunicação política, ascendendo uma juventude mais atuante, que assume um papel não apenas de participação, mas de fiscalização e denúncia. Surgem, assim, os coletivos, grupos, organizações virtuais; ocorre o ciberativismo<sup>19</sup>, elemento que marca as ações dos movimentos sociais na contemporaneidade, na medida em que empodera grupos ativistas ampliando seu potencial e o alcance das mobilizações.

O ciberativismo ganhou força a partir da onda de protestos decorrentes da Primavera Árabe, em 2010, movimento que começou na Tunísia, com o suicídio de *Mohammed Bouazizi* em razão do confisco de seu único meio de sobrevivência, uma barraca de legumes, pelo governo. A partir daí a revolução ampliou seu escopo e

---

<sup>17</sup> Entrevista sobre a função da mídia livre, concedida pelo pesquisador Laurindo Leal Filho (USP) à Revista Instituto Humanistas Unisinos. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1712-laurindo-leal-filho>, acesso em mai. 2019.

<sup>18</sup> Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) é uma rede descentralizada de mídia independente, com atuação em mais de 250 cidades no Brasil. Sua abordagem é conhecida pelo ativismo sociopolítico, sendo uma alternativa à imprensa tradicional. O grupo ganhou repercussão internacional na transmissão de protestos no Brasil desde 2013.

<sup>19</sup> Refere-se ao conjunto de práticas utilizadas na defesa das mais diversas causas, que utilizam as redes cibernéticas como principal meio de difusão do ativismo sociopolítico.

chegaram a alguns países como: Egito, Líbia, Síria, Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Kuwait, Líbano, Sudão e muitos outros países do oriente médio.

No Brasil, como já mencionado anteriormente, os ativistas ganharam as ruas, em 2013, protestando, inicialmente, contra o aumento da tarifa do transporte coletivo, movimento que ganhou outras pautas e demandas. Esses dois movimentos, e muitos outros, vale mencionar, possuem um elemento em comum: as redes sociais na internet, utilizadas para recrutar novos ativistas, agendar manifestações, articular movimentos e transmitir, em tempo real, o que acontecia nas ruas.

Os ativistas usavam estratégias de resistência civil combinadas com greves, manifestações e passeatas, com amplo uso das redes sociais para difusão das ideias revolucionárias (ROSINY, 2012, apud QUEIROZ, 2017, p. 2). A Primavera Árabe, desde o início, se organizou de forma horizontal, com gestão e decisões orientadas pelo coletivo, de forma democrática. Não havia um líder. A rede se transformou em um sujeito coletivo de mobilização (CASTELLS, 2013). Para o autor, a internet e as redes móveis permitem que as pessoas se organizem em agrupamentos que surgem de um processo de indignação e de vontade de luta. Sem líderes, o movimento vai se ajustando e o debate acontece, como destaca (CASTELLS, 2013, p.160):

O uso das redes de comunicação da internet e dos telefones celulares é essencial, mas a forma de conectar-se em rede é multimodal. Inclui redes sociais online e off-line, assim como redes preexistentes e outras formadas durante as ações do movimento. Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral.

Foi o que aconteceu com o movimento estudantil que culminou com as ocupações das escolas secundaristas, entre 2015 e 2016. Em setembro de 2015, o governo de São Paulo anunciou a implementação de um plano de reorganização da rede pública de ensino. Estudantes, professores e pais alegaram falta de diálogo para a tomada de decisão e ausência de justificativa pedagógica, e reagiram. O plano previa a reestruturação da rede estadual de ensino, com o fechamento de 93 escolas, entre outras medidas. A ideia do governo do estado era dividir a escola em ciclos, separando os alunos em diferentes unidades: Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio (SILVA; MEI, 2017).

Em dezembro do mesmo ano, 213 escolas paulistas já estavam ocupadas e o movimento se estendeu para outros estados do país, como Rio de Janeiro, Ceará e Goiás.

O período de instabilidade seguiu até que, em agosto de 2016, após o afastamento definitivo da presidenta Dilma Rousseff, o movimento ampliou seu escopo por conta da série de medidas lançadas pelo então governo Temer, com graves impactos sobre a educação: a Proposta de Emenda Constitucional nº 241 (depois PEC 55), que congela os gastos públicos por 20 anos, a reforma do Ensino Médio, via Medida Provisória (MP), e o projeto de lei batizado de “Escola sem Partido” ou “Lei da Mordaca”, com impacto direto na atuação docente; estabeleceu-se uma série de regras para controlar a atuação do professor em sala de aula, praticamente o impedindo de promover um debate crítico de ideias com os alunos e criando uma espécie de observatório para monitorar a sua prática (SILVA; MEI, 2017).

Nesse contexto, as mobilizações se intensificaram e ganharam ainda mais força. Em outubro de 2016, escolas e universidades de 20 estados e do Distrito Federal já tinham aderido ao movimento de ocupações. As redes sociais foram muito importantes para o processo de mobilização que culminou nas ocupações. Os estudantes utilizaram a internet e as redes sociais para ampliar o campo de alcance do movimento, divulgando suas propostas, seus objetivos e informações sobre o que acontecia nas ocupações.

Foi nesse ínterim que, ainda em outubro de 2016, aconteceu o discurso da então secundarista, Ana Julia Ribeiro (sujeito desta pesquisa). A jovem, com apenas 16 anos, assumiu a tribuna da Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP) e discursou por mais de 10 minutos sobre a legitimidade do movimento estudantil e sobre a importância da valorização de espaços informais de ensino e aprendizagem que extrapolem a sala de aula. “Uma semana de ocupação nas escolas nos deu mais conhecimento sobre política e cidadania que o tempo em que ficamos enfileirados em aulas padrão” (A.R, 2016).

O discurso de Ana Júlia, importante marco das ocupações, repercutiu nas mídias alternativas e tradicionais, nacionais e internacionais, oportunizando um amplo debate sobre o tema, que só foi possível, na dimensão que ocorreu, graças à internet e as RSI.

Assim, percebem-se as RSI como um espaço potencializador e amplificador do debate sobre pautas de movimentos e mobilizações políticas. Os coletivos se formam e se retroalimentam, por vezes, na rede, mas é nas ruas, é nas escolas e nas universidades que a mobilização acontece, mixando as realidades dos espaços tradicionais do fazer político e das redes sociais na internet. Essa mixagem enriquece o processo de construção e compartilhamento de saberes do campo político.

Tal contexto suscita algumas reflexões sobre o lugar que a educação ocupa nas Redes Sociais na Internet; sobre a finalidade da produção e consumo de conteúdo

político nas redes, e sobre as RSI como espaços de aprendizagem que oportunizam a educação política das juventudes. Porém, para compreender como o jovem aprende será preciso, antes de tudo, saber quem ele é, é necessário será compreender o conceito e os sentidos da juventude na contemporaneidade, como veremos no próximo capítulo.

### 3 JUVENTUDES E LETRAMENTO POLÍTICO NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET

O que é ser jovem na contemporaneidade? Muitos pesquisadores têm se debruçado sobre esse questionamento, que deixou de ter uma resposta simples como na Modernidade, período em que se associava a juventude apenas a uma fase da vida, reduzindo todo o escopo cultural e social que envolve esses sujeitos. Por muito tempo a juventude foi entendida a partir de uma ótica unitária, que desconsiderava as descontinuidades e rupturas que demarcam a transição dos jovens e a fluidez e incertezas de seus papéis na sociedade.

Pertencer a uma faixa-etária representa uma condição transitória, o que significa que os indivíduos não pertencem a um grupo etário, eles o atravessam. Esse processo não é o mesmo para todas as sociedades, ele é determinado pelas atitudes sociais e pela visão que o jovem tem de si mesmo. Assim, para compreender o ser jovem é necessário reconhecer a condição dos sujeitos envolvidos, suas questões e conflitos. Para Dayrell (1999, p. 3), o conceito de juventude não pode remeter "[...] a qualquer homogeneização, mas, ao contrário, à pluralidade e às circunstâncias que marcam a vida juvenil, considerando a diversidade e as múltiplas possibilidades inerentes ao sentido de ser jovem".

Do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais - classe, gênero, etnia etc. (DAYRELL, 2007, p. 1109).

O tempo histórico que vivemos, mediado pelas TIC, é dinâmico e acelerado. Toda a nossa experiência de vida vem sendo reconfigurada a partir dessa nova realidade digital, fazendo emergir, entre outras situações, uma nova juventude (LECCADI, 2006), com novos padrões culturais e sociais. Na contemporaneidade, o olhar sobre a juventude se amplia e nos mostra a pluralidade das vivências e experiências pelas quais passa o jovem no contexto atual. Trata-se de um jovem conectado, que se comunica em rede, que se relaciona a partir de interações online. Um jovem protagonista, participativo, agente ativo da sociedade. E essa autonomia é estimulada por interações ubíquas, que

permitem o acesso a informações de qualquer lugar e a qualquer momento, por diferentes tecnologias (tablets, smartphones, entre outros) conectadas à internet. O jovem conectado torna-se um leitor ubíquo que, segundo Santaella (2013, p. 22), é

[...] capaz de processar, paralela e conjuntamente, informações de ordens diversas, dando a elas igual magnitude, tanto as informações que provêm da situação ao seu redor, quanto aquelas miniaturizadas que estão ao alcance dos dedos e que são rastreadas com acuidade visual veloz e quase infalível, como se os olhos adivinhassem antes de ver.

Compreendendo, nessa perspectiva, a diversidade que abarca o conceito de juventude na contemporaneidade, é preciso promover reflexões sobre a educação desses indivíduos e sobre como se dão os processos de aprendizagem em um contexto sociocultural complexo, múltiplo e movente.

A exponenciação do uso das RSI deveu-se, sobretudo, à sofisticação dos dispositivos móveis conectados, que permitiram não apenas a mobilidade informacional, característica das redes digitais, mas também a mobilidade física do usuário, criando um espaço de hipermobilidade (SANTAELLA, 2013). É justamente desse espaço que emerge o leitor ubíquo, cujo perfil cognitivo é inédito, uma mixagem das características dos leitores moventes e imersivos.

[...] o movente é filho da revolução industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos. [...]. É, portanto, o leitor do mundo em movimento, dinâmico, das misturas de sinais e linguagens de que as metrópoles são feitas. [...] o leitor imersivo é aquele que brotou nos novos espaços das redes computadorizadas de informação e comunicação. [...] Ele inaugura um modo inteiramente novo de ler que implica em habilidades distintas daquelas empregadas pelo leitor de um texto impresso (SANTAELLA, 2013, p. 20).

Para Santaella (2013), estamos em plena era da mobilidade, de tecnologias comunicacionais da conexão contínua e as condições propiciadas por elas afetam diretamente os modos de educar e de aprender. Ou seja, muda-se o perfil dos leitores, muda-se também os modos de ensinar e aprender. Portanto a autora denomina de “‘aprendizagem ubíqua’ as novas formas de aprendizagem mediadas pelos dispositivos móveis” (SANTAELLA, 2013, p. 23, grifo da autora).

Ao tratar sobre letramento político das juventudes, esta pesquisa as discussões nesta pesquisa levam em conta a ubiquidade do leitor contemporâneo, cujo perfil cognitivo o torna capaz de processar paralela e conjuntamente, informações diversas provenientes “tanto de situações ao seu redor quanto aquelas miniaturizadas que estão

ao alcance dos dedos e que são rastreadas com acuidade visual veloz e quase infalível, como se os olhos adivinhassem antes de ver (SANTAELLA, 2013, p. 22)”.

A juventude contemporânea, em sua perspectiva plural e complexa, ensina e aprende de forma colaborativa, construindo e disseminando conhecimento em nível global, colocando em evidencia o potencial pedagógico das redes sociais na internet enquanto agências de letramentos, um espaço de apropriação de práticas sociais e culturais da leitura e da escrita.

Essa nova realidade fez emergir novas configurações sociais que, por sua vez, trouxeram novas formas de vida em sociedade e de construção e difusão do conhecimento. Ensinar e aprender na era da informação e comunicação ganharam novos significados. A informação não está mais apenas centralizada na escola, está em toda parte, acessível a um clique. A educação verticalizada deu lugar para a educação colaborativa, contextualizada, e o professor deixou de ser o detentor do saber para assumir o papel de mediador, parceiro do aluno no processo de ensino e de aprendizagem. O jovem se tornou protagonista de seu aprendizado, mediado, principalmente, pelas Redes Sociais na Internet.

A exposição ao dilúvio informacional que nos cerca e a construção coletiva do conhecimento perpassam um âmbito que tem chamado atenção dos pesquisadores na contemporaneidade: a ampliação do capital político das juventudes mediadas pelas Redes Sociais na Internet.

Com a égide do digital, o engajamento político dos jovens ganhou novas configurações. Novas formas de participação e interação surgiram como passeatas online, transmissão ao vivo de debates, fórum de discussão em tempo real, entre outros, atribuindo às RSI características de uma nova esfera pública, ou seja, uma arena da discussão e do debate público (HARBERMAS, 2003).

Compreendendo que se trata de um novo momento da participação política juvenil e não de uma “ruptura epistemológica apressada que desprezaria as tradições da militância estudantil” (CARRANO, 2012, p. 93), urge a necessidade de se investigar de que forma acontece o letramento político dos jovens na contemporaneidade, de que forma o protagonismo juvenil e as novas formas de comunicabilidade e construção do conhecimento, no âmbito das RSI, têm influência sobre a vinculação dos jovens com o campo político. Mas, antes de tudo, é preciso compreender quem é esse jovem contemporâneo e quais marcas deste momento histórico constituem a formação desses sujeitos pós-modernos (HALL, 2002).

### 3.1 A condição da juventude na contemporaneidade

No período moderno, a condição de juventude era associada principalmente a uma fase da vida. Os jovens eram identificados como tal a partir de características do plano biológico (transformações físicas) e temporal (idade), o que se mostrou insuficiente para definir sujeitos tão diversos e complexos. De acordo com Peralva (1997), as formulações biopsíquicas sobre as distintas faixas etárias não são suficientes para explicar o ciclo da vida. Para a autora, o fenômeno não é apenas natural, mas também social e histórico.

Pais (1990) propõe, com fins reflexivos, que o conceito de juventude seja apreciado a partir de dois eixos semânticos: *Unidade*, quando se refere a uma fase da vida, e *Diversidade*, quando aponta para diferentes atributos sociais que distinguem os jovens uns dos outros.

- a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada «fase da vida», prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase da vida— aspectos que fariam parte de uma «cultura juvenil», específica, portanto, de uma geração definida em termos etários;
- b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Nestoutro sentido, seria, de facto, um abuso de linguagem subsumir sob o mesmo conceito de juventude universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum (PAIS, 1990, p. 140).

O autor aponta para a impossibilidade de se tomar a juventude como um fenômeno sociologicamente homogêneo, na medida em que compreender esse conceito apenas como uma fase da vida não dá conta das discontinuidades e rupturas que demarcam a transição dos jovens. A fase da vida seria uma simples categoria confinada a um agregado de idades. É necessário olhar a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens; isto é, “torna-se necessário passar do campo semântico da juventude, que a toma como unidade, para o campo semântico que a toma como diversidade” (PAIS, 1990, p.151).

Pais afirma ainda que a principal questão que se coloca à sociologia da juventude é a de “explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também - e principalmente - as diferenças sociais que entre eles existem” (PAIS, 1990, p.140).

Na contemporaneidade, o olhar sobre a juventude alcança novas perspectivas, deixando de considerá-la a partir de um conceito fixo e sólido, na medida em que reconhece a pluralidade desses sujeitos. Multiplicam-se as identidades móveis e nômades (CANEVACCI, 2005), surgem novos modos de ser jovem, diferentes daqueles postulados na Modernidade.

Nesta perspectiva, esta pesquisa compreende que, para dar conta de toda a diversidade e complexidade que constituem os jovens, o termo juventude deve ser grafado no plural. Assim, o uso da terminologia *juventudes* pretende evidenciar o jovem como sujeito pós-moderno (HALL, 2002), diverso, múltiplo, com identidades fragmentadas e em constante construção, o jovem multiletrado. Além disso, é importante ainda articular a noção de juventude à de sujeito social. Para Dayrell (2003), o sujeito é aberto a um mundo que possui uma historicidade. É portador de desejos e é movido por eles, O jovem como sujeito se relaciona com o outro e com ele mesmo, influencia seu contexto, a realidade social que o circunda, e é influenciado por ela.

Dessa discussão, entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (DAYRELL, 2003, p. 42).

Assim, compreendendo que as juventudes constituem e são constituídas pelo meio, é preciso ampliar o olhar sobre o espaço social que ocupam na contemporaneidade e as influências que esse contexto social tem sobre elas. Leccadi (2006) destaca que a sociedade se vê atravessada por processos societários inéditos, resultantes de transformações globais. Um tempo histórico de aceleração temporal estaria criando uma nova juventude, que se desenvolve em contextos de novas alternativas de vida apresentadas pelo desenvolvimento científico-tecnológico e novos padrões culturais nos relacionamentos entre as gerações. Uma perspectiva com a qual coaduna Carrano (2012, p. 85):

Uma das características de nossas sociedades contemporâneas está relacionada com velocidade das mudanças que ocorrem nas esferas da produção e reprodução da vida social. Sem dúvida, os jovens são atores-chave desses processos e interagem com eles algumas vezes como protagonistas e beneficiários das mudanças e por outras vezes sofrem os prejuízos de processos de “modernização”, produtores de novas contradições e desigualdades sociais.

A diversidade que abarca o conceito de juventudes torna necessário compreender que os letramentos são diversos, os lugares e modos de aprendizagem também são múltiplos, o que postula questionamentos sobre formatos de currículos e de metodologias padrões, encaixotadas em marcos tradicionais de ensino, que não levam em conta os contextos sociais e culturais diversos dos sujeitos aprendentes.

Na era da mobilidade surge uma juventude *multitasking*<sup>20</sup> (CASTELLS, 2015), ou seja, que possui a habilidade de acessar várias informações ao mesmo tempo, recombina-as e construindo novos saberes. Essa característica, basilar para o conceito de leitor ubíquo de Santaella (2013), é fundamental para se pensar a educação contemporânea já que permite um tipo de aprendizado aberto, que pode ser obtido em quaisquer circunstâncias.

É nessa perspectiva que a subseção seguinte trará reflexões e aportes teóricos sobre os letramentos, compreendendo que educar na contemporaneidade perpassa não apenas decifração de códigos. Trata-se da apropriação da leitura e da escrita, para produção de conhecimento nos diversos e plurais contextos sociais das juventudes contemporâneas, permitindo a compreensão e interação com o mundo.

### **3.2 Letramentos e os horizontes do ensinar e do aprender**

Certa vez, ouvi de importante pesquisador da Educação o seguinte questionamento: “*O que Paulo Freire fazia era letramento ou alfabetização?*”. Prontamente, respondi: “*Letramento!*”. E, então, ele me perguntou: “*E porque todos chamavam de alfabetização e estava tudo bem?*”. Esse foi um diálogo importante para que eu pudesse perceber que o conceito de letramento está longe de ser uma unanimidade. Muitos estudiosos da área defendem não haver diferenças conceituais entre os termos que justifiquem sua dissociação, e compreendem alfabetização e letramento como sinônimos. Com base nesse contexto, a priori, irei responder ao

---

<sup>20</sup> Palavra de origem inglesa que significa multitarefa.

questionamento do pesquisador, definindo os dois termos e pontuando suas diferenças e pertinências no campo da Educação.

O letramento chegou ao vocabulário da Educação e dos estudos linguísticos na década de 1980. Obras de pesquisadoras como Mary Kato, Angela Kleiman e Leda Verdiani Tfouni já traziam o conceito para o seio das discussões na área. Tfouni (1995, p. 9) explica que

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidade para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual.

Soares (2016, p. 19) afirma que o termo “alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam”. Dessa forma, a autora já apontava para a necessidade de uma terminologia que abarcasse não apenas o processo de decifração dos códigos, mas, sobretudo, que permitisse ao sujeito aprendente compreender e interagir com o mundo, o que só seria possível relacionando os conteúdos da escola aos da vida cotidiana dos alunos.

Mas o que explica o surgimento desse novo termo? Qual a sua origem? Soares (2016, p. 16) afirma que “novas palavras são criadas (ou a velhas palavras dar-se um novo sentido) quando emergem novos fatos, novas ideias, novas maneiras de compreender os fenômenos” ao tempo em que faz o seguinte questionamento: “Que novo fato, nova ideia ou nova maneira de compreender a presença da escrita no mundo social trouxe a necessidade desta nova palavra, **letramento?**” (SOARES, 2016, p. 16, *grifo da autora*).

O termo letramento, esclarece Soares (2016), vem da tradução da palavra inglesa *literacy*, que, no Brasil, significa o “estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la” (SOARES, 2016, p. 17). A autora afirma que o letramento não pode ser considerado um instrumento neutro a ser usado nas práticas sociais quando exigido, trata-se essencialmente de um

[...] conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais (SOARES, 2016, p. 75).

Para além de todo o arcabouço teórico apresentado até aqui, Soares sinaliza ainda outro ponto que justifica e embasa, ainda que de maneira tímida, o letramento como um conceito importante para investigar a educação na contemporaneidade: a forma como os censos da educação consideraram o significado do acesso à leitura e à escrita no Brasil – “da mera aquisição da tecnologia do ler e escrever à inserção nas práticas sociais da leitura e da escrita” (SOARES, 2016, p. 21).

Durante muito tempo, considerava-se analfabeto o indivíduo que fosse incapaz de escrever o próprio nome. Há algumas décadas é a resposta à pergunta ‘sabe ler e escrever um bilhete simples’ que define se o sujeito é analfabeto ou não, ou seja, da verificação de apenas a habilidade de decodificar o próprio nome passou-se à verificação da capacidade de usar a leitura e a escrita para uma prática social, que é escrever um bilhete simples. “Embora essa prática seja ainda bastante limitada, já se evidencia a tentativa de avaliação do nível de letramento e não apenas a avaliação da presença ou ausência da ‘tecnologia’ do ler e escrever” (SOARES, 2016, p. 21)

Tal perspectiva sobre o letramento é compartilhada também pela Unesco<sup>21</sup>. Em 1958, a organização, com o propósito de padronização internacional das estatísticas em educação, trouxe as seguintes definições que se enquadram-na dimensão individual do letramento:

É letrada a pessoa que consegue tanto ler quanto escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana. É iletrada a pessoa que não consegue ler nem escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana (UNESCO, 1958, p. 4 apud SOARES, 2016, p. 71).

Porém, em 1978, a Unesco julgou necessário, embora mantendo a definição de pessoa letrada de 20 anos antes, introduzir o conceito de “funcionalmente letrada”, fundamentando os usos sociais da leitura e da escrita.

Uma pessoa é funcionalmente letrada quando pode participar de todas aquelas atividades nas quais o letramento é necessário para o efetivo funcionamento de seu grupo e comunidade, e

---

<sup>21</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)

também para capacitá-la a continuar quando a leitura, a escrita e o cálculo para o seu desenvolvimento e o de sua comunidade (UNESCO, 1958, p. 4 apud SOARES, 2016, p. 73).

Considerando os pressupostos apresentados, entende-se que o indivíduo precisa ir além da decodificação e mecanização dos códigos, precisa interagir com eles de modo a transformar sua condição, incorporando a linguagem em sua vida. Essa é a base da obra de Freire, que já apresentava o letramento implícito: “[...] o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem.” (FREIRE, 2009, p.60). O método Freiriano, no qual a leitura do mundo precedia a leitura da palavra, sem dúvida, tem em suas bases a compreensão da importância da presença da escrita no mundo social, que representa um alicerce para a constituição do conceito de letramento.

A obra de Freire fez reluzir a importância do exercício da prática social da leitura e da escrita, urgindo a necessidade de um conceito que abarcasse essa nova compreensão sobre o educar, deixando para trás as práticas centralizadoras e positivistas da educação bancária (FREIRE, 2005).

Assim, a partir dessa compreensão de letramento, tecerei, a seguir, reflexões sobre os novos estudos acerca deste conceito, perpassando as mudanças sociais, culturais e educacionais que surgem a reboque da conectividade. Ensinar e aprender, no mundo conectado, ganham novos contornos, ressignificando e ampliando o conceito de letramento e suas concepções, como veremos na subseção que segue.

### 3.2.1 Os letramentos e suas concepções

O conceito de letramento não é estático, não é único, não há como adequá-lo a todas as pessoas, em todos os lugares e em qualquer tempo e contexto cultural ou político. Compreender as práticas sociais e culturais da leitura e da escrita em diferentes contextos sociais requer adequações, dependendo das crenças, valores, do momento histórico e do estágio de desenvolvimento de um grupo social, daí a necessidade do plural.

[...] devemos falar de **letramentos** e não de **letramento**, tanto no sentido de diversas linguagens e escritas, quanto no sentido de múltiplos níveis de habilidade, conhecimentos e crenças, no campo de

cada língua e/ou escrita (WAGNER, 1986, p. 259 apud SOARES, 2016, p.82, grifo nosso).

Estabelece-se, então, uma ressignificação dos letramentos, ao se atribuir a este conceito sentidos plurais que o permitem abarcar características e concepções para além das evidenciadas pelo sistema escolar. Street (2014) destaca os letramentos sociais, que consideram as habilidades e práticas de letramento que acontecem fora do contexto escolar. O autor defende o modelo ideológico do letramento, que abarca a interação social entre indivíduos e considera sua participação ativa em um mundo de sociedades e culturas diversas.

Com os avanços tecnológicos e o surgimento de novas formas de comunicação e interação, surgem também novas concepções de letramento para dar conta das demandas deste tempo histórico e de todas as transformações que dele emergem. Assim surgem reflexões sobre o letramento multi-hipermidiático (SIGNORINI, 2012). Na sociedade contemporânea, marcada pela égide do digital, “os padrões grafocêntricos do letramento de base puramente linguística dão lugar aos padrões híbridos multi-hipermidiáticos” (SIGNORINI, 2012, p. 284).

Compreende-se a hipermídia como um tipo de multimodalidade hiperlinkada e o letramento multi-hipermidiático como “conjuntos de práticas socioculturais caracterizadas pelo uso de linguagens multimodais (verbais, visuais, sonoras) associadas à hipermodalidade, ou seja, aos recursos de design e navegação próprios dos ambientes de hipermídia, plugados ou não às redes computacionais” (SIGNORINI, 2012, p. 283).

Contudo, para compreender e dar sentido à tempestade de informações que a convergência das mídias e a diversidade de linguagens e culturas apresentam é preciso desenvolver consciência crítica, construir o próprio discurso e se posicionar frente a ideologias sociais (FAIRCLOUGH, 1989). Essa é a perspectiva do letramento crítico, definido por Pinheiro (2018) como

[...] conjunto de usos e práticas sociais que envolvem leitura e escrita multimodais, permeados por discursos e ideologias, que têm como consequência a possibilidade de empoderamento social e de uma postura crítica do sujeito diante do(s) texto(s) multimodal(is)” (PINHEIRO, 2018, p. 7).

O letramento crítico é fundamental para o momento que vivemos hoje, apontado por Lévy (1998) como o espaço do saber. Para atuar nesse espaço antropológico, faz-se necessário que se desenvolva uma habilidade crítica de leitura do mundo, que permita ao leitor perceber os diferentes pontos de vista, refletir sobre eles e questioná-los.

Preocupados com as novas formas de comunicação, emergentes das tecnologias digitais, e suas implicações nas práticas de letramento, que não acompanhavam tais transformações, pesquisadores dos letramentos formaram o Grupo Nova Londres (GNL)<sup>22</sup>, em 1996, na cidade de Nova Londres, em Connecticut (USA), e escreveram o manifesto *A pedagogy of multiliteracies – Designing social futures*, ampliando o conceito de letramentos e apontando para a multiplicidade cultural e a multiplicidade semiótica da contemporaneidade.

O grupo percebeu a necessidade de “novas práticas de letramentos que englobassem novas habilidades para compreender o que acontecia ao redor, como se entendia os estudos semióticos dos textos, as diferentes formas de produção, de veiculação e de consumo que surgiram frente aos novos ambientes virtuais e reais” (FERREIRA; MACHADO; OLIVEIRA, 2017, p. 108). Assim, o manifesto trouxe, pela primeira vez, o conceito de Pedagogia dos Multiletramentos, que discutia proposições sobre o ensino de língua, sobre letramento e sobre a relevância da multiplicidade de canais e meios de comunicação para o sistema escolar. O conceito de multiletramentos, destaca Rojo,

[...] aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (2012, p.13).

A Pedagogia dos Multiletramentos é, também, uma integração complexa de quatro fatores: a **prática situada**, que considera as necessidades socioculturais e identidades de todos os alunos. **Instrução aberta**, que inclui as intervenções do professor e outros especialistas sobre os conhecimentos sistemático e científico. O **enquadramento crítico** requer a criticidade dos alunos, de forma que possam compreender na prática e de forma consciente as relações históricas, sociais, culturais, políticas de determinadas práticas sociais e, por fim, a **prática transformadora**, que busca a intervenção no mundo, considerando os interesses, experiências, promovendo transformação na realidade (ROJO, 2012).

Como é possível constatar, nos multiletramentos estão inscritas várias das características dos novos letramentos, um caminhar que nos leva ao recorte temático do

---

22 Dentre eles, Courtney Cazden, Bill Cope, Mary Kalantzis, Norman Fairclough, Jim Gee, Gunther Kress, Allan e Carmen Luke, Sara Michaels e Martin Nakata.

presente estudo: o letramento político definido como “o processo de apropriação de práticas, conhecimentos e valores para a manutenção e aprimoramento da democracia” (COSSON, 2010, p. 30). Esse conceito, basilar para o desenvolvimento desta pesquisa, é fundamentado no conceito primeiro de letramento, perpassando todos os citados até aqui. É dinâmico, fluido e inerente aos demais. Na subseção seguinte, esse conceito será abordado, de forma mais ampla e contextualizada, trazendo suas principais contribuições para o campo dos letramentos.

Vale ressaltar que este mapeamento realizado sobre alguns usos do letramento não objetiva levantar fronteiras estáticas entre eles ou hierarquizá-los. Trata-se, pois, de uma estratégia expositiva, visando à localização conceitual do letramento político.

### 3.2.2 Letramento político: definição e contexto

A expressão letramento político ganhou novos contornos quando foi utilizada por Bernard Crick em um estudo feito para a Hansard Society, em parceria com Ian Lister, publicado em 1978. Em 1998, vinte anos depois de seu primeiro emprego por Crick e Lister, o letramento político adquiriu uso oficial no Reino Unido ao integrar um relatório de uma comissão, presidida por Crick, para sugerir encaminhamentos e orientar a educação para cidadania no Reino Unido (COSSON, 2015). O documento, que aconselha alteração do currículo escolar, a partir da criação de uma disciplina sobre o tema, ficou conhecido como Relatório Crick.

Nesse documento que retoma, detalha e revisa a proposta inicial de educação política dos dois autores, o letramento político é a terceira vertente de uma educação para a cidadania eficaz, situando-se ao lado de duas outras que são o envolvimento com a comunidade e a responsabilidade moral e social. Desse modo, o letramento político consiste em “alunos aprendendo sobre e como se tornarem efetivos na vida pública por meio de conhecimento, habilidades e valores (COSSON, 2015, p. 60).

Crick destaca em seu relatório que o letramento político consiste em “alunos aprendendo sobre e como se tornarem efetivos na vida pública por meio de conhecimento, habilidades e valores” (COSSON, 2015, p. 60), conferindo ao letramento político um alcance muito maior que o conteúdo tradicional das disciplinas em educação política, porque adota a expressão “vida pública”, referindo-se a aspectos que vão das questões socioeconômicas contemporâneas até as políticas públicas e as escolhas individuais. Assim, Crick vai “além de uma educação para a cidadania centrada no

funcionamento do Estado e nos direitos e deveres do cidadão para incorporar os vários espaços e tempos em que a política se faz presente na vida das pessoas” (COSSON, 2015, p.60).

No relatório, Crick relaciona ainda três elementos essenciais para a proposta de educação para a cidadania: conhecimentos, habilidades e valores, que são tomados como basilares para o pleno exercício da cidadania em uma democracia participativa.

**conhecimentos** [...] a natureza das comunidades democráticas, questões e eventos contemporâneos, a interdependência entre os indivíduos, a Declaração dos Direitos Humanos e suas questões [...], ao lado de conceitos-chaves como democracia e autocracia, direitos e responsabilidades, liberdade e ordem, poder e autoridade, etc. As **habilidades** [...], por sua vez, consistem em tolerar o ponto de vista dos outros, usar argumentos racionais, reconhecer formas de manipulação e persuasão, usar criticamente a mídia e a tecnologia para obter informações, desenvolver a capacidade de resolver problemas, etc. Os **valores** [...], por fim, compreendem a preocupação com o bem comum, prática da tolerância [...], disposição para o trabalho cooperativo, coragem para defender um ponto de vista, crença na dignidade e igualdade humana [...] (COSSON, 2015, p. 61, grifo nosso).

Compreende-se, então, que o letramento político visa, sobretudo, a aquisição de conhecimentos, habilidades e valores que permitam a participação ativa na sociedade, garantindo o funcionamento democrático do estado. Assim, Cosson define, a priori, o letramento político como “processo de apropriação das práticas sociais relacionadas ao exercício da política” (COSSON, 2010).

O termo **processo**, presente na definição, é muito importante para a compreensão deste conceito. O autor destaca que, enquanto processo, o letramento político não é uma habilidade que se adquire ou um conhecimento facilmente mensurável, como uma tabuada, “trata-se de uma ação que se estende no tempo, implicando graus e níveis diferentes de competência e aprendizagem contínua e aberta a transformações” (COSSON, 2015, p. 79). Dessa forma, não existe um marco que defina se uma pessoa é ou não politicamente letrada, já que tal conceito refere-se a um aprendizado constante que se concretiza tanto em termos de empoderamento individual quanto de participação social.

Cosson também destaca o termo **apropriação** que, para o autor exige um movimento em direção a algo que está fora de nós e que desejamos incorporar, mas que, ao fazê-lo, o modificamos. A apropriação das práticas sociais como letramento político

conduz a uma transformação que é simultaneamente dos indivíduos e dessas práticas e, por meio de ambos, da comunidade em que todos se inserem (COSSON, 2015).

Tais práticas sociais, também presentes na definição do conceito de letramento político, carregam em si aprendizagem de conhecimento e de valores, que precisam ser apropriados e, assim, transformados. Cosson destaca que o processo de apropriação não acontece no vazio, mas sim dentro de um contexto determinado, por vezes, com práticas, valores e conhecimentos deliberadamente estabelecidos por indivíduos ou grupos dominantes, “o que significa dizer que não há sociedade sem um projeto hegemônico de letramento político implícita ou explicitamente estabelecido” (COSSON, 2015, p. 80).

Por fim, o **exercício da política**, que não se refere apenas as questões basilares e técnicas sobre o fazer político, como filiação a um partido, participação em campanhas como militantes ou engajamento eventual em alguma causa específica. Trata-se de uma compreensão tanto das relações de poder institucionalizadas pelo Estado quanto das relações cotidianas nos diversos espaços sociais como em casa, no trabalho, na igreja, no círculo de amigos.

Reconhecendo que nas sociedades democráticas o exercício da política enquanto vida em comunidade deve ser entendida como a própria democracia (DEWEY, 1939, apud COSSON, 2015), a concepção de letramento político se amplia para: “[...] processo de apropriação de práticas sociais, conhecimentos e valores para a manutenção e aprimoramento da democracia” (COSSON, 2015, p. 81).

É a partir dessa perspectiva de letramento político que o presente estudo se debruça, buscando compreender de que forma as Redes Sociais na Internet podem atuar como um espaço propício para a construção do letramento político das juventudes.

### **3.4 Redes Sociais na Internet como esfera pública: do entretenimento ao letramento político**

As redes sociais sempre existiram. São estruturas compostas por pessoas ou organizações que compartilham dos mesmos valores, possuem objetivos comuns. As comunidades pré-modernas já possuíam conexões sociais. A principal diferença entre as redes sociais pré-modernas e as redes sociais contemporâneas é a internet, que permitiu que pessoas recebessem mensagens de seu grupo social em tempo real, mesmo estando do outro lado do mundo. Permitiu que coletivos se formassem mesmo a longas

distâncias. A conectividade possibilitou, assim, a aproximação de pessoas por interesse e não apenas por território.

Uma das primeiras mudanças importantes detectadas pela comunicação mediada por computador nas relações sociais é a transformação da noção de localidade geográfica das relações sociais, embora a Internet não tenha sido a primeira responsável por esta transformação. O processo de expansão das interações sociais começa com o surgimento dos meios de transporte e de comunicação, como assinala McLuhan (1964). O início da aldeia global é também o início da desterritorialização dos laços sociais (RECUERO, 2009, p.135).

As RSI representam um movimento da contemporaneidade, a partir delas toda a experiência de vida individual e coletiva vem ganhando novos contornos, principalmente no que tange à comunicabilidade e à formação de comunidades virtuais (RHEINGOLD, 1998), construídas a partir de interesses compartilhados. A comunicação rompe os laços de dependência com a presença física, surgindo novas possibilidades de interação e sociabilidade no ciberespaço, das quais, destacaremos as praticadas nas Redes Sociais na Internet. Para investigar essas redes, no entanto, é preciso também estudar seus elementos e seus processos dinâmicos.

Existem dois elementos característicos das RSI, básicos para compreender seu funcionamento e suas estruturas: atores, que representam os nós, ou seja, as pessoas envolvidas na rede, e que moldam as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais; e suas conexões, que são formadas através das interações entre os atores. Uma rede seria, então, uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir dos laços estabelecidos entre os diversos atores.

As conexões são o principal foco de estudo das RSI, já que representam as variações que alteram os grupos sociais conectados (RECUERO, 2009). Para desenvolver esta pesquisa é preciso, pois, compreender como essas conexões se formam e dão origem, por exemplo, a coletivos e organizações políticas virtuais. Recuero (2019) aborda o conceito de capital social para argumentar sobre as interações online. Para a autora, a mediação pelo computador seria uma via de construção do capital social, permitindo a indivíduos acesso a outras redes e grupos.

Trata-se de um conjunto de recursos de um determinado grupo [...] que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade [...]. Ele está embutido nas relações sociais [...] e é determinado pelo conteúdo delas (RECUERO, 2009, p. 50).

A partir das interações online, trocas sociais são estabelecidas entre os atores. Essas trocas são constituídas de capital social, que é construído e negociado entre os atores e permite o aprofundamento dos laços e a sedimentação dos grupos. Assim, para compreender as interações nas RSI é preciso compreender o capital social que as origina e, para isso, é preciso mais que estudar suas relações, mas, também, o conteúdo das mensagens que são trocadas através delas.

Muito embora as RSI tenham sido criadas visando aproximar pessoas, construir laços de amizade mesmo a longas distâncias, a utilização que hoje é feita desse espaço se expandiu. Além do viés publicitário e mercadológico, outro fenômeno pode ser acompanhando nesse *locus*, principalmente nos últimos cinco anos. Como já dito em capítulos anteriores, tem-se observado que as Redes Sociais na Internet estão se tornando um promissor espaço de debate e construção para o letramento político.

A reunião de grupos sociais no ciberespaço antecede as RSI. Fóruns, salas de bate-papo e blogs já estavam em alta quando o Orkut<sup>23</sup> surgiu, em 2004, popularizando a noção de comunidades virtuais e expandindo seu potencial. No início, no Brasil, as comunidades criadas no Orkut eram verdadeiras declarações de intenção ou opinião, com títulos como “Eu odeio matemática” ou “Apaixonados por Saramago”. Eram agregações que se reuniam por afinidades, em geral, vinculadas às práticas cotidianas, espaços de trocas de experiências, de reconhecimento, de autoafirmação e de entretenimento. Contudo, com a evolução dos meios digitais, bem como de seus usos, as possibilidades de relacionamento e interação se expandiram.

No ambiente virtual, a liberdade, a velocidade e a possibilidade de assincronia no intercâmbio e atualização de informações, oportuniza a produção de conhecimento e a colaboração mútua. Sem dependência material, o conteúdo de uma comunidade virtual pode ser lido, traduzido e difundido simultaneamente em nível global. Através dessa participação ativa no mundo virtual, a construção do conhecimento torna-se fruto de uma cultura de colaboração e liberdade criativa.

Essa perspectiva da construção colaborativa do conhecimento nas Redes Sociais na Internet aponta para uma nova função desse espaço, para além do entretenimento. As RSI vêm se tornando um espaço de construção coletiva do conhecimento, e, como pode ser facilmente observado atualmente, de construção e difusão do conhecimento político. Com o advento do digital, o engajamento político dos jovens ganhou novas

---

<sup>23</sup> Rede social filiada ao Google criada em 2004 e extinta em 2014.

configurações, oportunizando o surgimento de novas formas de participação e interação como transmissão ao vivo de debates, fórum de discussão em tempo real, mobilizações virtuais.

É a partir desse ponto de vista, que consideramos as RSI como uma nova esfera pública, na medida em que representa um espaço onde assuntos públicos, relacionados ao bem-estar coletivo, são debatidos livremente, visando, sobretudo, à transformação social a partir da participação política.

Como já pontuado por Cosson (2015), a questão da participação política juvenil é bastante complexa. Ao mesmo tempo em que é possível observar o desinteresse dos jovens pelo sistema político formal, ou por grandes ideologias, percebe-se também o engajamento político desses sujeitos em demandas sociais momentâneas, relacionadas aos grupos aos quais se identificam e mantêm sentimento de pertença.

Além de plural em seus modos e espaços, a participação dos jovens também acompanha mudanças geracionais e da própria sociedade, ou seja, a experiência de vida dos jovens de hoje é bem distinta daquela de seus pais quando jovens e dos adultos atuais e isso afeta profundamente a maneira como veem e atuam politicamente [...] (COSSON, 2015, p.74).

Por isso, defende Cosson (2015), é necessário ir além dos rótulos de apatia e desconhecimento dados aos jovens, e compreender que os caminhos para a participação são muito amplos e diversos. O jovem contemporâneo possui um repertório diverso de formas de participação política que podem ser configurados de várias maneiras.

Ele pode usar os mecanismos tradicionais de participação do sistema político, como filiar-se a um partido [...], ou adotar meios menos convencionais de participação, a exemplo de aderir a uma marcha de protesto e usar [...] camisetas de uma campanha social ou mensagem política. Ele pode aderir ao consumo responsável e boicotar produtos ética e ambientalmente inadequados ou ter sua participação restrita ao mundo virtual, reencaminhando e-mails, assinando petições eletrônicas e participando de grupos de discussão online (COSSON, 2015, p. 74).

Essa “participação restrita ao mundo virtual”, citada por Cosson, é o recorte temático desta pesquisa, já que, compreende-se as RSI como novas e pouco exploradas fronteiras para o desenvolvimento de estudos que possam captar os sentidos da participação juvenil contemporânea (CARRANO, 2012).

Surge, pois, a necessidade de investigar de que forma a apropriação de práticas, conhecimentos e valores para aprimoramento da democracia acontece a partir da

mediação das RSI, como o protagonismo juvenil e as novas formas de comunicabilidade, no âmbito das RSI, têm influência sobre a vinculação dos jovens com o campo político, sem esquecer, no entanto, que o letramento político é um processo de aprendizagem cultural que está em constante construção.

O letramento político pode ser definido como aquele que se processa no contexto da política, ou seja, a habilidade de interagir politicamente, considerando que, em uma sociedade letrada como a nossa, não há atividade ou setor social que não seja travessado pela escrita. Também dela se depreende que não há um ponto fixo a partir do qual se diga que uma pessoa é ou não politicamente letrada, antes se trata de um aprendizado permanente que se efetiva tanto em termos de crescimento e empoderamento individual quanto de participação social (COSSON, 2010, p. 16).

Além de compreender que o letramento político é um aprendizado processual que pode durar toda a vida, é preciso ainda refletir sobre a apropriação das práticas, conhecimentos e valores nas RSI. Segundo a perspectiva de Cosson, apropriar-se é incorporar algo que está fora de nós e que, ao fazê-lo, convertemos o externo em interno, modificando-o. Ou seja, o processo de recepção é mediado por práticas, conhecimento e valores que estão inseridos no contexto social e cultural do sujeito que recebe a mensagem, a qual, ao ser incorporada, é ressignificada. Assim, o sujeito ao se apropriar da mensagem não é apenas um receptor-decodificador incólume, é também produtor (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Para Cosson (2016)<sup>24</sup>, somos seres essencialmente culturais. Tudo o que sabemos aprendemos de alguma forma, em algum lugar. Existem, segundo o autor, três maneiras básicas de se pensar os processos formativos.

- Aprendizagem difusa: aprendemos os hábitos, costumes e tradições da sociedade onde vivemos.
- Aprendizagem informal: aprendemos com a experiência do dia-a-dia.
- Aprendizagem formal: aprendemos no sistema escolar

A democracia (COSSON, 2016) perpassa essas três formas de aprendizagem. Aprendemos democracia difusamente, apenas a partir da inserção em uma comunidade democrata; aprendemos, também, informalmente, a partir das experiências do cotidiano; e aprendemos formalmente, os códigos éticos e sociais e práticas que regem uma

---

<sup>24</sup> Entrevista, concedida pelo pesquisador Rildo Cosson (UFMG) ao canal EVC – Câmara dos Deputados. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z7GJCQVWvC4>, acesso em dez. 2019.

sociedade democrática. Conforme Cosson (2016), “A educação para a democracia é um processo contínuo, que dura a vida inteira. É um aprendizado que se faz todos os dias, em diversos ambientes. Aprendemos democracia e cidadania dentro e fora da escola”.

Tomando por base os princípios de aprendizagem citados por Cosson (2016), esta pesquisa foca no potencial formativo das RSI, enquanto espaço propício para a educação informal, a partir da compreensão de que o conhecimento está em toda parte e em cada um de nós. As RSI, graças aos seus atores e conexões, e às próprias às interfaces propiciadas pelo ciberespaço, como destaca Lévy (2000), concedem a este processo possibilidades para a mobilização efetiva de competências, lastro necessário para a construção do conhecimento na contemporaneidade.

Assim, compreendendo as redes sociais na internet enquanto espaço contemporâneo de práticas sociais voltadas para o exercício da política e, faz-se necessário investigar, através dos discursos e interações dos jovens nas RSI, se existe de fato uma apropriação do conhecimento político que circula nesse *locus* de modo que permita transformação, simultânea, dos indivíduos e dessas práticas e, por meio de ambos, da comunidade em que todos se inserem (COSSON, 2015).

É nessa perspectiva que pretendo provocar reflexões sobre como o letramento político das juventudes acontece em espaços informais de aprendizagem, destacando a construção de saberes relacionada à habilidade de interagir politicamente, mediadas pelo Facebook.

Com base no arcabouço teórico apresentado nos dois últimos capítulos deste estudo, veremos a seguir os caminhos metodológicos que tracei para desenvolvimento desta pesquisa.

## 4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Definir o caminho metodológico para a investigação científica na área educacional é uma tarefa complexa, em razão da diversidade de olhares e perspectivas existentes. Tal dificuldade ainda se apresenta maior quando a temática abordada é desprendida da escola, enquanto agência formal de letramento, e de suas práticas educacionais tradicionalistas.

A presente pesquisa não apenas se utiliza de espaços informais de ensino e aprendizagem como *locus* – mais especificamente o Facebook –, como também se debruça sobre ele como objeto de pesquisa, compreendendo que educar na contemporaneidade é, antes de tudo, entender que o conhecimento é movente e seu lugar de nascimento é no seio de uma interação, seja ela onde for.

Investigar como a construção do conhecimento político acontece coletivamente, a partir da mediação das Redes Sociais na Internet, não é simples. Para saber como esses jovens aprendem é necessário saber quem eles são, é necessário buscar interlocutores que atuem como produtores ativos de conhecimento, que reconheçam a importância da troca, do aprender com o outro, da construção coletiva do saber, a partir da valorização da inteligência individual. Assim, é preciso construir um itinerário de pesquisa transversal ao novo lugar da educação na contemporaneidade. Foi a partir dessa premissa que tracei meus caminhos metodológicos, como veremos mais à frente.

### 4.1 Abordagem e método da pesquisa

A trilha metodológica deste estudo foi construída com base nos pressupostos da pesquisa qualitativa, que tem como uma das características fundamentais o contexto. Para Esteban (2010), a experiência humana tem lugar em contextos particulares de maneira que os fenômenos não podem ser compreendidos dissociados deles. Ou seja, não há como analisar um acontecimento sem levar em conta tudo que está em volta, as experiências devem ser consideradas em sua totalidade. Na pesquisa qualitativa o contexto é a principal fonte de informação.

Os contextos de pesquisa são naturais e nem são construídos e nem modificados. O pesquisador qualitativo localiza sua atenção em ambientes naturais. Procura respostas as suas questões no mundo real. A experiência das pessoas é abordada de maneira global e

holisticamente. Não se entende pessoa como um conjunto separado de variáveis (ESTEBAN, 2010, p. 129).

Tendo em vista o problema de pesquisa que alicerça esse estudo, a escolha pela abordagem qualitativa oportuniza um percurso investigativo mais rico, na medida em que as intenções de pesquisa perpassam a compreensão de um fenômeno socioeducativo.

O objeto deste estudo é tão desafiador quanto à metodologia necessária para investigá-lo, já que está inserido no rol da subjetividade. Como identificar nos jovens conectados as marcas do letramento político? Como definir técnicas que deem conta de observar o *locus* virtual e aplicar o método?

Halavais (2015, p.11) afirma que “a internet coloca o mundo social, em todo seu desarranjo e complexidade, na soleira da sua porta”. Para o autor é necessário ressignificar os processos metodológicos na Cibercultura porque os métodos científicos contemporâneos são inadequados para as demandas e complexidades do cenário atual.

Para tanto, esta pesquisa toma como *locus* de estudo o Facebook, assumindo a Netnografia (KOZINETS, 2014) e a Etnografia (Geertz, 2001) como aportes metodológicos mais eficazes para o desenvolvimento desta investigação, na medida em que permitem o estudo de objetos, fenômenos e culturas que emergem constantemente da contemporaneidade.

A etnografia foi utilizada como base metodológica para realização das entrevistas semiestruturadas, como veremos adiante. Trata-se de um método de investigação constituído por técnicas que munem o pesquisador para o trabalho de observação, a partir da inserção em comunidades para pesquisa, concentrando seus estudos na observação de culturas localizadas e nas sociedades humanas.

Fazer etnografia é: como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2001, p. 20).

Desde seu início, a etnografia (de origem antropológica) se atém ao estudo de culturas e sociedades humanas situadas em locais geograficamente delimitados. Porém, com o desenvolvimento, popularização e apropriação das tecnologias da informação e

comunicação, surgem novas formas de agregação social: as comunidades virtuais<sup>25</sup>. Com o aparecimento desses grupos sociais, no ciberespaço, emergiu também a necessidade de uma metodologia de investigação que abarcasse as especificidades da cultura e das novas formas de interação e socialização que estavam surgindo.

É nesse contexto que nasce a etnografia online, ou seja, a aplicação da etnografia no ambiente do ciberespaço, não podendo ser compreendida como uma mera transposição.

Com o surgimento do ciberespaço tornou -se premente o uso e aplicação de metodologias de pesquisa que permitissem “capturar” a essência dos fenômenos presentes no mesmo (sic). Porém a aplicação de metodologias de pesquisa já existentes, principalmente de caráter qualitativo como a etnografia, não pode ser realizada de forma automática sem adaptações e análise das possibilidades e os limites de tal adaptação para a pesquisa efetuada na web (MONTARDO e PASSERINO, 2006, p. 4, grifo dos autores).

A etnografia tradicional pressupõe um *locus* físico e o pesquisador se insere para observar e descrever o cotidiano; na etnografia online, a observação e descrição são realizadas a partir de mediação tecnológica. A partir da inserção do pesquisador na comunicação mediada por computador para a observação e investigação de práticas culturais e de comunicação, troca-se o campo [...] por um território contíguo ao off-line que[...] constitui um meio de comunicação, um ambiente de relacionamento e um artefato cultural [...] (AMARAL; NATAL; VIANA2008, p. 36).

A etnografia online observa o comportamento virtual dos membros de uma comunidade em interação – nesta pesquisa, especificamente o Facebook – e seus comentários, curtidas, postagens. A etnografia em ambiente digital revela marcas culturais e simbólicas dos grupos investigados, destacando as apropriações e utilizações de símbolos, práticas sociais em grupo, discursos, do próprio ambiente onde se encontram, e a forma da construção de identidades na rede.

LÜDKE e ANDRÉ (1986), descrevem as três etapas para a realização da pesquisa etnográfica:

- 1) Exploração: consiste na escolha e definição de problemas, a seleção do local onde o estudo será desenvolvido e o estabelecimento de contatos para a entrada

---

<sup>25</sup> Em sua obra *The Virtual Community*, Rheingold (1998) define as comunidades virtuais como “[...] agregações sociais que emergem da rede quando pessoas suficientes promovem discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço.” As comunidades virtuais são, no entanto, apenas um exemplo das formas de agregação social que podem ser observadas e constituídas no ambiente digital.

no campo. Neste momento, o investigador realiza as primeiras observações visando adquirir maior compreensão sobre o fenômeno;

2) Decisão: consiste na busca sistemática daqueles dados que o pesquisador selecionou como os mais importantes para compreender e interpretar o fenômeno estudado. Wilson (1977, apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986), explica que os tipos de dados relevantes são: forma e conteúdo da interação verbal dos participantes; forma e conteúdo da interação verbal com o pesquisador; comportamento não-verbal; padrões de ação e não-ação; traços, registros de arquivos e documentos.

3) Descoberta: consiste na tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo. Deve haver uma interação contínua entre os dados reais e as suas possíveis explicações teóricas permitindo estruturação de um quadro teórico, dentro do qual o fenômeno pode ser interpretado e compreendido.

A Netnografia, outra abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa, tem a mesma proposta da etnografia, porém é usada em ambientes virtuais com o objetivo de acessar o universo cultural, simbólico e ritualístico dos que se relacionam a partir da internet, através de sites, mídias sociais e comunidades virtuais. Ela se debruça sobre os processos interpretativos para analisar práticas e demais elementos da cibercultura, como a comunicação, visando à compreensão das relações sociais e interações virtuais. A netnografia é uma

[...] metodologia de pesquisa qualitativa que se adapta a novas técnicas de pesquisa etnográfica para o estudo das culturas e comunidades que estão surgindo através da comunicação mediada por computador (KOZINETS, 2014, p. 62).

Para Kozinets (2010), as experiências sociais online são substancialmente diferentes das experiências face a face. Dessa forma, a experiência de estudá-las também deve ser diferente.

Muitos de nós vivemos nossas vidas em uma matriz inter-relacionada (sic.) de comportamentos sociais online e offline. Portanto, estudos culturais significativos devem observar os dois tipos de comunicação. A netnografia adapta a etnografia para esta combinação complexa de sociabilidade online e offline, fornecendo maneiras para estudarmos a vida em uma época de cultura mediada pela tecnologia. (KOZINETS, 2010, p. 5)

A netnografia não trata as comunicações online apenas como conteúdo, mas como interações sociais, como artefatos culturais. Além de observar as palavras durante as interações, esse método também leva em consideração os elementos do fórum, as características dos interlocutores, o contexto, a linguagem, a história, o significado, o modelo de interação realizada, além de examinar fontes, espaçamento, símbolos, textos, imagens. Para KOZINETS (2010, p. 6), a netnografia se assemelha à etnografia por apresentar as seguintes características:

1. É naturalista, seguindo as expressões sociais em suas aparições online.
2. É imersiva, levando o pesquisador a um entendimento profundo e engajado.
3. É descritiva, buscando transmitir a realidade rica das vidas dos consumidores contemporâneos, com todos seus significados culturais ocultos, bem como seus gráficos coloridos, desenhos, símbolos, sons, fotos e vídeos.
4. É multi-métodos, combinando muito bem com outros métodos, online e offline, como entrevistas e videografia. Como todos os métodos, a netnografia funciona ainda melhor quando triangulada com outras fontes de insights. Complemente a netnografia com surveys, por exemplo, para validar a replicabilidade dos resultados.
5. É adaptável, movendo-se sem dificuldades de fóruns de discussão para blogs, wikis, mundos virtuais, redes sociais, podcasts, comunidades móveis online e offline e o que quer mais que o futuro venha a trazer.

Embora sua origem tenha relação com a etnografia, a netnografia não é apenas uma transposição do método para o ciberespaço, possui características próprias, inerentes ao seu espaço de investigação. Kozinets (2014) demarca diferenças entre as duas metodologias, que perpassam protocolos e procedimentos específicos.

- a) **alteração**: a natureza da interação está alterada – tanto coagida quanto liberada – pela natureza e por regras específicas do meio tecnológico em que ela é realizada;
- b) **anonimato**: essa característica torna a abordagem netnográfica necessariamente diferente da abordagem da etnografia face-a-face. As interações online permitem que os interlocutores se identifiquem ou não, conferindo aos atores online um novo senso de flexibilidade da identidade;

c) **acessibilidade**: a partir da comunicação mediada por computador, uma série de interações sociais torna-se disponível para uma pessoa. Muito embora, ganhar aceitação e status em uma comunidade online ainda dependa de conhecimento e normas que perpassam questões sociais e culturais;

d) **arquivamento**: o arquivamento automático das conversações e dos dados facilitado pelo meio online.

A opção de utilizar a netnografia e a etnografia justifica-se pela necessidade de investigar as interações online dos jovens sujeitos desta pesquisa a partir de diferentes perspectivas. No primeiro momento, a partir da netnografia, foram observadas as práticas comunicacionais dos jovens em interação no Facebook, como compartilhamentos, postagens, curtidas, comentários e debates sobre temas diversos. Através desse método foi possível a aproximação com os interlocutores da pesquisa, sem interferência do pesquisador, com o objetivo de realizar uma análise subjetiva das funcionalidades dessa rede social e das relações que os jovens mantêm com elas e entre si. Esse contato silencioso orientou a construção do questionário que balizou a definição do *locus* e dos sujeitos deste estudo. A observação netnográfica foi necessária também para a tessitura de proposições iniciais que orientaram a construção do roteiro da entrevista semiestruturada, que correspondeu ao segundo momento desta pesquisa.

Desse modo, é possível afirmar que os dois métodos, além de apresentarem características similares, foram complementares para atingir os objetivos deste estudo, que foi desenvolvido de acordo com as etapas listadas a seguir.

**Tabela 3:** Definição das etapas, ações e dispositivos de construção de dados

<b>AÇÕES</b>	<b>DISPOSITIVOS</b>
Investigação das formas de interação social no <i>locus</i> selecionado	Observação netnográfica
Definição da metodologia de apresentação do pesquisador aos sujeitos da pesquisa	Observação netnográfica
Definição dos sujeitos da pesquisa	Questionário online
Definição do <i>locus</i> da pesquisa	Questionário online

Construção de dados a partir da observação dos sujeitos da pesquisa em interação no Facebook, sem interferência do pesquisador.	Observação netnográfica
Construir dados a partir da interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.	Entrevista semiestruturada
Construir dados a partir das anotações de experiências e considerações sistematizadas pelo pesquisador a respeito das práticas comunicacionais dos sujeitos e suas interações, bem como a própria participação do investigador, durante o desenvolvimento da pesquisa	Diário de campo
Analisar dados construídos	Análise Textual Discursiva (ATD)

**Fonte:** Elaboração própria

Vale ressaltar ainda que esta pesquisa foi desenvolvida em ambiente digital, sem o contato face a face, e a ausência de um corpo físico é considerada por alguns teóricos como um fator limitante para o desenvolvimento da netnografia e da etnografia. Afirma-se, por exemplo, que a observação participante, basilar para a etnografia, não é possível no meio digital devido à impossibilidade de se medir a intensidade das frases na rede ou a subjetividade do que é dito em uma conversa.

Porém, o presente estudo aponta para outro caminho investigativo, ancorado nas mudanças que a evolução tecnológica provocou nas representações do corpo e em suas significações. Outras perspectivas sobre as novas possibilidades de interação, socialização e comunicação surgem no ciberespaço, de onde emerge novas representações do “eu” e de suas emoções através de corpos virtuais.

#### 4.1.1 Corpos virtuais: as representações do eu no ciberespaço

O corpo tem um importante papel no processo de comunicação e sociabilização presencialmente ou por mediação de algum artefato. Na sociedade oral, o corpo físico é a principal interface entre o eu e o mundo (KERCKHOVE, 2003). Felinto e Andrade

(2005, p. 89) afirmam que o corpo é o suporte basilar para as interações presenciais, que requerem linguagens tais como a fala e os gestos. “O corpo, nesse sentido, é a primeira mídia”.

Diante disso, como poderia a netnografia e a etnografia desenvolver estudos sobre cultura e sociedade humana sem a presença do corpo físico? Com observar e interpretar o não-visto? Essas são questões comumente pontuadas em debates sobre a aplicação do método etnográfico em ambientes virtuais, com a ausência do contato face a face. De fato, as interações online não possuem as características de um contato presencial como o olhar, expressões faciais, entonação de voz e gestos; e, embora na socialização em comunidades virtuais a escrita seja ampla, nem sempre o que está escrito representa toda a linguagem. Pois, é possível observar a evolução constante, tanto das tecnologias quanto dos seus recursos. A conseqüente convergência dos meios de comunicação reinventou as relações, as formas de contato, a experiência de identidade, de comunidade. Os ambientes de interação virtual vêm desenvolvendo condições e estruturas para que a ausência de um corpo físico e de expressões corporais seja suprida através da concretização de um novo corpo – o corpo virtual – e de novas formas de expressão.

O corpo dessa nova sociedade é o da rede, da complexidade, do mundo reticulado. É o corpo da mobilidade, que mesmo virtualmente atravessa fronteiras geográficas, culturais, profissionais, hierárquica, e que é capaz de estabelecer contatos pessoais com diversos e muitas vezes desconhecidos atores (BALDANZA, 2006, p. 5).

As novas formas de sociabilidade, vivenciadas no ciberespaço, decerto, são diferentes das caracterizadas pela presença física, porém, igualmente carregadas de emoções. De acordo com Baldanza (2006), o corpo virtual não se opõe ao real e nada tem a ver com o falso ou o imaginário; as experiências são verdadeiras. Trata-se de pessoas do outro lado das telas interagindo, sentindo, afetando-se e se emocionando.

O corpo virtual é, portanto, a representação do eu e suas expressões no ciberespaço. É através da concretização desse corpo, enquanto identidade cultural (HALL, 2002), que a interação online acontece, permitindo ao sujeito interagir com o outro a partir dos recursos que o ciberespaço proporciona, com novas formas de linguagem, gramáticas próprias e formatos específicos, como veremos a seguir.

#### 4.1.1.1 Expressões corporais no ciberespaço

No ciberespaço, a hibridização de diversas modalidades linguísticas traz novas formas de se comunicar. Com o desenvolvimento das tecnologias, outros gêneros ganham espaço, tornando o leitor diferente daquele que antes era preso apenas à cultura verbal e escrita. “A reunião de muitas mídias em um mesmo aparelho ou plataforma tecnológica, estaria permitindo também que todo um conjunto de diferentes linguagens venha a se apresentar para muitos e diferentes corpos”, afirma Pereira (2005, p. 6). O novo leitor conta com outros recursos que complementam a leitura e a interpretação, e concedem liberdade para interagir com outros textos, imagens e sons, a fim de obter uma interpretação e sentido mais completo.

As novas formas de se comunicar na internet utilizam recursos verbais, com um grau de complexidade menor, como letras, onomatopeias, sinais gráficos e gramaticais, e também mais complexos a exemplo dos *emojis*, *gifs* e figurinhas, áudios, vídeos, fotografias. A intenção é expressar algo que o corpo ausente está impossibilitado de dizer, no ambiente virtual, através de recursos verbais como sinais de pontuação, letras maiúsculas, reticências. Há ainda o uso de letras que formam sons relacionados a uma ação. Como no caso de “Rssss”. As letras ‘R’ e ‘S’ pronunciadas juntas remetem ao som de uma risada. Porém, atualmente, já existem outros elementos mais complexos que permitem a representação de expressões e emoções corporais nas interlocuções online como figurinhas e gifs. Esses e outros recursos similares se estabelecem como tentativas de “[...] preencher lacunas inerentes à falta de comunicação corporal possibilitada face a face, constituindo-se de códigos que simulam as relações pessoais” (BALDANZA, 2006, p.12).

Os exemplos pontuados nos permitem perceber o ciberespaço enquanto um lugar rico em diversidade e cultura. Dessa forma é urgente que criemos mecanismos que nos ajudem a compreendê-lo. As pesquisas netnográfica e etnográfica se dão através da imersão do pesquisador no *locus*, considerando a existência dos corpos virtuais e suas representações, desenvolvendo estudos linguísticos e semióticos sobre análise da conversação e análise de imagens (estáticas e em movimento), a fim de ampliar seu escopo teórico para interpretação dos dados coletados (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011). Assim, o desenvolvimento deste estudo se dará a partir da investigação dos corpos virtuais dos sujeitos da pesquisa, analisando suas representações e expressões no espaço virtual. É nesse contexto que essa metodologia se

justifica e se apresenta não apenas como possível, mas necessária para compreender a cultura que emerge do ciberespaço.

## 4.2 Definição do *locus* e sujeitos da pesquisa

A partir da metodologia netnográfica, foram analisadas, páginas de mídias alternativas e tradicionais, de coletivos e organizações políticas presentes no Facebook, além de grupos e fóruns de discussão para subsidiar a criação de um questionário virtual aberto, construído no Formulários Google – um aplicativo de administração de pesquisas – e divulgado entre jovens brasileiros de 14 a 24 anos através do WhatsApp.

**Figura 1:** Fragmento do questionário online

**Fonte:** Elaboração da autora.

O questionário<sup>26</sup> (apêndice A), que teve como objetivo embasar a definição dos sujeitos e do *locus* de pesquisa, foi constituído por 28 (vinte e oito) questões, das quais 07 (sete) corresponderam à apuração de informações pessoais (nome, e-mail, idade, escolaridade, entre outras) e 21 (vinte e uma) visaram à construção de dados que permitissem a investigação sobre os usos que os jovens fazem das Redes Sociais na Internet, sobre o nível de letramento político desses usuários, e sobre como eles avaliam o potencial pedagógico desse espaço para o letramento político.

O questionário ficou disponível para preenchimento entre os dias 4 a 28 de outubro de 2018, período referente ao calendário eleitoral para eleição de candidatos aos cargos de presidente da república, senador, governador, deputado federal e deputado estadual. Aplicar a pesquisa nesse período foi de extrema importância para observar a vinculação dos jovens ao contexto político e sua implicação com o tema, estimulando a participação e também a argumentação sobre o cenário político que estava se formando

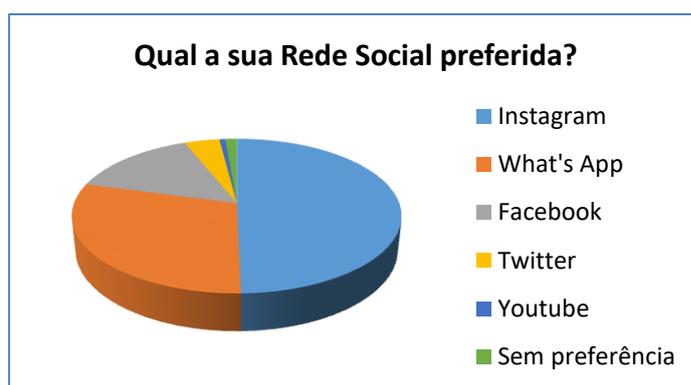
<sup>26</sup> O questionário, na íntegra, está disponível no Apêndice A.

naquele momento. A plataforma Google identificou o preenchimento de 155 (cento e cinquenta e cinco) questionários. Destes, foram identificados 07 (sete) preenchimentos em duplicidade, ou seja, participantes responderam ao questionário duas vezes gerando arquivos duplicados, e 03 (três) fora da faixa etária proposta por esta pesquisa. Dessa forma, a análise de dados foi realizada com base em 145 questionários. As respostas, que embasaram a definição do *locus* e dos sujeitos da pesquisa, foram categorizadas de acordo com critérios estabelecidos previamente, que serão detalhados a seguir.

#### 4.2.1 Definição do *locus*

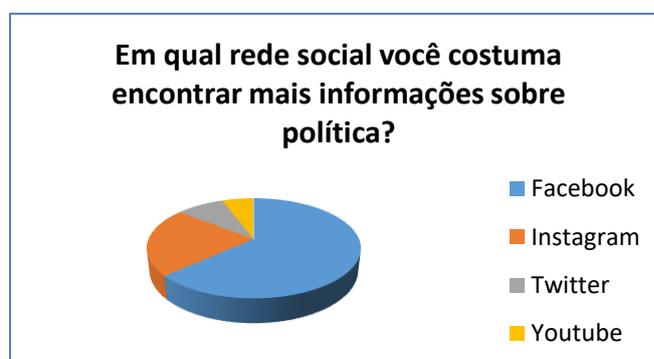
O questionário embasou uma pesquisa quantitativa e qualitativa no que tangia a escolha do *locus*. O objetivo era identificar as RSI mais acessadas pelos jovens e quais apresentavam mais conteúdo político. O resultado apresentado a partir das respostas dos participantes ao questionário foi o seguinte:

**Figura 2:** Resultado de pesquisa RSI preferida entre os jovens que responderam ao questionário



Fonte: Elaboração da autora

**Figura 3:** Resultado de pesquisa sobre em qual RSI os jovens encontram mais informações sobre política



Fonte: Elaboração da autora

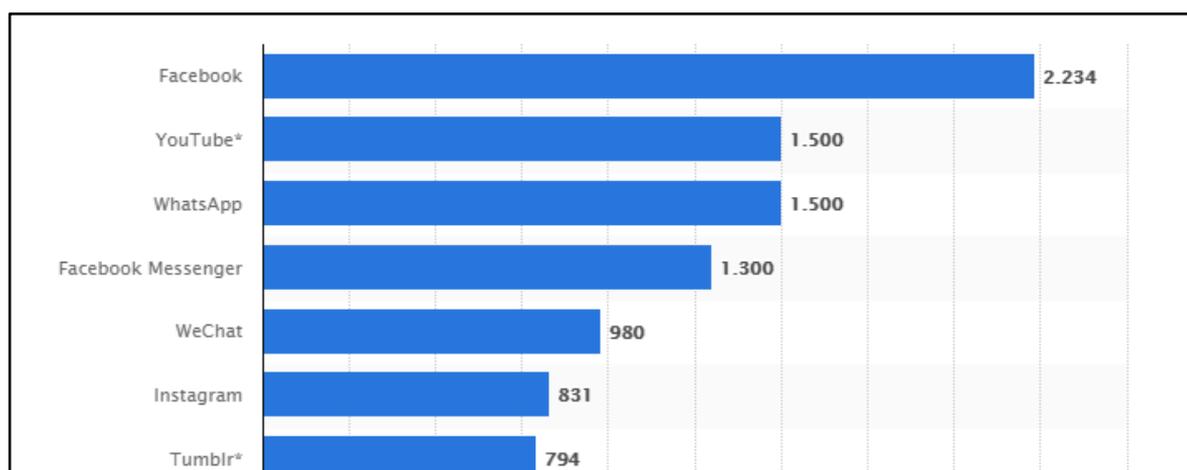
De acordo com os dados colhidos, 51 % dos jovens entrevistados afirmaram que o Instagram é a sua rede social preferida e apenas 13 % afirmaram preferir o Facebook. Contudo, quando a pergunta foi “Em qual Rede Social você costuma encontrar mais informações sobre política”, o Facebook foi citado por 60% dos entrevistados e o Instagram por 21%.

Com base nesses dados, optei por investigar o Facebook, por entender que o espaço de construção do conteúdo de cunho político é mais importante para o desenvolvimento desta pesquisa. Assim sendo, defini como *loci* de pesquisa o Facebook.

Criado em 2004 pelo Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, alunos da Universidade de Harvard, o Facebook é uma RSI que desde o início tem o objetivo de ser um espaço no qual as pessoas possam se encontrar, conversar, dividir opiniões e fotografias. Assim, define em sua página oficial que tem como missão dar às pessoas o poder de compartilhar informações e fazer do mundo um lugar mais aberto e conectado.

De acordo com dados do Portal de Estatísticas *Statista* de abril de 2018, o Facebook ocupava a primeira posição em número de usuários ativos mensais no mundo, totalizando 2,2 bilhões.

**Figura 4:** RSI com maior número de usuários ativos mensais no mundo (em milhões)



Fonte: Portal *Statista* <sup>27</sup>

<sup>27</sup> Disponível em <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>, acesso em 17 mai. 2019.

Levando em conta as estatísticas<sup>28</sup> decorrentes de estudos desenvolvidos nesse âmbito, tudo indica que essa missão foi e continua a ser cumprida, mudando a forma como as pessoas interagem e reconfigurando o fluxo informacional no mundo.

No Brasil, segundo informações do próprio Facebook, em 2018, o número de usuários ativos mensais era de 127 milhões<sup>29</sup>. Um dado muito expressivo se levarmos em conta que a população total do Brasil atualmente é de 209 milhões (IBGE, 2018)<sup>30</sup>. Hoje, mais da metade da população brasileira está conectada ao Facebook.

#### 4.2.2 Definição dos sujeitos de pesquisa

No âmbito da definição dos sujeitos da pesquisa, os 145 questionários foram analisados a partir de quatro critérios estabelecidos previamente, a saber:

- Uso diário das Redes Sociais na Internet;
- Tipo de uso das Redes Sociais na Internet;
- Interesse pelo campo político despertado ou enriquecido pelas Redes Sociais na Internet;
- Cidade Natal, faixa etária e escolaridade.

Inicialmente, foram selecionados participantes que acessavam as RSI, diariamente. Consideramos, neste estudo, que o uso esporádico das redes não é suficiente para avaliação do nível de letramento político, pois a imersão frequente do sujeito nesse espaço poderá melhor contribuir para que se entenda como ocorrer esse processo de letramento. Dessa forma, o uso cotidiano das redes é imprescindível. Dos 145 participantes, 131 (cento e trinta e um) afirmaram “utilizar as RSI diariamente”, 09 (nove) disseram usar entre “04 e 06 dias por semana” e 05 (cinco) responderam que acessam as RSI “03 (três) vezes por semana ou menos”.

Dos 131 jovens que acessavam as Redes Sociais na Internet diariamente, foram excluídos aqueles que faziam uso apenas recreativo das RSI. O foco desta investigação foram jovens que, além do entretenimento, também entendam esse espaço como um

---

<sup>28</sup> Segundo pesquisa realizada pelo Portal de Estatísticas Statista, no primeiro trimestre de 2018, o Facebook possuía 2,19 bilhões de usuários. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/>, acesso em 17 mai. 2019.

<sup>29</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>, acesso em 17 mai. 2019

<sup>30</sup> Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2018.

*locus* de informação, de conhecimento. Assim, 36 (trinta e seis) jovens destacaram que utilizam as Redes Sociais para “comunicação e interação” com outras pessoas; 53 (cinquenta e três) participantes afirmaram usar as RSI para ter “acesso às informações e notícias”; e 43 (quarenta e três) para “entretenimento”. Compreendo comunicação e interação como uma resposta ampla, que abarca tanto usos educativos quanto recreativos – afinal essas duas práticas perpassam a comunicação e interação –, optei por trabalhar com os números relacionados aos jovens que responderam, objetivamente, que utilizam as RSI para acessar informações e notícias, ou seja, 53 participantes.

Em seguida, foram avaliadas as respostas com base no “interesse pelo campo político despertado e incentivado pelas RSI”. Esse critério foi fundamental para o desenrolar da pesquisa mesmo que o jovem afirme não reconhecer esse espaço como propício para a construção do conhecimento político, como veremos mais à frente. Neste caso, a análise não foi quantitativa, mas sim qualitativa, a partir da interpretação das respostas registradas, ou seja, além de confirmar a importância das RSI (ou não) para construção do conhecimento político, o conteúdo de suas respostas deveria ir além do sim e não, expressando vinculação com esse tema.

Destacam-se, a seguir, algumas respostas, especificamente, sobre a questão “Como você avalia a importância das Redes Sociais para a construção do seu conhecimento político?”

**Figura 5:** Trecho de resposta de Zuzu ao questionário

Como você avalia a importância das Redes Sociais para a construção do seu conhecimento político? \*

Acho de extrema importância, as informações chegam mais rápidos e se o indivíduo souber separar informações reais das fakenews, poderá aprender bastante. E acredito q é uma das poucas formas de chegar informações para a maioria dos jovens.

Fonte: Questionário Redes Sociais e Participação Política, desenvolvido pela autora

**Figura 6:** Trecho de resposta de Pagu ao questionário

Como você avalia a importância das Redes Sociais para a construção do seu conhecimento político? \*

Tenho uma avaliação muito boa, pois através das redes sociais eu me aperfeiçoei mas em relação ao assunto político

Fonte: Questionário Redes Sociais e Participação Política, desenvolvido pela autora

Com base na análise das respostas a este quesito, foram selecionados 21 jovens. O último critério, relativo à idade, escolaridade e região do país tinha como objetivo trazer representações de regiões diferentes, assim como diferentes idades e escolaridades para que o resultado possa ser mais representativo, considerando a diversidade do povo brasileiro. Esse critério finalizou o processo de definição dos sujeitos<sup>31</sup>, que estão listados a seguir:

**Tabela 4:** Caracterização dos sujeitos da pesquisa

<b>Herzog</b>	<b>Marighella</b>	<b>Amelinha</b>	<b>Zuzu</b>	<b>Pagu</b>
14 anos	21 anos	18 anos	23 anos	17 anos
São Francisco do Conde – BA	Goiânia – GO	Curitiba-PR	Camaçari – BA	Jandira-SP
Ensino Fundamental II	Ensino Superior incompleto	Superior incompleto	Ensino Médio Completo	Ensino Médio incompleto
Instituição Privada	Instituição Pública	Instituição Pública/ Privada	Instituição Privada	Instituição Pública

**Fonte:** Elaboração da autora

Após o processo de definição dos sujeitos participantes<sup>32</sup>, uma nova etapa de trabalho foi iniciada: definição e explicitação dos instrumentos de construção e análise de dados desta pesquisa. Os dispositivos foram selecionados com base no perfil dos sujeitos (idade, escolaridade) e do *locus* (ambiente virtual): a **observação netnográfica**, que possibilitará a aproximação com os interlocutores da pesquisa, permitindo, a partir de uma análise subjetiva, organizar e fazer proposições iniciais acerca das temáticas a serem discutidas; a **entrevista semiestruturada**, que oportunizou o diálogo com cada um dos sujeitos participantes sobre de experiências interativas nas RSI, especialmente no que se referiu à construção do letramento político; e, por fim, o **diário de campo**, onde foram sistematizadas notas da pesquisadora, referentes as interações dos sujeitos no campo e com a pesquisadora, experienciadas durante o desenvolvimento da pesquisa.

<sup>31</sup> Todos os jovens selecionados receberam e-mail convite para participação na pesquisa (APÊNDICE B)

<sup>32</sup> Para preservar suas identidades os sujeitos foram identificados na pesquisa por pseudônimos.

### 4.3 Dispositivos de construção e análise dos dados

Além do questionário online, já mencionado, outros dispositivos serão utilizados para construção e análise de dados: a observação netnográfica, a entrevista semiestruturada e o diário de campo.

A **observação netnográfica**, primeira etapa da coleta de dados da pesquisa, consistiu em capturar, diretamente dos sujeitos da pesquisa em interação no Facebook, postagens, comentários em formato de texto, fotografias, arquivos de áudio e vídeo, dados criados e estimulados sem a intervenção do pesquisador. Nesta fase da pesquisa, correspondente a *Entrée Cultural*, foram definidos o *locus* e os sujeitos do estudo, e as categorias teórico-analíticas que embasarão a construção do dispositivo seguinte: a entrevista semiestruturada.

A **entrevista semiestruturada** objetivou investigar e identificar as marcas do letramento político dos jovens em interação no Facebook. Esse tipo de entrevista serviu a esta pesquisa por ser “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2008, p. 62).

A entrevista semiestruturada concede ao pesquisador mais liberdade, permitindo a utilização e inclusão de novas questões, caso a necessidade surja; além disso, permite que o entrevistado se aprofunde mais em suas respostas, agregando valor aos resultados da pesquisa. De acordo com Triviños (1987), a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Tais questionamentos dariam origem a novas hipóteses com base nas respostas dos entrevistados. Para o autor, esse tipo de entrevista favorece não apenas a descrição dos fenômenos sociais, como também sua explicação e a compreensão de sua totalidade. (TRIVIÑOS, 1987). Segundo o autor, a entrevista semiestruturada é

[...] aquela que parte de certos conhecimentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta forma, o informante seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar do conteúdo de pesquisa. (1987, p.146).

Esse tipo de entrevista pressupõe respostas mais livres e não condicionadas a um padrão de alternativas. Dessa forma, as informações podem se apresentar de forma mais completa, com descrições mais detalhadas, ampliando o campo interpretativo e possibilitando a construção de dados mais fiel ao contexto dos sujeitos investigados.

Como este estudo foi desenvolvido no ambiente virtual, a construção e análise dos dados foram conduzidas a partir da observância e valorização de dimensões da interação mais específicas. “Num processo de coleta de dados mediado por telefone ou por internet, outras dimensões parecem adquirir importante valor: por telefone podemos ter fortes atributos da voz, por exemplo. Já pelo chat teríamos fortes componentes da escrita” (MANZINI, 2004, p. 9).

O roteiro da entrevista semiestruturada (Apêndice E) usou como base as seguintes categorias teórico-analíticas:

- Juventudes e Facebook: novas formas de sociabilidade e de construção do conhecimento;
- Facebook e seu potencial pedagógico para o letramento político;
- Juventudes e suas percepções sobre a apropriação, pela educação formal, do letramento político construído no Facebook.

A primeira categoria “Juventudes e Facebook: novas formas de sociabilidade e de construção do conhecimento” tem como objetivo identificar as formas de sociabilidade e interação das juventudes no Facebook, tomando-o como *locus* de educação informal com potencial pedagógico para o letramento político.

A segunda categoria “Facebook e seu potencial pedagógico para o letramento político” visa identificar, no diálogo com os jovens e em suas postagens e comentários, no Facebook, marcas discursivas que revelem o letramento político.

Já a terceira categoria “Juventudes e suas percepções sobre a apropriação, pela educação formal, do letramento político construído no Facebook” busca compreender como os sujeitos percebem a apropriação, pela educação formal, do letramento político que eles constroem no Facebook.

A entrevista semiestruturada foi realizada com cinco dos seis sujeitos selecionados (um deles não foi localizado para dar continuidade ao diálogo), através do WhatsApp. A plataforma foi escolhida por apresentar maior número de recursos comunicacionais, ampliando as formas de interação entre o entrevistador e o entrevistado. Os encontros aconteceram, individualmente, entre os meses de outubro e novembro de 2019, sempre de acordo com a disponibilidade dos jovens.

A condução da entrevista semiestruturada desde a estruturação do roteiro até sua conclusão e análise acompanhou as seguintes fases:

**TABELA 5:** Fases da entrevista semiestruturada

FASES	CONDUTA
PREPARAÇÃO	Explorar o campo
	Formulação do roteiro da entrevista com base nas categorias teórico-analíticas
INICIAÇÃO	Introdução/apresentação do entrevistador
	Autorização para uso das informações coletadas
	Agendamento de encontros/reuniões
DIÁLOGOS	Executar a entrevista por meio de diálogos individuais no WhatsApp
	Arquivamento virtual das conversas
	Diário de campo para anotações
CONCLUSÃO	Finalizar os diálogos
	Categorizar informações para construção do corpus de análise e interpretação dos dados
ANÁLISE DOS DADOS	Analisar dados construídos a partir da metodologia de Análise Textual Discursiva (ATD).

**Fonte:** Elaboração própria

O **diário de campo** será um dos dispositivos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa e tem como objetivo sistematizar as experiências e considerações do pesquisador a respeito das práticas comunicacionais dos sujeitos e suas interações, bem como da participação do investigador, durante o desenvolvimento da pesquisa.

De acordo com Macedo (2010, p. 134), além de ser um instrumento reflexivo para o investigador, o diário é uma “forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados”. E, nesse caminho, Bogdan e Biklen (1994) indicam que:

[...], as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por

palavras do local, pessoas, acções e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as ideias e preocupações (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 152).

Assim, o diário de campo serviu a esta pesquisa, enquanto um dispositivo de registro das temporalidades cotidianas experienciadas na pesquisa, que potencializa a compreensão dos movimentos do estudo e das diversas culturas inscritas no *locus* investigado.

A aplicação de todos esses dispositivos irá oportunizar a construção de dados que serão analisados a partir de categorias criadas com base na Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016), que diz respeito a um processo de compreensão a partir da desmontagem dos textos em unidades (unitarização) para estabelecer relações entre elas (categorização) e captar o que emerge da totalidade do texto em direção a uma compreensão renovada do todo (interpretação/comunicação). “A Análise Textual Discursiva opera com significados construídos a partir de um conjunto de textos. Os materiais textuais constituem significantes a que o analista precisa atribuir sentidos e significados” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 36).

Na unitarização, que é a primeira etapa da ATD, o pesquisador precisa analisar todo o *corpus*<sup>33</sup> e seus detalhes e os organiza em unidades de significados, que geram outras unidades provenientes das interpretações do pesquisador.

O *corpus* de análise desta pesquisa será composto por material das transcrições das entrevistas semiestruturadas e das postagens dos sujeitos da pesquisa no Facebook, bem como dos registros da observação netnográfica e do diário de campo.

Para Moraes e Galiazzi (2016, p. 75), os sentidos não se desatam dos textos, precisam ser reconstruídos. “Estas reconstruções são necessariamente afetadas pelas concepções teóricas do pesquisador, por suas teorias e sua visão de mundo”.

A desconstrução e a unitarização consistem em um processo de desmontagem ou desintegração dos textos, destacando seus elementos constituintes, ou seja, busca focar nos detalhes e nas partes que compõem os textos. Segundo Moraes e Galiazzi (2016, p.

---

<sup>33</sup>Corpus é o conjunto de documentos através do qual a Análise Textual Discursiva se concretiza (GALIAZZI E MORAES, 2016).

40), pretende-se com isso “perceber os sentidos dos textos em diferentes limites de seus pormenores, ainda que se saiba que um limite final e absoluto nunca é atingido”.

A segunda etapa, a *categorização*, consiste em criar categorias de análises a partir das unidades de significados organizadas pelo pesquisador. É o momento de estabelecer relações entre esses elementos unitários, congregando em conjuntos os elementos semelhantes e também de nomear e definir categorias. “Essa explicitação se dá por meio do retorno cíclico aos mesmos elementos, no sentido da construção gradativa do significado de cada categoria. Nesse processo as categorias vão sendo aperfeiçoadas e delimitadas” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 44).

A última etapa da Análise Textual Discursiva é a *interpretação/comunicação*, ou seja, a expressão das compreensões atingidas. É o momento de construção de metatextos analíticos que expressem os sentidos construídos a partir de um conjunto de textos. Trata-se de um modo de teorização sobre os fenômenos investigados.

## 5 PARA COMPREENDER O PERCURSO: ANÁLISE DO CORPUS

Após o processo de observação netnográfica e de interação direta com os jovens através da entrevista semiestruturada, chega o momento de organizar, compreender e interpretar as experiências vivenciadas. O corpus é constituído por cinco entrevistas transcritas e por interações textuais desses jovens no Facebook.

Iniciei, assim, a análise do corpus a partir da Análise Textual Discursiva que, na perspectiva de seus autores,

Pesquisar e teorizar passam a significar construir compreensões, compreender esse nunca completo, mas atingido por meio de um processo recursivo de explicitação de inter-relações recíprocas entre categorias, superando a causalidade linear e possibilitando uma aproximação de entendimentos mais complexos (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 30).

Essa foi a metodologia de análise escolhida porque, acredito, valoriza os processos de interpretação, oportunizando a emergência de múltiplas possibilidades de compreensão do fenômeno investigado. Trata-se de um diálogo constante com o presente, que está sempre em movimento, e, por isso, apresenta diferentes sentidos e significados. Neste sentido, a Análise Textual Discursiva “insere-se entre os extremos da análise de conteúdo tradicional e a análise de discurso, representando um movimento interpretativo de caráter hermenêutico” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 07).

A ATD busca a construção de metatextos analíticos que expressem o sentido de um conjunto de textos<sup>34</sup>, que são constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto um modo de teorização sobre os fenômenos estudados ((MORAES; GALIAZZI, 2016). É importante destacar que, a qualidade dos textos que resultam da análise não está ligada apenas a sua validade e confiabilidade, mas também a “consequência de o pesquisador assumir-se autor de seus argumentos” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 32).

Os textos não carregam um significado a ser apenas identificado; trazem significantes exigindo que o leitor ou pesquisador construa significados, a partir de suas teorias e pontos de vista. Isso requer que o pesquisador em seu trabalho se assuma como autor das

---

<sup>34</sup> Os *textos* são entendidos como produções linguísticas, referentes a determinados fenômenos e originadas em um determinado tempo e contexto. Assim, embora, a maior partes das menções ao termo *texto* sejam referentes a produções textuais, devemos compreender o termo de forma mais ampla, incluindo imagens e outras expressões linguísticas (MORAES; GALIAZZI, 2016).

interpretações que constrói a partir dos textos que analisa (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 17).

Nessa perspectiva, o processo de análise aconteceu a partir de três elementos principais: desmontagem dos textos em unidades (**unitarização**) para estabelecer relações entre elas (**categorização**), e captar o que emerge da totalidade do texto em direção a uma compreensão renovada do todo (**interpretação/comunicação**).

### **5.1 Unitarização: des(construção) de significados**

Esse processo teve início a partir de um intenso mergulho no *corpus* de análise para identificação de unidades de sentido. Trata-se de um esforço para a construção de significados para a elaboração de mais sentidos decorrentes dos textos em análise. Trata-se de um esforço de interpretação do pesquisador em relação aos significantes do corpus (MORAES; GALIAZZI, 2016). Assim, a unitarização representa um trabalho criativo de reconstrução de significados que os autores dos textos analisados pretenderam expressar neles. Muito embora essas reconstruções sejam afetadas diretamente pelas teorias e visões de mundo do pesquisador, é preciso compreender que a análise não pode se limitar às teorias do pesquisador. É imprescindível que as ideias dos sujeitos da pesquisa sejam preservadas. “É preciso atenção aos sentidos que os autores dos textos pretenderam expressar. Isso implica exercitar uma atitude de respeito ao outro, uma atitude fenomenológica” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 53). Outro ponto importante destacado pelos autores é que as unidades de sentido precisam relacionar-se com os objetivos da pesquisa, sua pertinência em relação aos objetos de estudo.

Além disso, o processo de desconstrução dos textos na unitarização também pode ser concebido como um movimento do consciente para o inconsciente.

Os textos submetidos à análise representam estados de consciência dos sujeitos que os produziram. Sua desconstrução e a produção de elementos unitários destrói ordenações anteriormente construídas. O caos de elementos assim criado é espaço de operação do inconsciente, capaz de dar origem a novas ordenações (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 70).

Trata-se de um ir e vir cíclico. Um processo de espiral, de retomada periódica dos mesmos elementos, em um contínuo refinamento. Em resumo, a unitarização pode ser compreendida como o movimento inicial de um processo de aprendizagem em que se

envolve o investigador ao longo da pesquisa. Nasce de um conjunto de textos ordenados, uma explosão de ideias, um movimento para o inconsciente e o caos, que oportuniza condições para a emergência de novas compreensões e aprendizagens (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 72).

Na presente pesquisa foram elencadas 129 unidades de sentido, oriundas da análise no *corpus*. A desconstrução dos textos em fragmentos de sentidos foi balizada nos pressupostos teóricos definidos na pesquisa, nos conhecimentos tácitos da pesquisadora e nos objetivos da pesquisa.

É importante frisar que, ao investigar uma unidade de análise presente numa transcrição da entrevista e das interações dos sujeitos no Facebook, não estou analisando propriamente o nível de letramento político dos sujeitos, e sim, focando no que os textos representam sobre suas percepções acerca da possibilidade de construção do letramento político nesse *locus*; ou seja, busco identificar, através das unidades de sentido, elementos que oportunizem a compreensão dos caminhos abertos (ou não) pelas interações no Facebook para a construção do letramento político dos jovens investigados. Assim, na medida em que percebo o entendimento que os sujeitos têm sobre a construção do seu conhecimento político através do Facebook, também investigo o fenômeno em si, buscando compreender o potencial pedagógico que esse espaço apresenta para tal finalidade.

Outro ponto importante para definição das unidades de análise é a teoria que a orienta. Nesta investigação, meu olhar está voltado para as dimensões do Letramento Político, entendido como o processo de apropriação das práticas sociais, valores e conhecimentos relacionados ao exercício da política, visando a manutenção e aprimoramento da Democracia (COSSON, 2015).

À medida que vou me apropriando de novos conhecimentos acerca deste aporte teórico, mudo a interpretação do texto e surgem, assim, novas unidades de sentido. Por isso é necessário que aconteça a codificação dessas unidades, para que seja possível identificar a sua origem no *corpus*.

Outro aspecto para destaque é a reescrita das unidades de sentido. Por vezes, a fragmentação ou desmontagem dos textos resulta em palavras ou expressões soltas, fora de contexto, tornando necessária sua reescrita para atribuição de sentido. Nessa perspectiva, Moraes e Galiazzi (2016, p. 50-51) afirmam que as unidades de análise têm como objetivo chegar à elaboração de textos descritivos e interpretativos, apresentando os argumentos pertinentes à compreensão do pesquisador em relação aos fenômenos

investigados que, no caso desta pesquisa, trata das dimensões do letramento político construídas a partir da análise das postagens dos jovens no Facebook que compõem o *corpus* de análise.

## 5.2 Categorização: agrupando sentidos

A categorização consiste em um movimento de síntese que segue a unitarização. Seria entendido, pois, “como se localizando num espaço entre a construção de um quebra-cabeça e a criação de um mosaico” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 74). Integra os processos cognitivos dos seres humanos, na medida em que estabelece conexões entre as vivências, o que, para Varela, Thompson e Rosch (2000, p. 176; *apud* MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 75) representa uma das atividades cognitivas mais fundamentais desempenhadas por todos os organismos. Categorizar é juntar o que é semelhante, refere-se a sínteses de informações da pesquisa, produzidas por comparação ou diferenciação de elementos unitários, resultando em conjuntos compostos por elementos comuns.

Como na unitarização, o processo de categorização não ocorre a partir de um único movimento, e sim por uma correlação sequenciada de passos analíticos, possibilitando um aprimoramento gradativo dos agrupamentos ou classes, o que permite a sua reconstrução permanente, não só dos produtos analisados, mas também da análise da própria classificação.

A melhora e validação gradativa das categorias estão associadas à produção de uma compreensão cada vez mais aprofundada dos fenômenos. Depende, portanto, das aprendizagens feitas pelo pesquisador em relação ao tema que investiga (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 76).

Na categorização é necessário levar em conta os conhecimentos tácitos do pesquisador, contudo, a evolução do caminho analítico e de classificação precisa integrar outras categorias, entre elas as do próprio processo de análise. De acordo com os autores, dois elementos são importantes no processo de validação das categorias: contexto e objetivo. As categorias precisam demonstrar validade contextual e precisam ser coerentes com os objetivos da pesquisa.

Nesta segunda etapa de análise, acontece ainda a nomeação e definição das categorias que, em nesta investigação, serão as dimensões do Letramento Político.

A partir da análise minuciosa das unidades de sentido estabelecidas, foram criadas 14 categorias intermediárias e, por fim, três categorias finais, alicerces para a construção dos metatextos.

A produção de categorias, de acordo com Moraes e Galiazzi (2016), pode ser concebida por processos distintos: indutivo, dedutivo, misto e intuitivo. No *indutivo*, o pesquisador organiza as unidades por semelhança a partir de um movimento que vai do particular ao geral, ou seja, de pequenas unidades de significado até categorias abrangentes. No *dedutivo*, o movimento é oposto, partindo do geral para o particular. Neste, já se estabelecem categorias antes da análise do corpus, de forma que as unidades de sentido são agrupadas em torno dessas categorias.

Na integração desses dois processos, o indutivo e o dedutivo, está o processo misto, onde o pesquisador, a partir das categorias *a priori*, vai reformulando-as a partir da sua impregnação no corpus de análise. Por fim existe o processo intuitivo, cujas categorias são constituídas por *insights* do pesquisador, após sua imersão nos dados da pesquisa.

Independente do processo adotado, “o essencial [...] não é sua forma de produção, mas as possibilidades de o conjunto de categorias construído para propiciar uma compreensão aprofundada dos textos-base da análise e, em consequência, dos fenômenos investigados” (MORAES e GALIAZZI, 2016, p. 25-26).

Nesta pesquisa, adotei o processo misto que me permitiu alinhar logo de partida, as unidades de sentido aos meus objetivos e problema de pesquisa. Assim, parti da criação das seguintes categorias *a priori*: a) Juventudes e Facebook: novas formas de sociabilidade e de construção do conhecimento; b) Facebook e seu potencial pedagógico para o letramento político; c) Juventudes e suas percepções sobre a apropriação, pela educação formal, do letramento político construído no Facebook.

Todo o processo, desde a construção do roteiro até a construção de dados nas entrevistas e nas interações no Facebook, foi embasado por essas categorias, e, a partir delas, foram organizadas as unidades de sentido. Após análise e reescrita desses fragmentos, tais categorias foram reformuladas dando origem às que seguem:

- a) Juventudes, sociabilidades no Facebook e construção do conhecimento (A);
- b) Juventudes, Letramento Político no Facebook e Manutenção da Democracia (B);
- c) Educação formal e a prática e apropriação do letramento político construído pelas juventudes no Facebook (C).

A primeira categoria “Juventudes, sociabilidades no Facebook e construção do conhecimento (A)” buscou evidenciar as formas de sociabilidade e interação das juventudes no Facebook, tomando-o como *locus* de educação informal com potencial pedagógico para o letramento político.

A segunda categoria “Juventudes, Letramento Político no Facebook e Manutenção da Democracia (B)” visou identificar, no diálogo com os jovens e em suas postagens e comentários, no Facebook, marcas discursivas que revelem o letramento político de modo que permita sua atuação na manutenção e aprimoramento da democracia.

Já a terceira categoria “Obsolescência da Educação Formal e a (des)apropriação do letramento político construído pelas juventudes no Facebook (C)” refere-se à compreensão dos sujeitos sobre a apropriação (ou não), pela educação formal, do letramento político que eles constroem no Facebook.

**TABELA 6:** Definição das categorias de análise

CATEGORIAS INICIAIS	CATEGORIAS INTERMEDIÁRIAS	CATEGORIAS FINAIS
Juventudes e Facebook: novas formas de sociabilidade e de construção do conhecimento	<ol style="list-style-type: none"> <li>1 Juventudes e Sociabilidades no Facebook</li> <li>2 Aprender e ensinar no Facebook</li> <li>3 Construir conhecimento no Facebook</li> <li>4 Novas linguagens do Facebook</li> </ol>	<b>Juventudes, sociabilidades no Facebook e construção do conhecimento (A).</b>
Facebook e seu potencial pedagógico para o letramento político	<ol style="list-style-type: none"> <li>1 Facebook e democratização do acesso à informação</li> <li>2 Construção do conhecimento político no Facebook</li> <li>3 Fake News e alienação política no Facebook</li> <li>4 Notícias falsas e manipulação da opinião pública</li> </ol>	<b>Juventudes, Letramento Político no Facebook e Manutenção da Democracia (B).</b>

	<p><b>5</b> Conhecimento político e Manutenção da Democracia</p> <p><b>6</b> Democracia, juventudes e representatividade no Facebook</p>	
<p>Juventudes e suas percepções sobre a apropriação, pela educação formal, do letramento político construído no Facebook</p>	<p><b>1</b> Educação Formal e conhecimento político</p> <p><b>2</b> Facebook e construção do pensamento crítico</p> <p><b>3</b> Facebook e construção do conhecimento político</p> <p><b>4</b> Desvalorização do conhecimento político construído no Facebook</p>	<p><b>Obsolescência da Educação Formal e a (des)apropriação do letramento político construído pelas juventudes no Facebook (C).</b></p>

**Fonte:** Elaboração própria

Tais categorias reformuladas me permitiram uma compreensão renovada a respeito do fenômeno estudado. A categorização é um movimento de “produção de uma nova ordem, uma nova compreensão, uma síntese. A pretensão não é o retorno aos textos originais, mas a construção de um novo texto” (MORAES E GALIAZZI, p. 2016, p. 31).

É importante ressaltar que, na ATD, uma mesma unidade de sentido pode estar presente em categorias distintas. Pois, como as dimensões conceituais do Letramento Político – processo; apropriação e exercício da política (COSSON, 2015) – são dinâmicas e moventes, porque assim são os sujeitos jovens investigados – como baliza o conceito de juventudes (PAIS, 1990), recorte desta pesquisa –, seria um equívoco aprisioná-las em apenas um eixo interpretativo. A partir dessa ótica, Moraes e Galiazzi (2016) afirmam que uma mesma unidade de sentido pode ser lida de diferentes formas, a partir de diferentes perspectivas.

Após esses dois ciclos de análise, a unitarização e a categorização, inicia-se o terceiro: a interpretação, ou seja, a construção de um novo texto, um metatexto, onde será possível expressar uma compreensão renovada do texto analisado.

### 5.3 Interpretação: uma tempestade de luz

O produto final de uma ATD é um metatexto<sup>35</sup>, uma expressão por meio da linguagem das principais ideias emergentes das análises e apresentação dos argumentos estabelecidos pelo pesquisador em sua investigação, capaz de comunicar aos outros suas novas compreensões atingidas (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 94).

Os metatextos são descritivos e interpretativos. A descrição busca expressar de modo mais direto a compreensão associada às categorias. Já a interpretação consiste em um exercício de afastamento e abstração em relação às categorias, conduzindo a teorizações mais aprofundadas.

Vale reforçar que as interpretações dos recortes discursivos, neste estudo, estão balizadas nos pressupostos teóricos do Letramento Político, mais precisamente no que se refere às suas dimensões conceituais (processo, apropriação e práticas sociais). Tal perspectiva se alinha com o pensamento dos autores Moraes e Galiazzi

O pesquisador, quando está interpretando os sentidos de um texto [...] exercita um conjunto de interlocuções teóricas com os autores mais representativos de seu referencial. Procura com isto ampliar a compreensão dos fenômenos que investiga, estabelecendo pontes entre os dados empíricos com que trabalha e suas teorias de base. Nesse movimento está também ampliando o campo teórico no qual se baseia. (2016, p. 36).

Como já vimos nos capítulos teóricos, o termo **processo**, presente na definição, é muito importante para a compreensão do conceito de letramento político. Cosson (2015) destaca que, enquanto processo, o letramento político não é uma habilidade que se adquire ou um conhecimento facilmente mensurável, como uma tabuada, “trata-se de uma ação que se estende no tempo, implicando graus e níveis diferentes de competência e aprendizagem contínua e aberta a transformações” (COSSON, 2015, p. 79). Dessa forma, não existe um marco que defina se uma pessoa é ou não politicamente letrada, já que tal conceito refere-se a um aprendizado constante que se concretiza tanto em termos de empoderamento individual quanto de participação social.

Cosson também destaca o termo **apropriação** que, para o autor exige um movimento em direção a algo que está fora de nós e que desejamos incorporar, mas que,

---

<sup>35</sup> Metatextos são expressões escritas que resultam das descrições e interpretações, a partir das categorias (NAVARRO; DIAZ, 1994, apud MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 89).

ao fazê-lo, o modificamos. A apropriação das práticas sociais como letramento político conduz a uma transformação que é simultaneamente dos indivíduos e dessas práticas e, por meio de ambos, da comunidade em que todos se inserem (COSSON, 2015). Tais práticas sociais, também presentes na definição do conceito de letramento político, carregam em si aprendizagem de conhecimento e de valores, que precisam ser apropriados e, assim, transformados. Cosson destaca que o processo de apropriação não acontece no vazio, mas sim dentro de um contexto determinado, por vezes, com práticas, valores e conhecimentos deliberadamente estabelecidos por indivíduos ou grupos dominantes, “o que significa dizer que não há sociedade sem um projeto hegemônico de letramento político implícita ou explicitamente estabelecido” (COSSON, 2015, p. 80).

Por fim, o **exercício da política**, que não se refere apenas as questões basilares e técnicas sobre o fazer político, como filiação a um partido, participação em campanhas como militantes ou engajamento eventual em alguma causa específica. Trata-se de uma compreensão tanto das relações de poder institucionalizadas pelo Estado quanto das relações cotidianas nos diversos espaços sociais como em casa, no trabalho, na igreja, no círculo de amigos.

Tais dimensões do Letramento político pautaram a construção dos metatextos, que, em alguns momentos serão mais descritivos, em outros mais interpretativos, permitindo emergir as subjetividades do pesquisador e suas abstrações, que oportunizaram teorizações mais aprofundadas. O objetivo iluminar novas compreensões, em uma tempestade de luz (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 46), sobre o fenômeno investigado, ampliando o olhar sobre as possibilidades formativas do Facebook, mas, especialmente, sobre o seu potencial pedagógico enquanto espaço de construção do letramento político das juventudes.

Assim, através dessa tempestade de luz, surgem novas ordens por meio da construção de significados, como veremos a seguir.

## **6 TEORIZANDO OS “NÓS”: COM A PALAVRA, OS SUJEITOS DA EXPERIÊNCIA**

É chegada a hora de desatar os “nós”, termo que, aqui, é utilizado como pronome pessoal, para identificar os participantes ativos deste estudo – pesquisador e sujeitos da pesquisa –, e também para expressar o entrelaçamento de cordões que neste caso, seria uma metáfora para o encontro de perspectivas oportunizadas pela ATD.

Nesse capítulo apresento tessituras das interpretações feitas a partir de um processo de leitura e releitura das partes, buscando uma compreensão mais aprofundada do todo, premissa da ATD. As reflexões foram orientadas pelas três categorias teórico-analíticas que emergiram do processo de interpretação dos discursos orais dos jovens entrevistados, a saber: Juventudes, sociabilidades no Facebook e construção do conhecimento; Juventudes, Letramento Político no Facebook e Manutenção da Democracia; e Obsolescência da Educação Formal e a (des)apropriação do letramento político construído pelas juventudes no Facebook.

A estrutura de análise e interpretação, como já mencionada no capítulo anterior, segue as dimensões do letramento político (COSSON, 2015), a saber: processo, apropriação e exercício da política. Entendo esse princípio como basilar para o desenvolvimento desta pesquisa e para a compreensão do que foi produzido no campo de pesquisa com os jovens, a partir da triangulação entre seus discursos, os pressupostos teóricos e o campo semântico do letramento político.

### **6.1 Juventudes, sociabilidades no Facebook e construção do conhecimento**

A comunicação é a mola propulsora da evolução da humanidade. Sem ela, cada um de nós seria um mundo fechado em si. O ato comunicacional envolve dois agentes: o emissor e o receptor, que interagem para codificar e decodificar a mensagem. Essa relação, a princípio simples e direta, ganhou perspectivas mais complexas a partir do advento das tecnologias digitais. Ou seja, novos meios de comunicação trouxeram consigo novas formas de se relacionar, novas sociabilidades, que se diversificaram ainda mais quando essas tecnologias digitais se tornaram conectadas.

Para Lévy (1999), muito embora a virtualização dos processos comunicacionais tenha sido iniciada há tempos por técnicas mais antigas como escrita, gravação de

áudio, telefone e televisão, foi no ciberespaço que surgiram particularidades no processo comunicacional.

As particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários. O que nos conduz diretamente à virtualização das organizações que, com a ajuda das ferramentas da cibercultura, tornam-se cada vez menos dependentes de lugares determinados, de horários de trabalho fixos e de planejamentos a longo prazo [...] (LÉVY, 1999, p. 49).

Ocorreram, assim, radicais transformações no senso de organização social, que não mais respeitava as fronteiras impostas pelas distâncias. É o que Antony Giddens chama de desencaixe do tempo e do espaço. Para o autor, trata-se do “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p. 29). Enquanto nas sociedades pré-modernas a presença estava vinculada a um tempo e espaço intrinsecamente relacionados, nas sociedades modernas rompe-se esse cordão umbilical, mudando os contextos de presença.

O fenômeno atual que mais coaduna com esse novo e movente modelo de comunicação corresponde às redes sociais da internet (RECUERO, 2009), que são expressões de grupos sociais interconectados. Se antes a comunicação acontecia através de um emissor e de um receptor que compartilhavam mensagens em um mesmo espaço físico, agora esse contexto se tornou mais complexo, na medida em que pessoas de qualquer lugar do mundo podem se comunicar em tempo real. Surgem, assim, novas sociabilidades, novas maneiras de se relacionar, de ser e estar no mundo.

É uma característica deste tempo histórico a conexão entre as pessoas, mediadas pelas tecnologias digitais conectadas; e as juventudes (PAIS, 1990), nesse contexto, assumem a linha de frente desse processo. O jovem contemporâneo é plural, conectado, comunica-se em rede e se relaciona a partir de interações online. É protagonista, participativo, agente ativo da sociedade, principalmente no ciberespaço. As nossas experiências de vida, hoje, são pautadas pelo que acontece (ou não) nas redes sociais da internet. Somos todos importantes porque somos todos responsáveis e autores dos processos que impulsionam a evolução da humanidade. Como afirma Amelinha, em entrevista: “Lá [no Facebook] você tipo... dá um like. Você compartilha, você comenta? Você é importante!”.

Essa interação, entre diferentes sujeitos conectados, oportuniza uma discussão sobre diversas dimensões da vida em sociedade: cultural, social, política, com influências diretas na educação contemporânea.

Com as tecnologias digitais conectadas, principalmente a partir do surgimento das redes sociais da internet, despontam novos fazeres pedagógicos como potenciais possibilidades formativas. Nesse contexto, a escola e o professor deixaram de ser a representação absoluta do saber, oportunizando ao aluno o protagonismo do seu aprendizado. Hoje, os estudantes não só têm acesso irrestrito às informações, como também as produzem, as compartilham, debatem entre si, refletem e constroem o próprio discurso. Essa realidade digital ampliou os horizontes de acesso à informação, tornando a rede uma gigantesca biblioteca e reduzindo para um clique a distância entre o sujeito e o conhecimento.

É a partir dessa premissa que trago a perspectiva dos sujeitos da experiência somada às minhas percepções e interpretações. Os jovens que contribuíram para desatar os “nós” deste estudo clarificam o processo contemporâneo de construção e difusão do conhecimento, a partir de suas vivências e da constituição de si no Facebook. Herzog, ao ser entrevistado, diz o seguinte:

Eu acredito que o conhecimento está em tudo. Você sempre está adquirindo mais e mais, todos os dias da tua vida. No Facebook não é diferente, as informações chegam até nós com mais facilidade. Antigamente, assistíamos aos telejornais, me lembro quando pequeno. Hoje, o Facebook proporciona o acesso à informação a hora que a gente quiser.

Este sujeito, a partir de sua própria prática, faz referência às mudanças estruturais na maneira e na velocidade com que acessamos informações e como produzimos conhecimento. Ele retrata em sua fala uma das principais transformações ocasionadas pela internet e pelas redes sociais: a ubiquidade do conhecimento, ou seja, sua presença em todos os lugares e a qualquer momento. Há algumas décadas, para termos acesso às informações era necessário buscá-las em jornais impressos, ouvi-las no rádio ou assisti-las em telejornais. A informação ainda era condicionada a uma produção que servia ao padrão ‘um para todos’, ou seja, poucos e grandes veículos de comunicação detinham o poder de comunicar o que queriam, da forma que queriam e, cabia a nós, os espectadores, apenas o consumo das notícias. Com a internet e, sobretudo, com as redes sociais, como o Facebook, a produção e circulação de informações ganhou novo fluxo, sendo agora ‘todos para todos’. Todos podem produzir

e consumir; e essa nova lógica comunicacional alterou profundamente as condições do acesso à informação.

Como afirma Herzog, “o conhecimento está em tudo”, aprende-se em vários espaços e a qualquer tempo. Para isso, precisamos lembrar dos pressupostos da Pedagogia da Autonomia, de Freire (2016), na qual o autor defende que ensinar é criar possibilidades para a construção do conhecimento. Isso poderá ocorrer em uma sala de aula tradicional, embaixo de uma árvore ou no ciberespaço.

Ribeiro (2009) também segue essa linha reflexiva, ao afirmar que a escola não é a única agência de letramento, outros espaços também possuem essa função, como a igreja, a família ou as redes sociais na internet. Aprendemos cotidianamente, a partir da nossa interação com o mundo, em nossos espaços sociais. A sala de aula seria, assim, mais um *locus* de aprendizagem (formal) dentro do nosso amplo contexto formativo.

Essa dimensão ubíqua do conhecimento, que interpreto no discurso de Herzog, é uma importante característica da contemporaneidade, na medida em que se desvinculam os saberes dos espaços tradicionais de ensino e aprendizagem, a partir da compreensão de que o conhecimento não está restrito apenas a *loci* institucionalizados, está em toda parte e pode ser construído também a partir da interação entre diferentes sujeitos virtualmente conectados.

Para Couto (2014, p. 53), três verbos sintetizam a vida na cibercultura avançada: participar, colaborar e compartilhar. Segundo o autor, os sujeitos conectados não criam apenas redes e afinidades, mas canais contínuos de solidariedade.

[...] onde antes só era possível ser espectador, agora é possível agregar valores por meio da participação. Participar quer dizer se colocar como agente, narrar, publicar, falar e intercambiar uns com os outros, em público, mas quer dizer, sobremaneira, colaborar e aceitar colaboração, fazer em conjunto, encontrar soluções por meio de parcerias.

Esses jovens concebem o Facebook como um espaço propício para a construção de conhecimento. Trata-se de um lugar onde a circulação de informação é rápida, orgânica, acessível e, sobretudo, inerente ao nosso cotidiano, como aponta Pagu: “Se eu não estivesse conectada às redes sociais eu estaria desinformada”. A relação entre acesso à informação e à cultura digital, estabelecida por todos os jovens sujeitos desta pesquisa, ressalta a importância da democratização do acesso à informação, que só é possível, como vimos, a partir do incentivo à cultura da cooperação e do compartilhamento entre as pessoas, como defendido por Couto (2012):

Tudo o que fazemos juntos, por meio das conexões e das redes, são importantes porque circula livremente e pode ser acessado por milhares de pessoas que, por sua vez, também transformam esses saberes em novas e múltiplas experiências e relatos. As redes sociais se integram às nossas ações pedagógicas quando os sujeitos aprendem a valorizar as articulações coletivas, o fazer junto com o outro, quando os saberes não são mais acumulados nas estantes ou arquivos digitais para essas ou aquelas pessoas.

No Facebook, é possível se relacionar com pessoas com interesses comuns, é possível acessar e intercambiar informações e dados. É possível construir conhecimento de forma coletiva, mobilizando competências, articulando saberes individuais de modo a torná-los coletivos. Como afirma Lévy (1998), através de seu conceito Inteligência Coletiva, o conhecimento reside na humanidade. Ninguém sabe tudo e todos nós sabemos alguma coisa. Somos todos dotados de uma inteligência individual, que precisa ser incessantemente valorizada e mobilizada em tempo real para originar um saber coletivo. O ciberespaço e suas redes sociais oportunizam justamente a articulação de saberes individuais, possibilitando a construção de coletivos inteligentes desterritorializados.

É nesse **processo** que aprendemos e ensinamos. Trata-se, como afirma Cosson (2015), em seu conceito de Letramento Político, de um arquétipo de aprendizagem mutante e diverso. Cada um aprende e ensina de uma forma, não existe um modelo que seja facilmente mensurável. Assim, a construção do conhecimento é um processo, uma ação contínua, que se estende no tempo, dura a vida inteira e acontece de formas diferentes para cada um de nós.

Os sujeitos Marighella e Zuzu, em entrevista, fizeram alusão aos diversos modos de se aprender nas redes sociais, o que confirma não apenas a sua característica democrática, no que se refere ao acesso à informação, mas também seu caráter diverso quanto às possibilidades formativas. Marighella afirma que os memes<sup>36</sup> são importantes para seu aprendizado nas redes sociais: “Aprendo muito com os memes. É a linguagem do momento e eu amo”. Já Zuzu disse que são os *digitais influencers*<sup>37</sup> sua maior fonte de informação e de construção do conhecimento nas redes, ressaltando o Facebook: “No Facebook, a aprendizagem é diversa. Aprendi sobre temas que nunca tinha ouvido falar e que hoje me interessam muito. Aprendo com *digitais influencers*, por exemplo”.

---

<sup>36</sup> Conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet.

<sup>37</sup> Pessoas capazes de influenciar o comportamento e opinião de milhares de pessoas por meio do conteúdo que publica em seus canais de comunicação, como Facebook, Instagram, Twitter e YouTube.

Ao se referirem aos memes e aos *digitais influencers*, elementos que surgem a reboque das redes sociais na internet e das novas sociabilidades que emergem delas, os sujeitos falam de seu aprendizado para além da escola; ressaltam contemporâneas formas de comunicação e de interação entre os jovens. Como é possível verificar na figura a seguir, extraída da página do Facebook de Pagu, os memes apresentam aspectos formativos importantes, na medida em que estimulam o debate sobre temas atuais e, em geral, polêmicos.

**Figura 7:** Reprodução de postagem de Pagu: Bombardeio dos EUA ao Irã<sup>38</sup>



**Fonte:** Print de postagem do Facebook feito pela autora

Como podemos ver, Pagu, a partir do compartilhamento de um meme poderá trazer à discussão, um assunto de cunho político. O campo político, um dos focos dessa discussão, está evidenciado aí. O que esses jovens postam ou compartilham poderá revelar seu nível de letramento político; a forma como os jovens interpretam e compartilham no Facebook, suas marcas discursivas, poderão provocar, por vezes, extensos debates.

A Figura 7, compartilhada por Pagu, trata de um tema polêmico recente, que pautou discussões no mundo inteiro: o bombardeio dos EUA ao Irã, em 2 de janeiro de 2020, e a consequente morte do general iraniano *Qassem Soleimani*. O meme representa a opinião do povo brasileiro a respeito da possível aliança do nosso país com os EUA e, ainda, a trajetória da relação Brasil-EUA no governo brasileiro atual. Essa nova

<sup>38</sup> Os memes apresentados aqui foram replicados das páginas dos sujeitos de pesquisa.

linguagem, que compõe a cultura escrita desse e de tantos outros jovens que aprendem nas RSI, inaugura formas de sociabilidade, de modos de publicação e de circulação de saberes, abrindo caminho ao aprendizado para além das práticas eruditas do sistema escolar.

O compartilhamento de Pagu poderá revelar seu posicionamento crítico sobre o tema em questão e sua vontade de se expressar sobre o assunto publicamente. As postagens na rede são reveladoras de um modo de pensar e de agir desse jovem. Através do humor, os jovens se expressam, compartilham informações e constroem conhecimento nas redes sociais, oportunizando uma participação crítica em atividades próprias da cultura digital. Contudo, apenas o acesso à informação não garante o letramento político. É preciso interpretá-la, contextualizá-la, dar-lhe sentido e significado. Para tanto, vale destacar, são necessários conhecimentos prévios para criar ou interagir com os memes e com a diversidade de linguagens possibilitadas pela internet. Esses saberes, em geral, são constituídos nos ambientes formais de aprendizagem, em outros meios de comunicação e de interação. “Nesse sentido, os memes de internet têm exigido dos indivíduos conhecimentos de diferentes campos, ou seja, para compreender seu conteúdo, é necessário ser capaz de combinar criticamente diferentes recursos visuais em diversos gêneros discursivos” (SOUZA, 2019. p. 198-199).

A interpretação e a conseqüente produção de saberes são, pois, fruto do processo de mixagem dos meios e dos conteúdos acessados, permitindo a recombinação de informação que oportuniza a construção e disseminação de novos saberes do campo político. Se Pagu não soubesse que houve um atentado dos EUA ao Irã e que o governo brasileiro foi solidário com o líder americano, jamais entenderia o significado da imagem, o que impediria a sua interação no Facebook sobre o tema. Ou seja, trata-se de uma construção processual que se relaciona com as nossas experiências anteriores, com as nossas práticas sociais cotidianas, que são basilares para construção do letramento político.

A produção do conhecimento, baluarte desse processo evolutivo, se dá a partir da **apropriação**, segunda dimensão do conceito de letramento político, das informações que são acessadas nesse espaço, que advém de um movimento em direção ao que está fora de nós, mas que queremos incorporar. E quando acessamos esse conhecimento não apenas nos modificamos, alteramos também o próprio conhecimento e, por conseguinte, o meio a nossa volta. Assim, no Facebook, a construção do conhecimento oportuniza

transformações do próprio conhecimento, das pessoas que interagem e do meio em que se relacionam, de forma coletiva e conectada, como é possível ver no debate que Pagu suscitou ao compartilhar uma imagem sobre a influência da religião no governo.

**Figura 8:** Reprodução de postagem de Pagu: influência da religião no governo



**Fonte:** Print de postagem do Facebook feito pela autora

Como foi possível acompanhar, no diálogo interativo com outros jovens, mostrado na figura 08, que traz um debate sobre influência religiosa, que desencadeia outras discussões pertinentes à vida em sociedade como “nação laica”, “liberdade de escolher no que se deve crer”. Pagu demonstra ter alcançado uma consciência política e social, que amplia seu grau de letramento político; demonstra um engajamento crítico; seu discurso manifesta uma opinião de respeito à diversidade, problematiza a realidade social.

Nos comentários, é possível perceber posicionamentos diversos, diferentes compreensões sobre o tema. Essa divergência de pontos de vista, fruto de experiências individuais, do que aprendemos ao longo da vida em nossos próprios contextos sociais e culturais, é a mola propulsora da construção do conhecimento, porque é na interação e

na troca de informação que o saber se constitui. Como afirma Couto (2014, p. 53), onde há décadas atrás só era possível assistir, agora é possível agregar valores por meio da participação. “Participar quer dizer se colocar como agente, narrar, publicar, falar e intercambiar uns com os outros, em público”.

Dessa forma, no momento em que Pagu posta essa imagem, ela se posiciona politicamente e demonstra não apenas sua habilidade de interação no campo político, mas também reforça o poder da participação na construção do conhecimento, em espaços informais, de forma coletiva. O conhecimento que emerge desses diálogos oportuniza, de forma mútua, acesso a outras perspectivas, talvez, incompatíveis com seus ideais e crenças, mas importantes para reforçar sua argumentação e ponto de vista, ou seja, reforçar a sua habilidade de interação política, ampliando e fortalecendo o seu nível de letramento político.

O diálogo provocado pela postagem segue uma linha argumentativa; propõe debate sobre vários temas, como o significado de estado laico, religião e a democracia.

Diversos assuntos foram abordados, sobre perspectivas também diversas, evidenciando que esses jovens constroem o seu letramento político na medida em que acessam várias informações ao mesmo tempo, se apropriam delas e as recombina, criando novos saberes, a partir de sua própria compreensão do conteúdo acessado, como afirma Castells (2015),

[...] o jovem contemporâneo tem a capacidade de obter muitas informações simultaneamente e recombina-las. O que sabemos? A recombinação é a base da criatividade, e a criatividade, ou seja, produzir alguma ideia ou conhecimento novo sobre a base de recombinações do que é antigo, é o mais importante. Na empresa. Na sociedade, na política, na cultura. Então, o *multitasking* [multitarefa] diminui a capacidade de memorizar, mas incrementa enormemente a capacidade de criar e a criação é o mais importante que há nesta sociedade.

A juventude contemporânea é multitarefa e esse conceito grafado no plural, Juventudes, busca exatamente dar conta desse sujeito pós-moderno (HALL, 2002), múltiplo, com identidades fragmentadas e em constante construção. Um jovem multiletrado que recombina e cria conteúdo cotidianamente, a partir da apropriação das informações acessadas. O aprendizado não é mais linear e baseado na memorização de conteúdo. Aprende-se de forma difusa, acessando informações diversas, em fontes diversas, a partir de interações também diversas. Aprende-se de forma coletiva, a partir

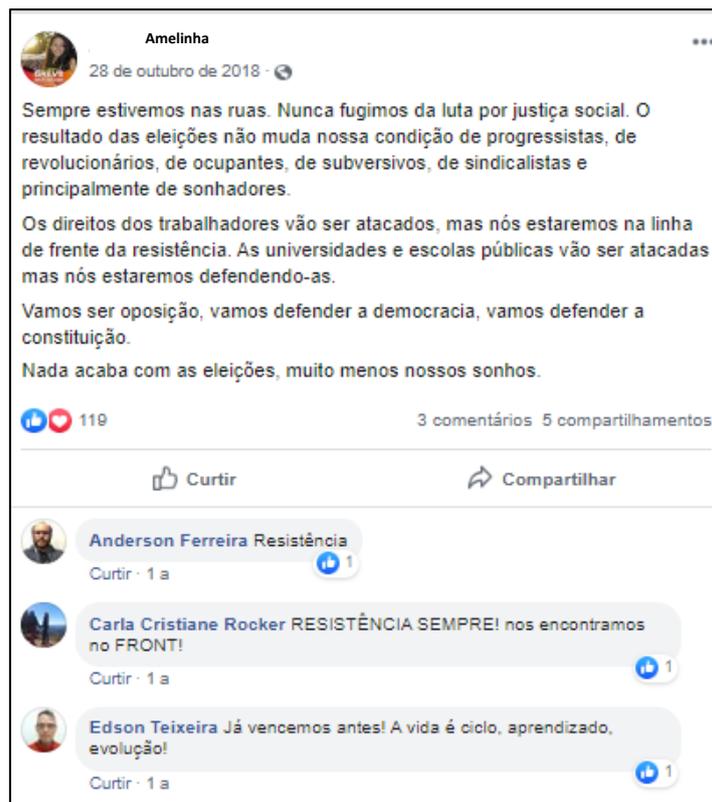
dos saberes individuais compartilhados. E de onde vêm esses saberes individuais? Como eles são constituídos por cada um de nós?

O processo de apropriação de conhecimentos, neste caso o político, não acontece no vazio, pelo contrário, ele surge dentro de um contexto determinado, dentro de um grupo social, de uma comunidade. As nossas práticas sociais são herdadas e funcionam como base para a construção de nossos saberes individuais, ou seja, somos quem somos porque estamos imersos em uma comunidade e com hábitos, costumes e vivências específicas, que estimulam e influenciam a construção do nosso eu. O que sabemos se relaciona diretamente com o que vivemos, com as práticas sociais que acessamos durante a nossa vida em sociedade. Essas práticas estão diretamente ligadas à própria concepção do conceito de letramento político que, como vimos, é uma construção processual. Não há como adequá-lo a todas as pessoas, em todos os contextos sociais, culturais e políticos. Amelinha realizou três postagens, que trazem as marcas de seu letramento político, no mesmo dia, 28 de outubro de 2018. Todas tratavam do tema Democracia, a partir de sua perspectiva, fruto, como vimos, de suas práticas sociais cotidianas.

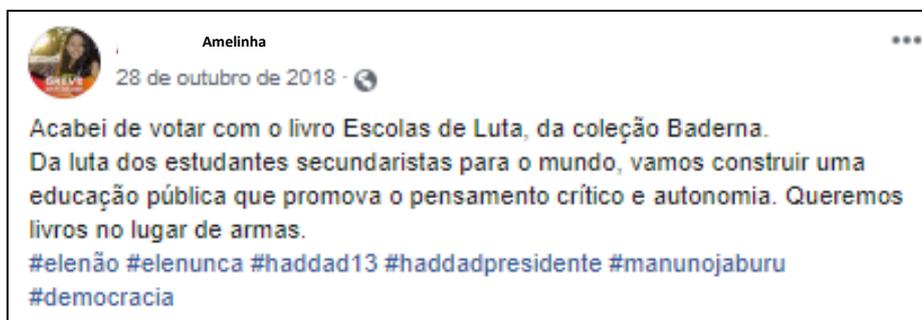
**Figura 09:** Reprodução de postagem de Amelinha: Democracia e eleições CASP



**Fonte:** Print de postagem do Facebook feito pela autora

**Figura 10:** Reprodução de postagem de Amelinha: Democracia e eleições 2018

**Fonte:** Print de postagem do Facebook feito pela autora

**Figura 11:** Reprodução de postagem de Amelinha: Democracia e votação 2018

**Fonte:** Print de postagem do Facebook feito pela autora

A postagem representada na Figura 09, ocorre no contexto das eleições para o Centro Acadêmico Sobral Pinto (CASP), da PUC/PR. Amelinha pontua a importância da criação de uma chapa que se posicione a favor da liberdade, da autonomia, da dignidade humana e da democracia. Trata-se de uma mobilização de campanha estudantil, na qual a jovem utiliza o Facebook para expressar a sua opinião e posicionamento político.

Nas figuras 10 e 11, Amelinha refere-se às eleições presidenciais de 2018. Na Figura 11, Amelinha participa de uma mobilização nacional, surgida no seio das redes sociais, que estimulava os eleitores a levarem livros para a cabine de votação. A campanha tinha como objetivo reforçar o papel da educação na formação democrática e cidadã do povo. Amelinha destacou, em sua postagem, a luta dos estudantes secundaristas por uma educação pública de qualidade, que promova o pensamento crítico e autônomo, características, vale destacar, fundamentais para a construção do letramento político.

Por fim, Amelinha, após o resultado das eleições 2018, na Figura 10, posta um texto reforçando que mantém o seu espírito de luta e seu posicionamento progressista em defesa da democracia.

Nessas postagens, Amelinha demonstra sua habilidade de interação política, na medida em que apresenta uma apropriação de saberes do campo político, dessa forma, a jovem revela seu letramento político, ao se apropriar de conceitos e códigos do âmbito político, de forma a transitar, a partir deles, por diversos temas, travando diálogos diversos com seus pares, no Facebook. Esses debates são importantes, não apenas para exercitar e ampliar seu letramento político, mas também para compartilhá-lo publicamente oportunizando, por vezes, a construção do conhecimento político de seus interlocutores.

Compreender a apropriação de práticas sociais relacionadas ao exercício da política por diferentes indivíduos e em diferentes contextos requer adequações, que dependem dos valores, do estágio de desenvolvimento do grupo social em questão e do momento histórico em que se encontra a humanidade. O letramento político é construído no convívio diário em casa de forma diferente do que é construído na escola que, por sua vez, é distinto do que é construído nas redes sociais na internet, mas existe uma interdependência entre eles e, por isso, precisam ser vistos pelo prisma da complementaridade. No Facebook, essa interdependência se evidencia quando percebemos que para participar politicamente desse espaço é necessário saber ler o mundo, neste caso, o digital conectado. Essa compreensão sobre o letramento parece familiar aos sujeitos desta pesquisa, que apontaram para os benefícios da construção coletiva do conhecimento, mediados pelo Facebook; porém também destacaram os perigos de se transitar por esse espaço sem saber lê-lo, como destaca Pagu, em entrevista:

Não podemos esquecer que precisamos saber usar [o Facebook], porque da mesma forma que nos beneficia, podem nos trazer grandes problemas. Eu procuro usar o Facebook da maneira mais segura possível porque tudo que compartilho ou curto, analiso antes. Até mesmo pela grande quantidade de *fake news* que a gente vê diariamente, isso já é um passo muito grande, porque vejo a quantidade de pessoas que postam notícias falsas porque não procuraram informações corretas.

A fala do sujeito de pesquisa destaca um ponto crucial: é preciso saber flunar nas redes sociais identificando e filtrando as informações para construir e compartilhar conhecimento, a partir de dados legítimos, é preciso letrar-se para navegar no ciberespaço, é preciso conhecer formas de transitar criticamente por esse fluxo informacional. Nessa linha, Castells (2019)<sup>39</sup>, afirma que estamos vivendo “a era da informação desinformada”. Para o autor, “nosso mundo da informação é baseado nas redes sociais, e nas redes sociais há de tudo”. Temos acesso a uma infinidade de informações, mas pouca competência para interpretá-la criticamente. O discurso de Pagu reforça que navegar no universo das redes sem orientação impede a seleção e avaliação das informações e a utilização eficaz dos conteúdos acessados. Dessa forma, o processo de apropriação, fundamental para a construção do letramento político, fica comprometido. É preciso aprender a ler o conteúdo que acessamos de forma consciente e crítica, como afirma Pretto (2017, p. 5-6):

[...] agora é mandatório ampliar essa percepção da leitura. Uma leitura do mundo que inclua a leitura das imagens que circulam de forma frenética pelas redes e pelas ruas; a leitura do corpo cada vez mais preso a *gadgets* eletrônicos; a leitura dos códigos de programação dos computadores; e a leitura dos ambientes.

Essa leitura crítica da informação, associada à construção do conhecimento político, aponta para a terceira dimensão do letramento político: o *Exercício da Política*. Não basta conhecer os códigos políticos como filiação a um partido, participação em campanhas como militantes ou engajamento eventual em alguma causa específica. Trata-se de uma compreensão tanto das relações de poder institucionalizadas pelo Estado quanto das relações cotidianas nos diversos espaços sociais como em casa, no trabalho, na igreja, no círculo de amigos.

Ler o mundo criticamente nos permite compreender a política e praticá-la em suas diversas instâncias, seja nas práticas institucionalizadas, seja em nossa rotina

---

<sup>39</sup> Excerto de entrevista concedida por Castells ao Portal Vermelho, em julho de 2017. Disponível em <https://vermelho.org.br/2019/07/17/manuel-castells-voces-estao-vivendo-um-novo-tipo-de-ditadura/>. Acesso em 08 fev. 2020

diária. A política está em cada decisão que tomamos ao longo do nosso dia, está vinculada organicamente à nossa vida em sociedade, a própria concepção de uma vida em sociedade é política. Educar é um ato político.

Os jovens entrevistados afirmaram que o Facebook é a rede social que disponibiliza um conteúdo político mais aprofundado e, por isso, para eles, esse é um espaço onde muitas pessoas interagem politicamente como afirma Pagu: “O Facebook é a rede social na qual eu mais me manifesto sobre política e aprendo também”.

Como vimos, no Facebook, os debates são pautados por diversos temas, a depender do assunto que está em voga no momento. Na figura a seguir, Herzog leva ao Facebook discussões sobre a flexibilização do porte (direito de carregar) e da posse (direito de ter em casa) de arma, um projeto<sup>40</sup> que integrava o plano do atual governo que tem defendido a implantação da medida como uma forma de combater a situação de violência que o país atravessa. Esse projeto provocou grande polêmica e agendou diversas discussões, sobretudo, nas redes sociais, como podemos ver na postagem de Herzog:

**Figura 12:** Reprodução de postagem de Herzog: flexibilização do porte de armas



**Fonte:** Print de postagem do Facebook feito pela autora

<sup>40</sup> Conhecido como PL das Armas, o Projeto de Lei 3.713/2019 está em análise na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ).

Na imagem, podemos perceber que o assunto gerou uma discussão entre o sujeito e um de seus seguidores/interlocutor, cuja opinião diverge da de Herzog. no que diz respeito à concessão de porte e posse de armas. Ambos argumentam, revelando seu posicionamento sobre o tema a partir de um repertório, composto por informações acessadas, as quais constituem sua forma de ver e estar no mundo, e também pela ótica de quem vivencia (ou quem sabe, experiência) a violência.

Herzog, em outra postagem realizada no mês seguinte, retoma a discussão sobre a flexibilização do porte e posse de arma, a partir de um acontecimento que movimentou discussões políticas no país: o atentado ao então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, durante um evento de campanha, em Minas Gerais.

**Figura 13:** Reprodução de postagem de Herzog: comentário sobre atentado contra Bolsonaro



**Fonte:** Print de postagem do Facebook feito pela autora

Herzog argumenta sobre a violência sofrida por Jair Bolsonaro e sobre o que poderia ter acontecido se a concessão do porte de arma fosse ampliada, como a proposta de governo próprio candidato previa na época. Essa habilidade de construir uma linha argumentativa para expressar suas opiniões políticas traça marcas de letramento político, na medida em que apresenta uma legítima apropriação do conteúdo, além da compreensão do contexto social e político de modo que facilita a exposição e defesa de seu ponto de vista.

É exatamente nesse processo de interação e troca que a construção do conhecimento e de visão de mundo e de sociedade desses jovens acontece. Percebe-se, pois, que os saberes não estão mais organizados em estantes dentro das tradicionais bibliotecas, pelo contrário, estão circulando livremente na rede.

O diálogo entre os jovens que a postagem de Herzog provoca, na figura 12, levamos a interpretar que o nível de letramento político de Herzog se revela ao percebermos não apenas o seu conhecimento acerca dos códigos do campo político, mas, sobretudo, a sua habilidade de interação política a partir da apropriação desses códigos, e a construção da sua argumentação balizada em conexões pertinentes com outras temáticas, que permitem apresentar o seu posicionamento de forma clara e coerente. Ao debaterem, eles constroem juntos o saber e, para Couto (2012), tudo o que fazemos juntos, por meio das conexões e das redes, é importante, uma vez que circula livremente e pode ser acessado por milhares de pessoas que também transformam esses saberes em novas e múltiplas experiências e relatos.

Quando a troca de informações acontece por meio do debate, ocorre simultaneamente a transformação desses saberes através da interpretação e apropriação que cada um faz deles. A compreensão do que é dito parte da própria experiência do sujeito que acessa a informação, ou seja, a apropriação depende diretamente das práticas sociais dos sujeitos envolvidos no diálogo, depende das mediações culturais (MARTIN-BARBERO, 1997) que eles acionam no processo de decodificação do que é incorporado.

Na cultura digital, esse processo de apropriação e ressignificação são muito mais rápidos do que na cultura analógica, exatamente porque a velocidade do acesso às informações é maior, e as juventudes contemporâneas processam as informações, sejam textos, imagens, vídeos, memes, músicas, de forma veloz e sincrônica, ao tempo em que conseguem, na mesma velocidade, gerar novos conteúdos, a partir de suas próprias recombinações, e compartilhá-las a nível global. As juventudes, em toda a sua

diversidade semântica, já nasceram imersas na era da comunicação em rede e conectada, por isso, a sua condição sociológica (PAIS, 1990), hoje, é completamente diferente da condição da juventude do século passado, por exemplo. Os jovens contemporâneos têm uma capacidade maior de se abrir para o mundo, de viver uma cultura global. Vivem o mundo ao mesmo tempo em que vivem o local (CASTELLS, 2015). Ou seja, os jovens vivenciam experiências em rede, no mundo virtual, e também presenciais, em práticas locais. E todos esses são contextos com potencial pedagógico para o aprendizado, para a construção do conhecimento. Assim, a produção de saberes se dá a partir das sociabilidades virtuais e locais, e da consequente mixagem de informações adquiridas nessas relações.

Nessa perspectiva, entendendo que educar é compartilhar saberes, é possível afirmar que as redes sociais na internet são espaços onde esses conhecimentos constituídos – a partir das relações online ou não – se encontram, fruto da participação, da troca, da colaboração, em especial, no que se refere aos saberes do campo político que, como pudemos acompanhar atualmente, têm pautado diversos debates nas redes e estimulado a participação política das juventudes, o que destacaremos na discussão da categoria seguinte.

## **6.2 Juventudes, Letramento Político no Facebook e Manutenção da Democracia**

O que é ser jovem na contemporaneidade? O tempo histórico em que vivemos, mediado pelas tecnologias da informação e comunicação, é dinâmico e acelerado. A nossa vida vem sendo reconfigurada a partir dessa nova realidade digital, fazendo emergir, entre outras coisas, uma nova compreensão sobre a juventude (LECCADI, 2006). Surgem novos padrões sociais culturais que colocam em evidência a pluralidade desses sujeitos. Pais (1990, p. 151) destaca que é preciso “passar do campo semântico da juventude, que a toma como unidade, para o campo semântico que a toma como diversidade”, ou seja, é preciso entender as juventudes para além da homogeneização, considerando as circunstâncias que marcam a vida juvenil e as múltiplas possibilidades vinculadas ao sentido de ser jovem (DAYRELL, 1999).

O jovem contemporâneo é multitarefa, comunica-se em rede e se relaciona a partir de interações online. Assim, considerando a pluralidade desses sujeitos, é preciso compreender que as formas de aprendizagens também são múltiplas, o que postula questionamentos sobre os processos contemporâneos de ensino e de aprendizagem.

No ambiente virtual, a velocidade e a possibilidade de assincronia no intercâmbio e atualização de informações, oportuniza a construção do conhecimento a partir de uma colaboração mútua.

Para Lévy (1998), vivemos hoje o espaço antropológico do saber, que é forjado por três características definidoras: velocidade da evolução dos saberes; massa de pessoas convocadas a aprender e produzir saberes; e ferramentas (as do ciberespaço) que podem fazer surgir novos conhecimentos. Exatamente por isso, jamais a evolução das ciências e das técnicas foi tão veloz e com tantas consequências diretas para a nossa vida cotidiana. Dessa forma, tornou-se impossível reservar o conhecimento para uma classe específica de especialistas. É o coletivo humano que se adapta, aprende, ensina e constrói saberes. E as juventudes são os principais atores desse processo, principalmente nas redes sociais na internet.

As RSI vêm se tornando um espaço de construção coletiva do conhecimento, e, como pode ser facilmente observado, do conhecimento político. Para além do entretenimento, esse espaço assume também características de uma esfera pública, um *locus* onde assuntos públicos relacionados ao bem-estar coletivo podem ser debatidos livremente.

O conhecimento político que é construído e disseminado nas redes sociais na internet é um grande aliado no processo de aprimoramento e manutenção da democracia. O jovem contemporâneo está cada dia mais consciente dos seus direitos e deveres, está mais atuante no cenário político e se reconhece como parte importante da sociedade. Para Cosson (2015, p. 74), a participação política dos jovens é plural em seus modos e espaços:

A participação dos jovens também acompanha mudanças geracionais e da própria sociedade, ou seja, a experiência de vida dos jovens hoje é bem distinta daquela de seus pais, quando jovens e dos adultos atuais. Isso afeta profundamente a maneira como veem e atuam politicamente.

Cosson defende que é preciso ir além dos rótulos de apatia e desconhecimento dados aos jovens e compreender que os caminhos para a participação política juvenil são amplos e plurais, assim como o próprio conceito de juventudes. Mas, como os jovens se apropriam das práticas, valores e conhecimentos necessários para a construção de seu letramento político criando novas possibilidades para a manutenção da democracia?

Para o jovem Herzog, o Facebook foi o espaço propício para a construção de seu letramento político: “O Facebook foi mega importante para a construção do meu conhecimento político. A cada dia vou me atualizando sobre o que vem acontecendo no âmbito”. A afirmação do sujeito sobre aprender um pouco mais a cada dia, no Facebook, coadua com a dimensão **processo** do conceito de letramento político de Cosson. Compreender os códigos do campo político e construir a habilidade de interagir politicamente é processual. Vamos, aos poucos, alcançando novos níveis de letramento político e isso dura a vida inteira. Essa construção, além de diária, acontece em diversos espaços, formais e informais de aprendizagem. Mas, segundo os jovens entrevistados, no Facebook ela é mais intensa, já que o acesso à informação e a dados sobre esse campo é mais simples, como afirma Marighella: “Não tenho TV em casa, me incomoda a forma como a mídia *mainstream* debate algumas questões e veicula certas notícias e estou sempre no celular. Então usar o Facebook acaba sendo mais acessível”.

Zuzu e Marighella destacam ainda a variedade de notícias que pode ser acessada a todo o momento no Facebook:

A informação chega mais rápido pelo Facebook. Tudo está no Facebook. Lá conheci temas que nunca antes havia ouvido falar, conheci assuntos, concordei com muitos e discordei de outros. Aprendi coisas desde problemas sociais até tutoriais de como fazer uma TV de papelão (Zuzu).

O que mais acompanho no Facebook hoje em dia, em geral, são posts relacionados a pautas LGBT e também de algumas lutas sociais em que a psicologia se insere (q é meu curso). Também imagens e textos produzidos por artistas (com R msm rs), informações sobre doações de animais, sobre eventos, etc. (Marighella)

Os discursos podem ser interpretados como a incorporação da realidade vivencial dos jovens nos contextos constituídos por eles nas redes sociais, os quais por sua vez, os constituem. O livre e rápido acesso à informação, inegavelmente, tem contribuído para a construção do conhecimento político, na medida em que tem permitido aos jovens conhecer a sua realidade social e interagir com ela. Os jovens produzem as interações linguísticas e criam, a partir delas, o caráter das relações sociais, mantendo poderes conquistados ou rebelando-se contra eles. Esse processo de acessar a informação e concordar ou não com ela é basilar para a construção do letramento político porque se relaciona com práticas sociais desses jovens e com a apropriação que fazem delas em contextos específicos. Além disso, a diversidade de temas e conteúdos

disponível no Facebook oportuniza ainda que as juventudes escolham em que se engajar, que causas defender, de que diálogos participar. Como é possível ver na fala de Marighella, o engajamento e vontade de luta está diretamente vinculado aos temas que lhe são caros. Isso é confirmado por Cosson (2015), ao afirmar que a participação política dos jovens se dá em demandas sociais momentâneas, relacionadas aos grupos com os quais se identificam e mantêm sentimentos de pertença.

Contudo, por mais que o livre e veloz acesso à informação seja fundamental para a construção do letramento político das juventudes, é importante ressaltar, que nem tudo que está no Facebook é informação verdadeira, nem tudo oportuniza, de fato, a construção do conhecimento; é preciso, portanto, que os jovens desenvolvam seu letramento crítico, já que, como discutimos antes, estamos vivendo um período marcado pela desinformação causada pela intensa disseminação de *fake news*.

Com a possibilidade de todo mundo ser produtor de conteúdo, o volume de informação que circula na rede aumentou de forma incalculável. O que é muito excitante, porque estamos navegando em um mar de autonomia, autoria e protagonismo. Por outro lado, imergimos na realidade das *fake news*. Passamos a ser bombardeados por notícias falsas e isso nos leva a outro patamar de compreensão e interpretação sobre a construção e difusão do conhecimento político nesse espaço. Sabemos que tipo de informação estamos consumindo no Facebook? Esse é mesmo um espaço propício para a construção do conhecimento político? Ou, na verdade, estamos experimentando um letramento reverso que nos despolitiza?

Para Moretzsohn (2017), a ideologia da era da informação induz ao aprofundamento da alienação pelo excesso de oferta. Ao mesmo tempo em que a propalada “horizontalidade” – que supostamente daria a todos o mesmo poder de voz e de influência conduz à mistificação que encobre as relações de poder, escancara as portas para a disseminação das *fake news*, instaurando um ambiente de absoluta insegurança informativa, com previsíveis consequências desastrosas (MORETZSOHN, 2017, p. 295).

Pagu revela: “Eu caí em muitas *fake news*, principalmente em 2018. Eu parecia que estava alienada, cega... Discuti com muitas pessoas por causa de *fake news*”. Marighella reforça a fala de Pagu, ao destacar que as consequências das *fake news* puderam ser observadas em grande escala, durante as eleições presidenciais de 2018.

Só aconteceu a desgraça que aconteceu por conta disso [das *fake news*]. Como o acesso à internet foi popularizado muito recentemente,

muitas pessoas não receberam instruções para lidar com o meio virtual, e acabaram consumindo e repassando as notícias mais absurdas sem, muitas vezes, não ter noção do que estavam fazendo.

A percepção de Pagu e Marighella exemplifica o poder de manipulação das notícias falsas e os perigos de transitar no ciberespaço sem critérios e habilidades necessárias para lidar com as *fake news* e evitar a desinformação.

Percebi que lia as coisas na internet e compartilhava sem ao menos checar se era verdade ou não. Eu simplesmente acreditava como se aquele espaço fosse seguro. Um dia, durante uma discussão no Facebook, um amigo me mostrou que a informação que eu acreditava ser verdade tinha sido manipulada. Era falsa. Morri de vergonha. A partir disso, comecei a verificar, buscar confirmação em grandes portais, em plataformas confiáveis (Pagu).

Pagu destaca em sua fala a importância da interação com seus interlocutores no Facebook, através de diálogos e troca de experiências, para seu processo formativo acerca das *fake news*. Evidencia-se, pois, o potencial dos debates no Facebook para a construção do letramento político, na medida em que percebemos a apropriação que o sujeito faz de práticas, conhecimentos e valores importantes para o exercício da democracia, a partir da colaboração entre seus pares e da participação política e cidadã. No momento em que ele toma consciência de sua condição de partícipe do cenário político, ou seja, apropria-se do conhecimento político, e mesmo ciente das coações que poderão incidir sobre as suas próprias práticas e sobre as possibilidades, riscos e custos de se desafiar, individual ou coletivamente, não recua, movido pelo desejo de promover mudanças em si, nas suas ações e em seu discurso e no discurso do outro com quem interage, para, por meio de ambos, transformar também a comunidade onde todos se inserem (COSSON, 2015).

**Figura 14:** Reprodução da postagem de Herzog: *fake news*



**Fonte:** Print de postagem do Facebook feito pela autora

Na imagem postada, Herzog chama atenção para a manipulação da foto verdadeira. O objetivo desta *fake news* era associar o agressor do então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Em entrevista, Herzog afirmou que compartilhou essa imagem com o objetivo de mostrar aos seus amigos que ela havia sido manipulada. “Eu queria provar que era *fake news*, mesmo achando isso um pouco óbvio. Queria mostrar a todos que a foto tinha sido alterada e que o agressor não tinha vínculo com o PT, como afirmava o senador que a postou”.

Herzog trata, em seu discurso, sobre uma característica das *fake news*: em geral, elas correspondem a textos ou imagens com conteúdo frágil, facilmente identificável como falso. Quando fala sobre seu esforço para provar que a notícia não era verdadeira, chama atenção para o fato de que, ao primeiro olhar, parece impossível que as pessoas acreditem em uma montagem como a postada por ele. O discurso de Herzog nos leva a

compreender que as pessoas que, conscientemente, disseminam as *fake news* não atuam de modo aleatório, elas condicionam as suas ações, aproveitando os instintos dos usuários, suas alegrias, seus medos e sua raiva; pois, explorando essa audiência emotiva é possível fazer com que o leitor seja influenciado a imergir em filtros-bolhas (PARISER, 2012), ou seja, uma personalização da experiência de navegação do usuário, a partir de uma seleção do que ele mais vê, ouve ou faz na rede. Assim, as informações chegam até ele, de forma insistente e sistemática, visando a um determinado fim. No caso da figura 14, o objetivo era o de associar a imagem do agressor ao partido de oposição. E, como as pessoas, já estavam sendo bombardeadas por notícias dessa natureza e tornaram-se pré-dispostas a confiar em conteúdos similares, acabam legitimando a imagem, sem ao menos apurar a veracidade dos fatos.

Ao postar, em seu Facebook, a imagem original, na tentativa de persuadir seus seguidores (ou não) a perceberem as marcas que caracterizam a imagem falsificada, isto é, a *fake news*, Herzog apresenta seu nível de criticidade e sua habilidade de interação com informações do campo político, no Facebook. Para identificar e desqualificar uma informação falsa é preciso conhecer o espaço em que se transita, sua dinâmica e suas características, e isso não acontece no vácuo, porque se expressa ou realizado no processo social. O letramento político, como prática social exige do sujeito questionar-se. Nesse caso, Herzog chama atenção para a necessidade de se perguntar, diante da falsificação da imagem: qual o seu propósito? Serve aos interesses de quem? Pois, sabemos que a linguagem imagética é poderosa como prática social; ela poderá manter e produzir instituições e organizações. O sujeito que tem seu letramento político desenvolvido, poderá interpretar o propósito social desta postagem feita por Herzog que apresenta o ser humano nas ordens sociais, seus propósitos sociais e os interesses a que serve.

Essa habilidade é fruto de suas práticas sociais, suas mediações culturais, constituídas ao longo da vida, que o permitem demonstrar seu nível de letramento político, a partir da capacidade de participação consciente e crítica, que o condiciona a buscar a veracidade dos fatos e quebrar a audiência emocional das *fake news* nesse espaço.

O percurso semântico percorrido por Herzog, até a identificação da notícia falsa, não é simples, porque ainda não temos formação para fazer a leitura dessa nova mídia.

Lévy (2000) afirma que ainda não se conhece completamente o ciberespaço. Trata-se de um *locus* imprevisível, cheio de desafios e incertezas. Cheio de

possibilidades para o bem e para o mal, inclusive no que se refere à construção do letramento político.

Nesse sentido, a qualidade da **apropriação** que se faz do conteúdo acessado é muito importante, porque esse processo de incorporar a informação que se lê relaciona-se às práticas sociais de cada um de nós, quem somos, de onde viemos, que mediações culturais (MARTIM-BARBERO, 1997) acionamos no momento em que estamos recebendo e interpretando aquela informação.

A grande questão é que a relação com a informação recebida e a sua compreensão deixaram de ser lineares. Deixaram de depender apenas do receptor. Porque ele, sem perceber, passou a ser manipulado pelos algoritmos, através da exploração da audiência emotiva. Em outras palavras, os algoritmos constroem bancos de dados sobre cada um de nós, com base nos rastros que deixamos na internet. Com essas informações em mãos, eles passam a oferecer um conteúdo personalizado. Assim, os algoritmos “criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos ou sobre o que vamos fazer ou desejar seguir” (PARISER, 2012, p. 14).

Imergimos em bolhas, acessando na rede apenas o que queremos que vejamos com base nos dados que enviamos diariamente, em cada acesso, em cada pesquisa. Sabendo do que gostamos ou não, os algoritmos regidos pelas grandes corporações da internet, manipulam nossas emoções. Por isso, por vezes, não conseguimos classificar uma notícia como absurda, porque em algum momento já pensamos nela daquela forma, e os algoritmos captaram isso, através dos rastros que deixamos. Se não acreditamos que ela é absurda, não nos aprofundamos na apuração e passamos adiante. Ainda sobre isso, Marighella faz uma observação importante:

A disseminação de *fake news* no Facebook é destrutiva. Até onde sei, essa rede social não tem muitos critérios para filtrar as postagens e não orienta as pessoas sobre como postar notícias (algumas pessoas divulgam notícias falsas sem saber e sem intenção) e nem como identificar posts falsos também. E sem esses critérios as *fake news*, intencionais ou não, circulam livremente na rede.

Marighella põe em discussão a fragilidade das redes sociais, hoje, no sentido de não oferecem suporte para que possamos navegar com segurança no que se refere ao acesso às informações. O sujeito faz uma leitura crítica do espaço informacional em que transita, o que nos leva a entender que ele demonstra certa maturidade e criticidade leitora ao compreender a necessidade de o leitor-navegador acessar informações e dados cuidadosamente para não ser manipulado pelas notícias falsas.

Nesse contexto, a discussão sobre o letramento político nas redes sociais nunca foi tão importante, para que possamos refletir sobre como práticas políticas na rede podem contribuir para a construção do letramento político das juventudes.

A percepção clara dessa manipulação provoca nos jovens o ímpeto de assumir a autoria de seu percurso formativo nas redes sociais na internet, construindo seu letramento político por uma necessidade de participação consciente e crítica, que oportunize a busca pela veracidade dos fatos e quebre a supremacia da audiência emocional das notícias falsas. Atentos a essa questão, os jovens buscam soluções para evitar a desinformação na rede, como afirma Marighella.

As fake news são notícias que deturpam a realidade, geralmente em função de algum interesse político. Para identificar, eu observo por onde ela chegou, a qualidade do conteúdo, a fonte e o conteúdo em si, pesquisando em outros sites informações que corroborem a notícia.

O jovem, como vimos, frisou que as redes sociais não possuem critérios de filtragem das postagens ou de orientação das pessoas sobre identificação de *fake news*, contudo, para flunar por esse espaço, o sujeito criou seus próprios procedimentos, o que se alinha com o pensamento de Lévy (1998) ao nos apresentar o Espaço do Saber enquanto projeto. De acordo com o autor, para construir conhecimento diante desse dilúvio informacional é necessário adotar meios que auxiliem os sujeitos a navegar, ou seja, a ler criticamente as informações acessadas, interpretando-as.

Ao conduzir seu acesso ao conteúdo das redes sociais de maneira consciente e crítica, entendemos que Marighella amplia seu letramento político, na medida em que se apropria criticamente do conhecimento acessado para interagir com a informação, dando a ela sentido e significado. Ou seja, a leitura que o jovem precisa fazer no ciberespaço não é apenas aquela dos códigos. É preciso ler o mundo digital, de modo a compreender suas características e potenciais, seus deslizos, seus equívocos. Nessa linha, Pretto (2017, p. 5-6) ressalta a nova dimensão que a leitura ganha na contemporaneidade, para além da associação com as letras e números.

Se antes já era desejável não ficar nessas duas dimensões do ler, agora é mandatário ampliar essa percepção da leitura. Uma leitura do mundo que inclua a leitura das imagens que circulam de forma frenética pelas redes e pelas ruas; a leitura do corpo cada vez mais preso a gadgets eletrônicos; a leitura dos códigos de programação dos computadores; e, a leitura do ambiente.

Para transitar na rede, é necessário desenvolver habilidades que permitam ao leitor seguir roteiros multilineares, é preciso saber ler os diversos códigos da cultura digital e processá-los de forma rápida, simultânea e consciente. Dessa forma, é importante frisar, para analisarmos os modos de aprender, é necessário concebê-los a partir do prisma da cultura digital.

Para Cosson (2016), existem três maneiras básicas de se pensar os processos formativos: a aprendizagem difusa, são as tradições da sociedade em que vivemos; a aprendizagem informal, aprendemos pela experiência do dia a dia; e a aprendizagem formal, aquela do sistema escolar tradicional. O letramento político é, segundo o autor, o resultado da soma desses modos de aprender, em diferentes espaços; ou seja, é a partir da mixagem dessas formas de aprendizagem que ocorre a educação para a democracia. “A educação para a democracia é um processo contínuo, que dura a vida inteira. É um aprendizado que se faz todos os dias, em diversos ambientes. Aprendemos democracia e cidadania dentro e fora da escola” (COSSON, 2016).

Nas sociedades democráticas, o **exercício da política**, enquanto vida em comunidade, deve ser entendido como a própria democracia (DEWEY, 1939, *apud* COSSON, 2015), que é uma mixagem das aprendizagens difusa, formal e informal citadas por Cosson (2016). Porque aprendemos vivenciando as tradições, aprendemos com a experiência diária a partir de interações sociais e práticas cotidianas, e aprendemos formalmente os códigos éticos e sociais, e as práticas que regem uma sociedade democrática. Amelinha entende que no Facebook acontece a aprendizagem por experiência. Trata-se de um espaço que oportuniza a prática política a partir de interações sociais online, como destaca:

[No Facebook] você tem acesso a mais informações e tem mais pessoas para conversar, além de poder participar de discussões diferentes, né?. Eu batia muito boca na internet, assim... nos comentários. E acho que, de uma maneira ou de outra, essas discussões ajudam porque você conversando, vai curtindo, vai debatendo ideias. Todos esses diálogos contribuíram muito para o meu processo de construção pessoal e de posicionamento político. [O Facebook], também foi muito fundamental para as ocupações<sup>41</sup>, né? Tanto para articulação quanto para concretização [da mobilização].

---

<sup>41</sup> A jovem refere-se às ocupações das escolas secundaristas e de universidades, que aconteceram em 2015 e 2016, em vários estados brasileiros, fruto de uma mobilização contra a reforma do ensino médio e o projeto Escola sem Partido.

O discurso de Amelinha nos leva a interpretar que os jovens estão experienciando práticas políticas nas redes sociais na internet e essas vivências têm se mostrado importantes para a construção do conhecimento político. A jovem destaca em sua fala, por exemplo, as contribuições do Facebook para as ocupações de 2016, como RSI fundamental para estabelecer conexões entre os secundaristas e para mobilizar outros jovens para a luta, proporcionando o estabelecimento de uma rede de diálogo dos secundaristas, entre si, e entre eles e a sociedade. Percebemos, então, que o ativismo nas redes sociais tece o letramento político dos jovens, somado a outras práticas políticas (COSSON, 2015). O que também se confirma ao analisarmos a figura a seguir:

**Figura 15:** Reprodução da postagem de Amelinha: mobilização contra a Reforma da Previdência



**Fonte:** Print de postagem do Facebook feito pela autora

A postagem trata de uma convocação para participação de uma greve geral no dia 14 de junho contra a reforma da previdência. Amelinha se utiliza do Facebook para divulgar a convocação e estimular participação das pessoas na mobilização, que aconteceu na rua. Ou seja, a mobilização foi online, mas o ato foi presencial. Práticas políticas distintas, porém, complementares, são características do fazer político na contemporaneidade. Esse constante exercício da política, com mediação das redes sociais na internet, chama atenção também para o protagonismo político das juventudes

e sobre a importância dos jovens para o futuro da humanidade, como reforçam Pagu e Herzog:

Somos a geração que pode salvar o nosso país desse desequilíbrio, podemos fazer a diferença. Tudo o que fizermos hoje, refletirá em nosso futuro (Pagu).

Os jovens são a nova geração da política, trazem a esperança da nova política (Herzog).

Os sujeitos pontuam o potencial transformador das juventudes na contemporaneidade. Segundo eles, as mudanças que os jovens provocam hoje, irão refletir no futuro da humanidade. Assim, é possível interpretar, nas palavras desses dois sujeitos, que os jovens se responsabilizam pelo futuro da humanidade, ao se reconhecerem como agentes transformadores, como sujeitos ativos e atuantes na sociedade, clarificando mais uma vez o pleno exercício da política.

Para Castells, a única coisa que sabemos do futuro é que será definido pelos jovens. “Em geral, na história, os jovens sempre se revoltam [...] sempre há uma tensão entre a geração adulta e a geração jovem, que vem com ideias novas, com energia maior e com um mundo aberto de possibilidades” (CASTELLS, 2015). Um exemplo disso é a filiação de Amelinha a um partido político, reforçando o seu interesse em participar politicamente, considerando as diferentes práticas políticas, online e off-line, que constituem a contemporaneidade. A jovem, mesmo já desenvolvendo práticas políticas no Facebook e em outros espaços informais, sentiu a necessidade de se filiar a um partido político para conseguir participar mais efetivamente da prática política do país.

**Figura 16:** Reprodução da postagem de Amelinha: filiação ao partido político

**Filiação ao Partido dos Trabalhadores**  
27 de julho de 2018

As vésperas das eleições tomo uma importante decisão que norteará meus próximos passos. Hoje me filei ao Partido dos Trabalhadores.

Há dois anos, quando subi na tribuna da Assembleia Legislativa do Paraná, eu tinha um sonho, uma luta e muitas incertezas. Desde então minha vida se transformou, conheci pessoas de todos os cantos e tive inúmeras experiências que me levaram a uma importante reflexão. Desde que ocupei minha escola e mergulhei na política decidi que não tomaria uma decisão importante como uma filiação partidária de maneira relapsa. Por ser uma pessoa de sorte estive sempre cercada de gente que me orientaram sobre a calma que eu deveria ter em relação a essa decisão. Muito sabiamente meus pais me deram toda a segurança que eu precisava, principalmente mantendo vivos os meus sonhos e minhas esperanças. Com firmeza e como quem conhece bem a vida o Presidente Lula pediu que, antes de me filiar, eu deveria primeiro terminar o ensino médio, entrar na faculdade, começar a responder por mim mesma e compreender melhor a dinâmica política.

Hoje me filiei por entender que é insustentável permanecer com o Brasil na situação de calamidade que infelizmente está sendo submetido. Minha filiação ocorre porque entendo que a juventude tem que ocupar todos os espaços e fazer a sua própria política. Sei que os jovens não precisam sujeitar-se as artimanhas sujas do jogo político. Alguns afirmam que pensar assim é ser inocente perante a vida real. Mas, entre submeter-se a pura disputa de poder por egoísmo ou ficar com a inocência, eu escolho a virtude de quem quer lutar por justiça social. Sendo assim, escolho aprender a fazer política sem jamais negociar meus princípios e perder o pudor.

O nosso País vive um momento de retrocessos sociais e de judicialização e criminalização da política. Nesse contexto decido assumir um partido, uma ideologia e um compromisso. No meio das minhas incertezas, hoje tenho a convicção que não se muda a estrutura sem estar disputando-a.

Contudo, para além disso, também me filio por um homem que na minha percepção foi o melhor Presidente que o Brasil já teve.

#LulaLivre #PartidoDosTrabalhadores

**Fonte:** Print de postagem do Facebook feito pela autora

Amelinha afirma, em sua postagem, que, mesmo desacreditando a política brasileira face ao cenário de corrupção, decidiu se filiar por entender que para fazer a diferença precisa antes fazer arte:

Hoje me filiei por entender que é insustentável permanecer com o Brasil na situação de calamidade que infelizmente está sendo submetido. Minha filiação ocorre porque entendo que a juventude tem que ocupar todos os espaços e fazer a sua própria política. Sei que os jovens não precisam sujeitar-se as artimanhas sujas do jogo político. Alguns afirmam que pensar assim é ser inocente perante a vida real. Mas, entre submeter-se a pura disputa de poder por egoísmo ou ficar com a inocência, eu escolho a virtude de quem quer lutar por justiça social. Sendo assim, escolho aprender a fazer política sem jamais negociar meus princípios e perder o pudor. O nosso País vive um momento de retrocessos sociais e de judicialização e criminalização da política. Nesse contexto decido assumir um partido, uma ideologia e um compromisso. No meio das minhas incertezas, hoje tenho a convicção que não se muda a estrutura sem estar disputando-a.

O discurso de Amelinha reforça que participação política dos jovens não migrou para as redes sociais. Ela continua nas ruas, nos grêmios estudantis, nos partidos políticos, mas ganhou amplitude através das redes; ampliou seu escopo e potencial de mobilização. Ela escolhe se partidizar para intensificar a luta pelos seus ideais. Além disso, ao afirmar que, ao se filiar, ela escolhe “aprender a fazer política”, reafirma o potencial formativo dos espaços tradicionais, enquanto importante vivência política para o seu aprendizado, sobre o campo político.

Percebe-se, então, que a jovem se apropria das práticas políticas exercitadas na rede e também fora dela, ampliando o letramento político. Os saberes constituídos nesse processo são replicados no Facebook, através de curtidas, comentários e novas postagens, e também fora dele, já que a interação dos jovens com esse novo conhecimento adquirido também extrapola a rede social digital, através de suas práticas locais, em suas comunidades e escolas. Esse processo é contínuo e importante para a manutenção da democracia.

Nesse contexto, qual seria o papel do sistema escolar na construção desse letramento político constituído no Facebook? Como a escola se apropria do conhecimento político que o jovem constrói no Facebook? Esses questionamentos nos levam à discussão da categoria seguinte.

### 6.3 “Obsolescência” da Educação Formal e a (des)apropriação do letramento político construído pelas juventudes no Facebook

O aprendizado ocorre de todas as formas, no decorrer da vida, na permanente conectividade entre os indivíduos. Todos os processos, vitais e cognitivos, convergem na constituição de um ser que se auto-organiza (TRINDADE, 2010, p.19)

Início a reflexão desta categoria de análise reforçando o caráter ubíquo da aprendizagem. Aprendemos em qualquer lugar e de diversas formas. Essa afirmação, também defendida por Couto (2014), é a justificativa para o uso, pelo autor, do termo educação no plural. O que existem hoje, a partir da cultura digital, são educações. Uma mixagem das diversas formas de ensinar e de aprender, nos mais diversos espaços, sejam eles formais ou informais, institucionalizados ou não.

Ainda que a escola e os professores se recusem a interagir com o aprendizado em rede, a vida conectada é uma realidade. E dizer que a escola não está conectada é um equívoco. Para COUTO (2012), como boa parte da população acessa internet por meio de dispositivos móveis, independentes da infraestrutura tecnológica das escolas, a sala de aula já está conectada por meio da conexão dos alunos.

As redes sociais fazem parte de tudo aquilo que hoje estruturam a nossa vida cultural e pessoal, elas organizam a nossa vida e falam daquilo que nós somos. Nesse sentido, elas podem ser consideradas como ambientes propícios para fazer educações no plural, para aproximar as pessoas, para estabelecer laços importantes (COUTO, 2012).

Contudo, mesmo compreendendo essa realidade como posta, é preciso tecer reflexões sobre a função desempenhada, de fato, pelo sistema escolar na contemporaneidade. E para, Castells (2014), o que vivenciamos hoje é a obsolescência da educação formal.

Segundo o autor, a aprendizagem em grande parte das instituições formais de ensino é ultrapassada porque persistem em reproduzir uma pedagogia baseada na transmissão de informações. Os jovens estão vivendo a cultura digital, enquanto as escolas pertencem a uma cultura analógica, que remonta a Idade Média. Assim, há uma dissonância cognitiva (CASTELLS, 2015).

Não necessitamos mais de transmissão de informação porque ela está em toda a internet [...]. O que precisamos são critérios para busca-la e para combiná-la nos projetos intelectuais, pessoais e profissionais que cada um tem. É essa capacidade de dar poder intelectual que a escola tem que transmitir (CASTELLS, 2014).

A partir desse percurso reflexivo, chego à construção do letramento político dos jovens na contemporaneidade e ao seguinte questionamento: considerando as diversas educações e os processos de mixagem que as constituem, como as juventudes podem letrar-se politicamente, no contexto da cultura digital, se convivem, ao mesmo tempo, com a obsolescência da educação formal contemporânea?

Enquanto **processo**, o letramento político não é uma habilidade que se adquire ou um conhecimento facilmente mensurável. Trata-se de um aprendizado que dura toda a vida e acontece de diversas formas e em diferentes espaços.

Na construção do letramento político, da educação para a democracia (COSSON, 2015), existe, de fato, uma mixagem entre os saberes constituídos a partir das experiências em rede e as aprendidas em sala de aula, definidas nos currículos de curso? Em entrevista, os sujeitos emitiram opinião a respeito do posicionamento da escola em relação ao letramento político dos jovens que a frequentam:

[A escola] não consegue lidar nem com o conhecimento político que eles “tentam” passar, sabe... É tudo muito superficial. Então, lidar com o conhecimento que é aprendido fora é muito difícil porque vem com uma carga negativa, né? Na verdade, a gente é ensinado a demonizar a política, então, quando a gente traz esse conhecimento político, quando a gente traz uma experiência política ou uma tentativa de fazer política dentro da escola [...] ela é respondida de maneira muito agressiva, né? Isso é bem nítido (Amelinha).

A escola não proporciona ao aluno esse espaço, de poder falar o que quer. A escola restringe os alunos à ideia de que eles não podem opinar politicamente. O espaço só pode ser dos adultos. É uma lástima! A escola trabalha para que os alunos não tenham ideias. O importante para a escola é formar e não aprender junto com o aluno, não proporcionar ao aluno que ele opine sobre política, que ele debata sobre as questões atuais (Herzog).

Como podemos observar nas falas dos sujeitos, a percepção que os jovens têm da atuação da escola na construção de seu letramento político, e na **apropriação** que ela faz dos saberes políticos que eles constroem nas redes sociais na internet, aponta para uma realidade que segue na contramão dos conceitos e teorias que buscam dar conta deste tempo histórico em que vivemos, mas por quê?

Alguns pontos do discurso de Amelinha e Herzog são demasiado importantes e merecem destaque nesta análise: “[A escola] não consegue lidar nem com o conhecimento político que eles “tentam” passar, sabe... É tudo muito superficial. Então, lidar com o conhecimento que é aprendido fora é muito difícil porque vem com uma carga negativa”. A fala de Amelinha destaca que a escola, por vezes, tenta trabalhar conteúdo político em seus currículos, mas, não consegue desenvolver o tema de forma proveitosa, tratando o assunto sem aprofundamento, sem promover o debate, a troca de ideias. Com a ausência de espaços para debates públicos nas escolas não existe a troca de saberes entre a instituição e os alunos, o que impossibilita que o sistema escolar se aproprie do conhecimento político que os jovens constroem fora desse espaço.

Para Castells (2015), a escola insiste em reproduzir uma pedagogia baseada na transmissão de informação, desconsiderando as habilidades e conhecimentos constituídos pela educação informal. Como a escola não está preparada para interagir com o conhecimento que o jovem constrói, acaba rejeitando os saberes produzidos por eles em outros espaços. Essa relação de ensino gutemberguiana<sup>42</sup> (SANTAELLA, 2013) amplia o abismo entre a escola, o professor e o aluno.

Nessa mesma linha, Herzog afirma que “a escola restringe os alunos à ideia de que eles não podem opinar politicamente. O importante para a escola é formar e não aprender junto com o aluno”. É possível perceber, nesse excerto da fala do sujeito, sua compreensão de que o sistema escolar ainda se mantém como uma estrutura formativa tradicional, com um currículo engessado, alicerçado por práticas pedagógicas que remontam o século XV e que desconsidera o potencial dos saberes construídos em espaços informais e a horizontalidade dos processos educacionais na contemporaneidade, onde todos ensinam e todos aprendem de forma colaborativa, coletiva e conectada.

Ambas as falas são fortes e emblemáticas para se refletir não apenas sobre o papel da educação atual, mas, sobretudo, a respeito da percepção dos alunos sobre esse espaço e seu potencial formativo, principalmente no que se refere à construção do letramento político. No momento em que Amelinha afirma “a gente é ensinado a demonizar a política”, percebe-se que os jovens não se sentem à vontade para tratar desse assunto em ambiente escolar, porque acreditam que nesse espaço existe uma imagem negativa relacionada à prática política que a vincula sempre à corrupção ou

---

<sup>42</sup> Santaella (2013) considera o modelo gutemberguiano aquele que forjou o conceito tradicional de educação baseado na legitimidade da linguagem escrita e de seu veículo privilegiado, o livro impresso.

partidarismo, sem compreender tais debates como importantes para a formação cidadã e democrática dos estudantes. Assim, percebe-se que, na compreensão dos sujeitos, a escola não tem cumprido o seu papel enquanto espaço de construção de saberes ao limitar-se a um currículo rígido, desconsiderando o contexto social e político do qual faz parte.

A escola é um lugar fundamental para a construção da democracia, assim como outras agências de letramento. Ninguém nasce democrata, afirma Cosson (2016), essa é uma formação que acontece cotidianamente, a partir da soma de diversos aprendizados, em diferentes espaços, a partir das relações interpessoais, da troca de experiências. Nessa perspectiva, é possível afirmar que se aprende em todo e qualquer lugar onde a construção do conhecimento é possível e o letramento político é fruto desse **processo**, constituído a partir da integração de aprendizagens individuais e coletivas.

Aprendemos na escola, aprendemos na comunidade em que vivemos, na relação com nossos pais, com nossos amigos, aprendemos no ciberespaço. A construção dos saberes é constante e, mais do que nunca, ubíqua e coletiva.

[...] as pessoas conectadas, compartilhando experiências, criando coletivamente soluções para os problemas cotidianos, que são agentes educacionais ativos. Ou seja, a escola não é mais a sala de aula apenas, ela é todo e qualquer lugar ou ambiente de rede onde as pessoas produzem umas com as outras e aprendem o prazer de compartilhar o que descobre. E a educação não se faz mais apenas na sala de aula, a educação é tudo o que fazemos quando produzimos e compartilhamos saberes (COUTO, 2014).

E quando a escola se ausenta desse novo fazer pedagógico que emerge da cultura digital, torna-se ultrapassada e se afasta da realidade das juventudes contemporâneas, cuja construção do pensamento segue a cultura digital, condicionada por novos modos de ser e fazer, por inéditos processos de comunicabilidade.

Assim, o papel do professor, mesmo diferente de décadas atrás, mantém sua importância, deixa de ser o detentor absoluto do saber e transmissor de informação e assume a função de mediador no percurso formativo dos estudantes, ajudando-os a filtrar e dar sentido à informação que acessam na rede.

Como vimos, as interações dos jovens nas redes sociais na internet e as suas práticas políticas nesse espaço são importantes canais para a construção de seu letramento político, tal afirmação é reforçada pela perspectiva de Herzog.

[O Facebook] me ajudou a decidir o voto nas eleições passadas. Todo o conhecimento que a escola deveria passar abordando conteúdos políticos e promovendo debates, acabo acessando em outros lugares. E foi assim que escolhi o candidato que achei ideal para a nação, no caso escolhi o Fernando Haddad. Achei que as propostas do candidato oposto, no caso do segundo turno, não condiziam com a realidade. Infelizmente, os brasileiros não concordaram com o ideal que escolhi e, em minha opinião, acabaram fazendo uma escolha errônea. Escolheram o lado do retrocesso. A corrupção e o antipetismo cegaram a população.

A compreensão de Herzog sobre o cenário político das eleições presidenciais de 2018, independentemente da escolha que faz, aponta para a apropriação dos saberes do campo político, ou seja, dos códigos e regras que regem o sistema político brasileiro, constituídos em espaços diversos, sem a efetiva contribuição da escola. Além disso, demonstra o seu nível de letramento político ao evidenciar sua compreensão sobre a importância do voto ao tempo em que assume e valoriza a perspectiva democrática de respeito a diferença de opiniões e crenças.

Tal postura se confirma quando Herzog apresenta, no Facebook, sua avaliação a respeito do resultado das eleições e destaca a importância do exercício da democracia para a sociedade. Um aprendizado construído, principalmente, a partir de suas relações em rede, que é compartilhado de modo a oportunizar o aprendizado coletivo. Assim, ensinamos e aprendemos conteúdo político de modo cíclico, orgânico e infinito.

**Figura 17** Reprodução de postagem de Herzog: resultado das eleições presidenciais de 2018



**Fonte:** Print de postagem do Facebook feito pela autora

Herzog apresenta sua opinião sobre o resultado das eleições 2018 de forma clara e coerente com seu posicionamento político, destacando, inclusive, pontos que justifiquem ao seu interlocutor a motivação política de seu voto: “O antipetismo hoje falou mais alto do que o antifascismo, antirracismo, entre outros” (Herzog), porém sem desrespeitar o direito democrático ao voto. A construção do letramento que permite que esses jovens se posicionem e construam a sua habilidade de interagir politicamente está relacionada com suas práticas sociais, que carregam em si a aprendizagem de valores e conhecimentos que precisam ser apropriados para serem transformados. A apropriação que os jovens fazem das informações que acessam nesse *locus* não acontece no vazio, mas sim dentro de um contexto determinado, ou seja, suas experiências de vida em sociedade, suas experiências cotidianas. O **exercício da política** é fruto de uma mixagem entre o que aprendemos de forma difusa, formal e informal (COSSON, 2016). O depoimento de Amelinha faz alusão a esse fato:

A construção do meu discurso<sup>43</sup> foi espontânea e processual. Tive muito isso em casa. Eu sempre conversei muito muito com meus pais [sobre política]. Eles sempre tiveram essa preocupação com a minha formação política. Então, eles conversavam muito, me davam livros para ler, instigar, discutir, debater, né? Então, eu acho que uma parte é construção pessoal. Mas tem uma parte de construção coletiva, com amigos, na escola, na internet, que me ajudou muito.

Amelinha, ao descrever os caminhos que seguiu no processo de construção de seu discurso, mostra-nos a importância da integração entre as educações, entre as diversas agências de letramento, incluindo a escola, mas também para além dela, na construção do letramento político. A jovem destaca ainda o papel da construção coletiva nesse contexto, a partir das interações com seus amigos na internet. Amelinha, assim, reforça que todos esses saberes adquiridos ao longo da vida, a partir de experiências individuais e coletivas somam-se a todo o arcabouço teórico ensinado (ou não) pela escola para então se constituir em letramento político.

Contudo, mais uma vez, retomamos Castells (2014), para mencionar a obsolescência da educação formal contemporânea. Na medida em que a escola não se apropria do conhecimento que vem sendo construído nos espaços informais, ela ignora não apenas o potencial pedagógico desse *locus*, mas também a cultura digital que hoje alicerça a vida em sociedade, principalmente entre os jovens. A dissonância cognitiva<sup>44</sup> que existe entre as juventudes e a escola conduz a graves problemas para a educação contemporânea. Para ler o mundo digital, comandado por algoritmos e, como vimos, repleto de notícias que conduzem à desinformação sistemática, é preciso o apoio da escola e de professores que compreendam esse navegar, para além da técnica. Não me refiro apenas a um suporte tecnológico, falamos aqui de uma transformação cognitiva. “Não se trata do uso, porque os professores usam a internet. Trata-se da mentalidade, da forma de ver a vida” (CASTELLS, 2015).

E preciso ter certo cuidado com a ideia de usar e incentivar usos diversos das redes sociais como ferramenta educacional. Essa redução é completamente empobrecedora. Couto (2012) nos lembra que “O que todos querem é usar as redes para criar, conversar, opinar, criticar, construir subjetividades e modos de ser, produzir e compartilhar experiências, dentre elas, aquelas vividas em sala de aula”. O autor

---

<sup>43</sup> A.R refere-se ao seu discurso proferido na Assembleia Legislativa do Paraná, na ocasião das ocupações das escolas secundaristas, sobre a importância e legitimidade do movimento estudantil.

<sup>44</sup> Ao utilizar a expressão ‘dissonância cognitiva’ refiro-me ao resultado emocional proveniente de uma ação em que duas crenças distintas se chocam.

defende, pois, que as redes sociais na internet são importantes espaços de aprendizagem da contemporaneidade e que a educação, hoje, precisa ser resultado de uma integração entre os diversos ambientes formais e informais.

No que tange à construção do conhecimento político, a mixagem de aprendizados, em diferentes espaços, é o caminho da educação para a democracia e para o efetivo exercício da política. O letramento político é fruto da soma de saberes e práticas sociais de que o sujeito se apropria ao longo da vida em diferentes lugares e a partir de diferentes níveis e tipos de interação. E, tomando as RSI, como espaços contemporâneos para a construção do letramento político dos jovens, é preciso que a escola considere os saberes constituídos nesse *locus* e que se aproprie deles para ampliar e qualificar o percurso formativo do estudante. Contudo, para Pagu, não é isso o que acontece na prática no cotidiano escolar:

A maioria das escolas não valoriza [o conhecimento político]. Na verdade são raros os professores que se manifestam em relação à política em sala de aula. Eu já estudei em várias escolas e pude presenciar isso. Eu queria que isso fosse um assunto frequente nas escolas para que todos dessem importância. Todos têm o direito de aprender como funciona o sistema.

Enquanto não se estabelecer um equilíbrio entre a escola, o professor e o aluno, o pleno exercício da política estará comprometido, porque ele só acontece a partir da compreensão alinhada das relações de poder institucionalizadas pelo estado e das relações cotidianas nos diversos espaços sociais como em casa, no trabalho, no grupo de amigos conectados em rede, etc.

Esse equilíbrio perpassa pela integração das educações formal e informal, ou seja, o conhecimento que é aprendido na escola não pode ser ignorado pela sociedade, assim como o que está acontecendo na sociedade na qual a escola está inserida também não pode ser desconsiderado. Para tanto, é necessário que a escola reconheça o potencial pedagógico de outras agências de letramento e se aproprie do conhecimento produzido pelos jovens, e vice-versa, ajudando-o a ressignificá-los. Trata-se de uma relação de ensino e aprendizagem horizontalizada, tendo o professor como mediador no processo de recebimento e filtragem das informações acessadas, de modo a auxiliar o aluno em seu percurso formativo, dentro e fora da sala de aula.

A construção do letramento político é fruto desse equilíbrio, que valoriza os saberes institucionalizados e aqueles constituídos em espaços informais, e também reconhece os sujeitos em sua inteligência, constituída em seus contextos sociais de

forma individual e coletiva. Pagu explica que, na ausência do debate político na escola, os jovens buscam essa experiência no Facebook.

O Facebook contribuiu muito para que os jovens se interessassem mais pela questão política, porque como a maioria não tem acesso a esse tema na escola, o Facebook acaba sendo uma plataforma importante para acesso para nós.

Essa perspectiva apresentada por Pagu, em que o estudante busca construir seu letramento político em espaços informais, já que não o adquire no sistema escolar tradicional, está completamente desalinhada das teorias e das práticas que conduzem (ou deveriam conduzir) a educação na contemporaneidade. A escola deveria participar em dois momentos dessa construção do letramento político dos jovens. O primeiro seria na transmissão/mediação dos conhecimentos técnicos do campo político, saber imprescindível, segundo Cosson (2016) à educação para a democracia, já que essa perpassa as três aprendizagens definidas pelo autor: a difusa; a informal; e a formal, essa última, refere-se propriamente ao sistema escolar. O segundo se relaciona com a apropriação que a escola deve fazer do saber que o jovem constrói nos espaços informais, sobretudo nas redes sociais na internet. Ou seja, trata-se um movimento cíclico. E a escola tanto deveria mediar o conhecimento técnico que o jovem precisa para a construção de seu letramento político, quanto deveria apropriar-se do saber que ele constrói nas redes, ajudando-o, assim, a constituir sua habilidade de interação política.

Essa mixagem de aprendizagens e de espaços pedagógicos é fundamental para a construção do letramento político das juventudes. Nada acontece de forma isolada, não existe a substituição da educação formal pela informal. Trata-se de metodologias e espaços complementares e igualmente importantes para o percurso formativo do jovem. Para construção do letramento político, é importante uma atuação coletiva de todos os agentes de letramento. Contudo, como vimos na percepção dos jovens, a escola está muito aquém de seu papel, o que dificulta o próprio exercício da democracia.

## 7 O CAMINHAR NÃO SE ENCERRA AQUI, POIS O NOVO SEMPRE VEM

Esta investigação buscou, dentro desse tempo histórico, tecer reflexões sobre a educação e seus processos, com um recorte de objeto centrado na construção do letramento político das juventudes nas redes sociais na internet. Na busca pela resposta ao problema de pesquisa **“Como os debates no Facebook potencializam o letramento político das juventudes?”**, deparei-me com novos questionamentos e novas compreensões, porque este não é um fenômeno estático, acompanha a mobilidade do mundo contemporâneo.

O sujeito aprendente, em qualquer instância, em qualquer modelo, em qualquer perspectiva possível, é movente. Somos seres essencialmente culturais, portanto, mutantes. Nessa perspectiva, tracei objetivos que guiaram essa jornada e me ajudaram a compreender esse fenômeno ao tempo em que teceram novos questionamentos. Como primeira ação de pesquisa, a intenção foi **conhecer as formas de sociabilidade e interação das juventudes no Facebook, tomando-o como potencial pedagógico e espaço de educação informal para o letramento político.**

Conviver com os jovens no espaço-tempo desta pesquisa me levou a concluir que evoluímos constantemente, de forma orgânica e perene; que a cada processo evolutivo nos adaptamos e reconstruímos os jeitos de sermos nós, que toda evolução técnica é, por conseguinte, uma revolução cultural; que mudaram-se, as maneiras de fazer, mudaram-se as maneiras de ser, de forma cíclica e contínua; os jovens mudaram seus modos de pensar, seus valores, suas práticas sociais. Estamos todos conectados e, assim, agimos e reagimos ao mundo. Seguimos transformando e sendo transformados, sem parar, modificando a maneira como nos comunicamos, como nos relacionamos, como trabalhamos, como ensinamos, como aprendemos. Tudo novo de novo, e de novo.

A sociedade se vê atravessada por processos societários inéditos, resultantes de transformações globais, uma aceleração temporal que está criando uma nova juventude, que se desenvolve a partir de novas alternativas geradas pela evolução científica e tecnológica. Dessa forma, ao interpretar as formas de sociabilidade dos jovens, sujeitos desta pesquisa no Facebook, chego à conclusão de que, hoje, o jovem precisa ser compreendido em sua pluralidade, como um sujeito diverso, múltiplo e em constante construção. Um jovem multiletrado que vive a cultura digital e tem seu pensamento e sociabilidades condicionados por ela.

As postagens e discursos do jovem, tanto no Facebook como nas entrevistas, nos levam a inferir que as juventudes aprendem de forma conectada e mixada; aprendem, sim, no sistema escolar tradicional, mas também aprendem através das experiências de vida, da relação com o outro; aprendem a partir de interações online, aprendem de forma difusa, seguindo diversas direções.

Com este estudo, pude inferir, pois, que, na contemporaneidade, existem educações, no plural, justamente porque existem várias maneiras de aprender e de ensinar, que não apenas aquela balizada pelos marcos tradicionais, que ainda insistem em não levar em conta os contextos sociais e culturais do sujeito aprendente e as mudanças sociais e culturais que permeiam a sociedade hoje.

Os jovens entrevistados destacam a importância da ubiquidade do conhecimento. Afirmam que o conhecimento está em tudo e que aprendemos mais a cada dia. Na perspectiva desses sujeitos, o Facebook é, de fato, um espaço com potencial pedagógico para a construção do conhecimento político, na medida em que facilita o acesso à informação e permite que, conectados, possamos interagir de forma coletiva para a construção e disseminação de saberes.

A interação dos jovens no Facebook leva-me a concluir que, na educação contemporânea, todos ensinam e todos aprendem. O jovem já tem acesso irrestrito às informações; o que ele precisa é aprender a filtrá-la, a interpretá-la de modo que possa construir conhecimento e compartilhá-lo com o mundo.

Com este estudo, pude compreender o Facebook e as novas sociabilidades que emergem dele, como parte de tudo aquilo que estrutura a vida dos jovens que nele e a partir dele interagem; por estabelecer laços importante entre as pessoas, é um espaço propício para se fazer educações, com grande potencial para construção do letramento político. Afinal, nesse espaço-tempo de imersão nessa RSI, para compreender o que postam esses jovens e como revelam pela linguagem multissemiótica seu grau de letramento político, deparei-me com pessoas conectadas, compartilhando experiências, criando coletivamente soluções para problemas cotidianos, colocando-se na posição de agentes educacionais ativos.

Contudo, inferi, a partir dos discursos dos jovens entrevistados, o quanto os sujeitos se revelam inquietos com questões acerca dos perigos de se transitar pelo Facebook sem saber lê-lo. Os jovens reconhecem que é preciso letrar-se para navegar no ciberespaço, é preciso conhecer formas de transitar criticamente por esse fluxo informacional.

Ao interpretar o que dizem e o que postam os jovens na RSI aqui em questão, conclui que o processo de apropriação, fundamental para a construção do letramento político, poderá ocorrer nesse espaço, mas também poderá ficar comprometido, impedindo o próprio exercício da política e a manutenção da democracia, ponto que foi discutido no segundo objetivo desta pesquisa: **Identificar nos debates dos jovens, construídos no Facebook, marcas discursivas que revelem o letramento político.**

O diálogo com os sujeitos participantes desta pesquisa levou-me à conclusão de que, com o advento do digital, o engajamento político dos jovens ganhou novas configurações, oportunizando o surgimento de novas formas de participação política, como o ciberativismo, transmissão ao vivo de debates, mobilizações virtuais. Nessa perspectiva, as redes sociais na internet vêm tornando-se verdadeiras esferas públicas, na medida em que representam um espaço onde assuntos, relacionados ao bem-estar coletivo, são debatidos livremente, visando, sobretudo, a transformação social a partir da participação política.

Os sujeitos desta pesquisa evidenciaram que o ativismo nas redes sociais e a prática política nesse espaço, somados aos modos tradicionais do fazer político, potencializam o letramento político dos jovens, pois, a educação para a democracia é construída na interseção entre as formas de aprendizagem formais e informais. O discurso da jovem Ana Júlia, que impulsionou este estudo, dialoga com os discursos dos jovens entrevistados, cuja análise e interpretação guiou-me à conclusão de que o processo de constituição do letramento político é fruto da mixagem dos saberes incorporados por cada um de nós, enquanto indivíduos e enquanto coletivo, ao longo da vida.

O diálogo com os sujeitos destacou ainda que o engajamento político do jovem contemporâneo vincula-se às demandas sociais momentâneas, alinhadas com seus interesses, que perpassam por temas diversos, como o movimento LGBT, o direito à educação pública ou o valor da passagem de ônibus. E a participação acontece de diversas formas: desde os modos tradicionais, como filiar-se a um partido, até ter a participação restrita ao mundo virtual, assinando petições eletrônicas, participando de fóruns, mobilizando ativistas online ou interagindo em debates no Facebook.

Esse caminhar permitiu-me compreender a percepção que os sujeitos têm sobre a construção do letramento político, no Facebook, e também o potencial pedagógico que esse espaço apresenta para tal finalidade. Dessa forma, infere-se que o Facebook, de fato, apresenta características que são compatíveis com as diversas formas de

construção do letramento político das juventudes. Como já antecipado pelo questionário que definiu os sujeitos e *locus* desta pesquisa, essa é, ainda hoje, a rede social na internet que apresenta conteúdo político de forma mais aprofundada, que oportuniza ao jovem acesso à informação mais completa. Contudo, ficou claro também que o acesso não é tudo. É preciso saber transitar nesse mar de informação, para reconhecer *fake news* e evitar a desinformação.

Na era dos filtros-bolhas que nos aprisionam em caixas de conteúdo personalizados a partir dos dados que, diariamente, deixamos em cada navegação, este estudo reconhece que é possível que os jovens vivenciem um letramento político reverso, desletrando-se. Entretanto, a partir dos discursos dos jovens entrevistados, clarificou-se uma consciência acerca desse contexto de manipulação da informação, de modo a provocá-los a assumir a autoria do seu percurso formativo, construindo seu letramento político por uma necessidade de participação consciente e crítica. Os jovens demonstraram, no Facebook, uma apropriação de práticas sociais relacionadas ao exercício da política, que lhes permitiram interagir sobre temas do campo político. Esse exercício da política é fundamental para a construção do letramento político e, por conseguinte, para o aprimoramento e manutenção da democracia. Contudo, vale ressaltar que a educação para a democracia, que sustenta o conceito e as práticas que norteiam o letramento político, é fruto da aglutinação de saberes que emergem da aprendizagem por hábitos e costumes relacionados à comunidade em que vivemos; da aprendizagem informal, aquela por experiência do cotidiano; e da aprendizagem formal, a do sistema escolar.

Percebi nos discursos dos jovens entrevistados marcas do letramento político, demonstradas a partir da apropriação que eles fazem das práticas sociais que compõem o sistema político e da capacidade de interação que demonstraram, no Facebook. É importante reforçar, porém, que a construção do letramento político é um processo contínuo, que dura a vida inteira e que acontece em vários espaços e de diferentes formas. Destaco aqui, portanto, que o letramento político é resultado de práticas que acontecem dentro e fora da escola, muito embora, como relatado pelos entrevistados, a escola se mostra muito aquém de seu papel na contemporaneidade, como eles apontaram no diálogo que realizamos, a fim de contemplar o proposto no objetivo final deste estudo: **Investigar como os sujeitos percebem a apropriação, pela educação formal, do letramento político que eles constroem no Facebook.**

Os discursos dos sujeitos da pesquisa evidenciaram que o lugar que a escola deveria ocupar na construção do letramento político não é efetivamente preenchido. Os jovens relatam a lacuna que existe na atuação da escola no que se refere ao ensino dos códigos e práticas relacionados ao exercício da política e à promoção de debates sobre conteúdos do campo político. Nesse momento da investigação, a interpretação dos discursos dos sujeitos levou-me a concluir que as juventudes podem letrar-se politicamente, no contexto da cultura digital, ainda que convivam, ao mesmo tempo, com a obsolescência da educação formal contemporânea, em relação a essa temática.

A dissonância cognitiva que existe entre as juventudes e a escola conduz a graves problemas para a educação contemporânea. Para ler o mundo digital, comandado por algoritmos e, como vimos, repleto de notícias que conduzem à desinformação sistemática, é preciso o apoio da escola e de professores que compreendam esse navegar, para além da técnica. Refiro-me não apenas a um suporte tecnológico, mas a de uma transformação cognitiva. Trata-se de uma mudança de mentalidade.

Nesse ínterim, a escola deveria participar em dois momentos dessa construção do letramento político dos jovens. O primeiro seria na produção/mediação dos conhecimentos técnicos do campo político, saber imprescindível à educação para a democracia. E, nesse ponto, identifiquei, a partir do diálogo com esses jovens, que eles buscam em outras agências de letramento o conhecimento que poderia ser contemplado pelos projetos escolares, acerca dos códigos éticos e sociais, e práticas que regem uma sociedade democrática e seu sistema político.

O segundo se relaciona com a apropriação que a escola poderá fazer do saber que o jovem constrói nos espaços informais, sobretudo nas redes sociais na internet. Ou seja, trata-se de um movimento cíclico. A escola tanto poderia mediar o conhecimento que o jovem precisa para a construção de seu letramento político, quanto poderia apropriar-se do saber que ele constrói no Facebook (e em outras redes sociais), ajudando-o, a constituir sua habilidade de interação política. Entretanto, com a ausência de espaços para debates públicos nas escolas, não existe a troca de saberes entre a instituição e os alunos, o que impossibilita que o sistema escolar conheça e se aproprie do conhecimento político que os jovens constroem fora desse espaço.

O professor tem o papel fundamental enquanto mediador do aluno nessa caminhada, a partir da valorização do letramento político constituídos também fora dos muros da escola, por exemplo, no Facebook. Inferi, pelo que dizem os sujeitos desta pesquisa, que ainda seguimos na contramão desse processo. A escola estaria ainda

muito aquém do seu papel na sociedade do conhecimento. À revelia dos saberes individuais e coletivos construídos também de maneira informal, o sistema escolar mantém um currículo linear, que ignora o potencial da construção coletiva do conhecimento a partir da mobilização das inteligências individuais produzidas e compartilhadas ao longo da vida, em diferentes locais e a partir de experiências diversas.

Por isso, as discussões sobre o letramento político nas redes sociais na internet não se encerram aqui, muito pelo contrário, esse é apenas o início, um convite ao debate e à reflexão, pois, a cada novo passo surgem novos horizontes, novos questionamentos, novos aprendizados.

Por fim, retomo a citação de Antônio Gramsci que abre este estudo: “Viver significa tomar partido. Não podem existir os apenas homens, estranhos à cidade”. Sigamos tomando partido, buscando novas compreensões sobre nós enquanto humanidade e sociedade. É preciso que valorizemos o outro em sua inteligência, em sua essência, reconhecendo que o saber reside na humanidade e o conhecimento de um poderá sempre ser útil para outro.

Em tempos de luta pela dignidade, pelo respeito à diversidade, à diferença, sigamos tomando partido, da forma mais ética que pudermos. A evolução da humanidade depende do que construímos hoje, e esse, sabemos, é um movimento que não tem fim; mas, por hora, encerramos aqui, já vislumbrando o novo, que, às vezes tarda, mas sempre vem.

## 8 REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** In: O que é o Contemporâneo? e outros ensaios. SC: Argos, 2009.

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Sessões do Imaginário, v. 1, n. 20, p. 34-40, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687>>. Acesso em 17 mai. 2010.

BALDANZA, R. F. **A comunicação no ciberespaço**: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual. In: Congresso brasileiro de ciências da comunicação, 29. Brasília, 2006. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63960297667367250954516430239393812902.pdf>. Acesso em 14 mai. 2019.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari, K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BRAGA, Adriana. Netnografia: compreendendo o sujeito nas redes sociais. In: NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria; ROMÃO-DIAS, Daniela (Org.). **Qualidade faz diferença**: métodos qualitativos para a pesquisa em psicologia e áreas afins. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: São Paulo: Loyola, 2013.

BURKE, James; ORNSTEIN, Robert. **O presente do fazedor de machados**: os dois gumes da história da cultura humana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Trad. Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARRANO, Paulo. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. **Revista O Social em Questão**, Rio de Janeiro, Ano XV, nº 27: pag. 83-100, Jan./Jun2012. Disponível em [http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSocial27\\_Carrano1.pdf](http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSocial27_Carrano1.pdf). Acesso em 17 mai. 2019.

CORREIA, A.E.G.C.; LIMA, I.F. de; SILVA, A. K. A. da; Izabel França de Lima. O conhecimento e as tecnologias na sociedade da informação. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, Medellín, vol.33 nº.1, p. 1-25, jan./jun, 2010. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/rib/v33n1/v33n1a09.pdf>. Acesso em 15 mai. 2019.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Vocês estão vivendo um novo tipo de ditadura**. Entrevista concedida ao Portal Vermelho [jul. 2019]. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2019/07/17/manuel-castells-voces-estao-vivendo-um-novo-tipo-de-ditadura/>. Acesso em 11 fev. 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento político no legislativo: a experiência do programa Estágio-Visita**. 324f. Tese (Doutorado em Educação) – UFMG, Minas Gerais, 2015.

COSSON, Rildo. Letramento político: por uma pedagogia da democracia. In: COSSON, Rildo *et al.* **Educação política: reflexões e práticas democráticas**. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2010.

COSSON, Rildo. Letramento político: trilhas abertas em um campo minado. **E-Legis Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados**, v. 7, n. 7, p. 49-58, 2011.

COSSON, Rildo. **Entrevista Educação para a Democracia nas Escolas de Governo**, concedida ao canal EVC – Câmara dos Deputados, 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z7GJCQVWvC4>, acesso em Jan. 2020.

COUTO, Edvaldo S. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs.) **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 47-65. Disponível em <http://books.scielo.org/id/c3h5q/pdf/porto-9788578792831-04.pdf>. Acesso em 13 abr. 2019.

COUTO, Edvaldo S. **Educação e redes sociais, cada vez mais conectadas**. Entrevistadora: Carolina Pires, [set. 2012]. Instituto NET Claro Embratel. Disponível em <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/educacao-e-redes-sociais-cada-vez-mais-conectadas/>. Acesso em 20 abr. 2019.

DAYRELL, Juarez. Juventude, Grupos de Estilo e Identidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, dez. 1999. Disponível em: <Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n30/n30a04.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2013.

DAYRELL, Juarez. A Escola Faz as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, (24), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, set./out/nov./dez., 2003. Disponível em Acesso: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Disponível em: 06 jan. 2020.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 62-83.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989.  
FELINTO, Erick; ANDRADE, Vinícius. A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação. **Revista Contemporânea**. vol. 3, n.1, p 75-94. Janeiro/Junho 2005.

FERREIRA, Antônio Bruno Cavalcante; MACHADO, Cristiane Silva; Albuquerque, Grassinete C. de Oliveira. Por uma pedagogia dos multiletramentos – Ontem, Hoje e Sempre. **Horizontes**, v. 35, n. 2, p. 108-111, mai./ago. 2017.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. Movimentos sociais para mudar o mundo. **Entrevista Manuel Castells**. [jun. 2013]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RJY4YZ17pVE>. Acesso em 12 abr. 2019.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. Escola e internet: o mundo da aprendizagem dos jovens. **Entrevista Manuel Castells**, [jan. 2015]. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=J4UUM2E\\_yFo](https://www.youtube.com/watch?v=J4UUM2E_yFo). Acesso em 23 de setembro de 2019.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. A obsolescência da educação. **Entrevista Manuel Castells**, [Abr. 2014]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eb0cNrE3I5g>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. LTC: Rio de Janeiro, 1989.

GRAMSCI, Antônio. **Os indiferentes**: in Convite à Leitura de Gramsci. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1917/02/11.htm>. Acesso em 12 abr. 2019.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALAVAIS, Alexander. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

KERCKHOVE, Derrick de. Texto, contexto e hipertexto: três condições da linguagem, três condições da mente. **Revista Famecos**. V. 10, n. 22, p. 7-12, dez. 2003.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia: a arma secreta dos profissionais de marketing: como o conhecimento das mídias sociais gera inovação**, 2010. Disponível em [http://kozinets.net/wp-content/uploads/2010/11/netnografia\\_portugues.pdf](http://kozinets.net/wp-content/uploads/2010/11/netnografia_portugues.pdf). Acesso em 10 jan. 2019.

LEAL FILHO, Laurindo. **Quinto poder? Uma função para a mídia livre**. In: Revista Instituto Humanistas Unisinos. Ed. 254, concedida em 14 de abril de 2008. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1712-laurindo-leal-filho>. Acesso em 11 mai. 2019.

LECCARDI, C. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 35-57, 1 nov. 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Editora Loyola, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.

LIMA, C.M.G. de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.de; KAKEHASHI, S. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Rev. latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n.1, p. 21-30, janeiro 1996.

LÜDKE, Menda; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro, 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MANZINI, E.J. **Entrevista Semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiro**. In: Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2, 2004, Bauru. A pesquisa Qualitativa em Debate. Bauru: USC, 2004.

MITSUISHI, Yara. Entre graphos e ethos: uma abordagem crítica a etnografia virtual. In: RIBEIRO, J.; BAIRON, S. (Orgs.). **Antropologia visual e hipermídia**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. Uma legião de imbecis: hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 294-306, 2017.

MONTARDO, S. P.; PASSERINO, L. M. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **Novas Tecnologias na Educação**, v. 4, n. 2, p. 1-10, 2006. Disponível em: [www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25065.pdf](http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25065.pdf).

SILVA, Jovânia Marques de Oliveira e; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; e DINIZ, Normélia Maria Freire. **Fenomenologia**. Rev. bras. enferm. v.61 n.2 Brasília mar./abr. 2008. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672008000200018>. Acesso em 22 abr. 2019.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude** – alguns contributos. Análise social, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990.

PARISER, Eli. **Filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 15-24, 1997.

PEREIRA, Vinícius Andrade. Reflexões sobre as materialidades dos meios: embodiment, afetividade e sensorialidade nas dinâmias de comunicação das novas mídias. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, Unisinos, vol. 8, nr. 2, p. 93-101, 2006.

PINHEIRO, Michelle Soares. O letramento multimodal crítico: o discurso discente sobre política nas aulas de espanhol. **Rev. bras. linguist. apl.** [online]. In press. , pp. Epub Aug 20, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398201813035>. Acesso em 12 mai. 2019.

PRETTO, Nelson. Entrevista do Mês: Janeiro. Observatório de Análise Política em Saúde, concedida Janeiro de 2019. Disponível em: <http://www.analisepoliticaemsaude.org/oaps/documentos/noticias/entrevista-janeiro2019-nelsonpretto/>. Acesso em 06 jan. 2020.

PRETTO, Nelson. Entrevista: in Revista Educ. foco, Juiz de Fora, v. 23, n. 1, p. 271-278, Jan/abr 2018.

PROGRAMA RODA VIVA. Entrevista Pierre Lévy. [ jan. 2001]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DzfKr2nUj8k>. Acesso em 23 jan. 2019.

QUEIROZ, Eliane de Fátima. **Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais**. Revista Panorama, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 2-5, jan./jun. 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. ed.Meridional: Porto Alegre, 2009.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Navegar lendo, ler navegando: notas sobre a leitura de jornais impressos e digitais**. Belo Horizonte: InterDitado, 2009.

RIBEIRO, Ana Júlia. **Discurso na Assembleia Legislativa do Paraná, na ocasião das ocupações das escolas secundaristas em todo o Brasil**. [Out. 2016]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oY7DMbZ8B9Y>. Acesso em 10 mai. 2019.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Twitter e o Facebook foram às ruas. In: MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013, p. 95-100.

SIGNORINI, I. Letramentos multi-hipermidiáticos e formação de professores de língua. In: SIGNORINI, I.; FIAD, R. S. (Orgs.). **Ensino de língua**: das reformas, das inquietações e dos desafios. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012. p. 283-303.

SILVA, João Paulo de Souza; MEI, Danielle Scheffelmeier. **O que aprendemos das ocupações nas escolas em 2015 e 2016?**, Paraná: 2017. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23034\\_11802.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23034_11802.pdf). Acesso em: 06. Jan, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Autêntica Editora: Belo Horizonte, 2016.

STREET, B.V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

THE NEW LONDON GROUP. **A pedagogy of multiliteracies**: designing social futures. Harvard educational review, v. 66, n. 1, Spring 1996. Disponível em [http://hepg.org/her-home/issues/harvard-educational-review-volume-66-issue1/herarticle/designing-social-futures\\_290](http://hepg.org/her-home/issues/harvard-educational-review-volume-66-issue1/herarticle/designing-social-futures_290). Acesso em 10 mai. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO JUVENTUDES, REDES SOCIAIS E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Olá, colega!

Meu nome é Wânia Dias, sou estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Estou desenvolvendo um trabalho intitulado Juventudes e os Usos das Redes Sociais como espaço de Letramento Político, cujo objetivo é investigar como ocorre a construção do conhecimento político dos jovens, a partir do uso das redes sociais.

Este questionário é destinado para jovens com idade entre 14 e 24 anos de escolas ou universidades públicas ou privadas de todo o Brasil.

Agradeço seu interesse e disponibilidade em participar desta pesquisa. Sua identificação não é obrigatória, mas será muito útil caso seja necessário um posterior contado.

Mas fique tranquilo (a), esse questionário é sigiloso. Todas as respostas serão acessadas apenas por mim, pesquisadora responsável pelo estudo, e por minha orientadora Obdália Ferraz, professora doutora do PPGEDUC/UNEB.

Se você possui menos de 18 anos, é importante que seus pais tomem ciência da realização desta pesquisa e autorizem sua participação. Por isso, segue também um termo de consentimento para que seus pais ou responsável legal assinem.

Vamos começar?

- 1- Endereço de e-mail
- 2- Nome completo
- 3- Idade
- 4- Qual sua Cidade/Estado?
- 5- A instituição em que você estuda pertence à rede pública ou privada?
- 6- Sexo
- 7- Escolaridade
- 8- De quantas redes sociais você faz parte?
- 9- Qual a sua rede social preferida?
- 10- Quantos dias por semana você acessa redes sociais?
- 11- Para qual finalidade você mais utiliza as redes sociais?
- 12- Nas Redes Sociais, para acessar notícias, você costuma seguir com maior frequência páginas de mídias tradicionais (Ex. Jornal Nacional, Carta Capital, etc.) ou mídias alternativas (Ex. Mídia Ninja)? Por que?
- 13- Onde você costuma encontrar mais informações sobre política?
- 14- Em qual rede social você costuma encontrar mais informações sobre política?
- 15- Acompanha alguma página ou perfil sobre política?
- 16- Se a resposta à pergunta acima for afirmativa, quais páginas ou perfis costuma seguir?
- 17- Como você avalia seu nível de conhecimento político?

- 18- Como você avalia a importância das Redes Sociais para a construção do seu conhecimento político?
- 19- Como você avalia a importância do ambiente familiar para a construção do seu conhecimento político?
- 20- Como você avalia a importância do ambiente de trabalho para a construção do seu conhecimento político?
- 21- Como você avalia a importância do Horário Político Eleitoral para a construção do seu conhecimento político?
- 22- Você gostaria de ter mais espaço para aulas/debates sobre política na escola/universidade? Por que?
- 23- Você acredita que as redes sociais podem estimular a participação política entre os jovens? Por que?
- 24- O que você pensa sobre o direito ao voto?
- 25- Caso você já vote, como escolhe seus candidatos?
- 26- Você acredita que seu voto é consciente? Por que?
- 27- Você costuma acompanhar o seu candidato após as eleições?
- 28- Caso sua resposta na questão anterior seja afirmativa, em que espaço gostaria de acompanhar e interagir com seu candidato?

## APÊNDICE B

### E-MAIL CONVITE PARA OS JOVENS

Olá!

Em outubro de 2018 você participou da pesquisa on-line \*Juventudes, Redes Sociais e Participação Política\*. Lembra?

Tratava-se, como explicado na época, de uma etapa do estudo intitulado Juventudes e o uso das Redes Sociais na Internet Como Espaço de Letramento Político, que estou desenvolvendo em meu mestrado, na Universidade do Estado da Bahia.

Estamos entrando agora na 2ª etapa da investigação. Para isso, selecionamos, a partir de critérios pré-estabelecidos, seis jovens de diferentes regiões do Brasil, que responderam ao questionário. Você é um deles!

Nesta próxima fase, será realizada uma entrevista com os selecionados sobre o tema do estudo. Tendo em vista o meu campo e objeto de análise, é importante que este bate-papo seja realizado através das Redes Sociais. Minha sugestão é usar o What's App, por se tratar de uma rede com recursos e funcionalidades diversas, que podem facilitar o nosso contato.

Reforço que nosso encontro virtual será previamente agendado para não comprometer a sua rotina.

\*Espero poder contar com a sua participação nesta nova fase da pesquisa!\*

O número do meu celular é (71) 99385-7612. Se preferir, pode me adicionar no What's App para que eu possa explicar melhor como será o funcionamento da pesquisa e também para envio do termo de consentimento.

Como você possui menos de 18 anos, é importante que seus pais ou responsável legal tomem ciência da realização desta pesquisa e autorizem sua participação.

Caso tenha interesse em conhecer um pouco mais sobre o meu percurso acadêmico, por favor, acesse o meu currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0153702231823779>.

Aguardo seu retorno,  
Wânia Dias.

## APÊNDICE C



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I  
PROGRAMA DE PÓS-EDUCAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS  
CONFORME RESOLUÇÃO N<sup>o</sup> 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

### I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: \_\_\_\_\_  
 Documento de Identidade n<sup>o</sup>: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )  
 Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_  
 Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
 Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_/(\_\_\_\_) \_\_\_\_\_/

### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** JUVENTUDES CONECTADAS: AS MARCAS DO LETRAMENTO POLÍTICO DOS JOVENS NO FACEBOOK
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** WÂNIA DIAS DA CRUZ  
**Cargo/Função:** DISCENTE DO PPGEDUC/UNEB

### III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **“JUVENTUDES CONECTADAS: AS MARCAS DO LETRAMENTO POLÍTICO DOS JOVENS NO FACEBOOK”**, de responsabilidade da pesquisadora **WÂNIA DIAS DA CRUZ**, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo **COMPREENDER COMO OS DEBATES NO FACEBOOK POTENCIALIZAM O LETRAMENTO POLÍTICO DAS JUVENTUDES**.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios **FOMENTAR REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO POLÍTICO DAS JUVENTUDES NO FACEBOOK**. Caso aceite, o Senhor (a) **RESPONDERÁ A UMA ENTREVISTA REALIZADA** pela aluna **WÂNIA DIAS DA CRUZ** do curso de pós-graduação stricto sensu em **EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**. Devido à coleta de informações o senhor poderá **TER QUE DEDICAR TEMPO PARA RESPONDER À ENTREVISTA**.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o Sr (a) não será identificado. Caso queira (a)

senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor (a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr (a), caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que, de acordo com as leis brasileiras, o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### **V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

##### **PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL WANIA DIAS DA CRUZ**

**Endereço:** RUA JUIZ ORLANDO DE MELO, 118, PIATÃ, SSA/BA **Telefone:** (71) 9 9385-7612, **E-mail:** WCRUZ@UNEB.BR

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Rua Silveira Martins, 2555, Prédio da Reitoria, 1º andar- Cabula, Salvador- BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

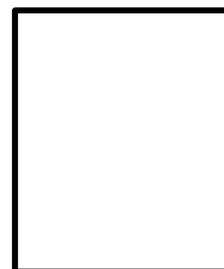
**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End:** SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

#### **V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador (a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa “ **JUVENTUDES CONECTADAS:AS MARCAS DO LETRAMENTO POLÍTICO DOS JOVENS NO FACEBOOK**”, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa



\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador discente  
(orientando)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do professor responsável  
(orientador)

## APÊNDICE D



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO MENOR  
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES  
HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

### I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: \_\_\_\_\_

Sexo: F ( ) M ( ) Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Nome do responsável legal: \_\_\_\_\_

Documento de Identidade nº: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ / (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** JUVENTUDES CONECTADAS: AS MARCAS DO LETRAMENTO POLÍTICO DOS JOVENS NO FACEBOOK
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** WÂNIA DIAS DA CRUZ  
**Cargo/Função:** DISCENTE DO PPGEDUC/UNEB

### III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Caro(a) senhor (a) seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **JUVENTUDES CONECTADAS: AS MARCAS DO LETRAMENTO POLÍTICO DOS JOVENS NO FACEBOOK** de responsabilidade da pesquisadora **WÂNIA DIAS DA CRUZ**, docente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo **COMPREENDER COMO OS DEBATES NO FACEBOOK POTENCIALIZAM O LETRAMENTO POLÍTICO DAS JUVENTUDES**. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios **FOMENTAR REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO POLÍTICO DAS JUVENTUDES NO FACEBOOK**. Caso o Senhor(a) aceite autorizar a participação de seu filho (a) ele(a) **RESPONDERÁ A UMA ENTREVISTA REALIZADA** pela aluna **WÂNIA DIAS DA CRUZ** do curso de pós-graduação graduação stricto sensu em **EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**. Devido a coleta de informações seu filho poderá **TER QUE**

**DEDICAR TEMPO PARA RESPONDER À ENTREVISTA** A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto seu filho não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA – Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem se seu filho será preservada. Caso queira (a) senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a de seu filho (a) com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr, caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que, de acordo com as leis brasileira, é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

**V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** WANIA DIAS DA CRUZ

**Endereço:** RUA JUIZ ORLANDO DE MELO, 118, PIATÃ, SSA/BA **Telefone:** (71) 9 9385-7612,

**E-mail:** WCRUZ@UNEB.BR

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

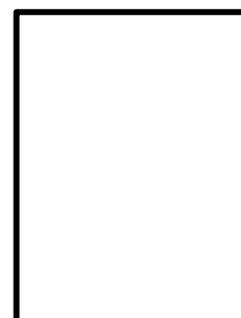
**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP** SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

**V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.**

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em autorizar a participação de meu filho(a) sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa



\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador discente  
(orientando)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do professor responsável  
(orientador)

## APÊNDICE E

### ROTEIRO

#### Entrevista semiestruturada

##### Categoria Teórico-Analítica (CTA) 1

##### Juventudes e Facebook: novas formas de sociabilidade e de construção do conhecimento

###### **Tema 1: Introdução - Concepção de internet e de Redes Sociais**

PERGUNTA: Quais as influências e transformações ocasionadas pela internet e pelas Redes sociais na sua vida?

**Pontos importantes:**

Qual a diferença entre internet e rede social?

Que tipo de informação você lê na internet?

Que tipo de informação você lê nas Redes Sociais?

###### **Tema 2 : Usos do Facebook para construção do conhecimento (ou não)**

PERGUNTA: O que significa o Facebook para você?

**Pontos importantes:**

O que você mais faz no Facebook?

Que tipo de informação você lê, curte no Facebook, compartilha e/ou posta no Facebook?

PERGUNTA: É possível aprender no Facebook?

**Pontos importantes:**

O que você tem aprendido no Facebook?

Em que espaço você tem aprendido mais?

O que você tem aprendido no Facebook que contribui ou contribuiu para melhorar sua aprendizagem na escola?

## CTA 2 – Facebook e seu potencial pedagógico para o letramento político

### Tema 1: Usos do Facebook para acesso e construção de conteúdo político

PERGUNTA: Você acha possível aprender sobre política no Facebook?

**Pontos importantes:**

Você segue alguma página/perfil sobre conteúdo político no Facebook?

Com que objetivo?

Como seleciona as páginas com conteúdo político que segue no Facebook?

Você curte, compartilha e/ou posta conteúdo político no Facebook?

Como os seleciona?

Você vê alguma relação entre o Facebook e a democratização do acesso à informação do campo político?

### Tema 2: Momento político brasileiro, Fake News

PERGUNTA: Você tem acompanhado as discussões políticas no Brasil?

**Pontos importantes:**

Em que espaço você tem acompanhado?

Tem participado de alguma forma dessas discussões?

Como é essa participação?

Que temas do campo político costuma discutir no Facebook?

Que conteúdo costuma postar sobre a política do país?

Com quem você tem debatido sobre a política do país?

PERGUNTA: Como você percebe a democracia em seu cotidiano?

**Pontos importantes:**

O que é democracia para você?

Você acha o nosso processo eleitoral democrático? Por quê?

Como você avalia a importância do Facebook para a manutenção da democracia?

PERGUNTA: Quais os perigos da Fake News em tempos de informação por toda parte?

**Pontos importantes:**

O que são Fake News?

Sabe identificá-las?

Qual critério utiliza para definir se uma informação é falsa ou verdadeira?

Como você avalia a disseminação de Fake News no Facebook?

Que impacto você acha que as Fake News, no Facebook, tiveram nas eleições presidenciais de 2018?